

SANDRA DA COSTA LACERDA

**Caminhar, aprender, criar: o quadro de
apoio das escolas**

Tese de Doutorado apresentada à
Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo

Área de Concentração: Cultura,
Organização e Educação

Orientadora:
Prof^a Dra. Maria do Rosário Silveira
Porto

São Paulo
2010

Sandra da Costa Lacerda (1962) é natural de São Paulo, Formada em Pedagogia pela USP (1993), fez o Mestrado em Educação (2003), tendo apresentado a dissertação: *Uma Escola chamada Zacaria: história, amores, rumores, ousadias*. Atua, no momento, como Diretora da Divisão de Orientação Técnico-Pedagógica na Diretoria Regional de Educação Campo Limpo, no sistema municipal de ensino de São Paulo e como Professora no Ensino Superior pela Universidade de Santo Amaro. Contato: sandra.lacerda@terra.com.br.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Lacerda, Sandra da Costa.

Caminhar, aprender, criar: o quadro de apoio das escolas - São Paulo, 2010.
83 f.

Tese (Doutorado)--Universidade de São Paulo, 2010.

1 Buscas Teóricas. 2 Projeto Inter-Escolas. 3 O Quadro de Apoio

Dedico essa tese a todos os profissionais que atuam no quadro de apoio das
escolas municipais da cidade de São Paulo

Agradeço minha irmã Patrícia Lacerda pelo apoio incondicional ao longo desses
anos.

Agradeço aos familiares e amigos pela compreensão e por todos os momentos
especiais vivenciados e compartilhados ao longo de nossa jornada.

Agradeço minha Orientadora e Mestra, Maria do Rosário Silveira Porto pelas
significativas lições, ensinamentos e amizade.

O herói moderno, o indivíduo moderno que ousa atender ao chamado e empreender a busca da mansão dessa presença com a qual todo o nosso destino deve ser reconciliado, não pode - e, na verdade, não deve - esperar que sua comunidade despenda-se dos despojos de seu orgulho, medo, sua avareza racionalizada e sua santificada má compreensão. 'Vive, diz Nietzsche, como se o dia houvesse chegado.' Não cabe à sociedade salvar e guiar o herói criador, é justamente o contrário.

Joseph Campbell

Resumo

LACERDA, S. da C. **Caminhar, aprender, criar: o quadro de apoio das escolas.** 2010. 83 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Considerando que, além dos professores e da equipe gestora, atuam nas escolas os profissionais do quadro de apoio e que pouco foi investigado nos meios acadêmicos sobre quem são, suas influências nas relações intersubjetivas que se estabelecem no grupo-escola (funcionários, alunos, docentes e equipes gestoras), delineou-se o objetivo dessa pesquisa, que é o de melhor apreender quem são esses sujeitos, como pensam, sentem e agem no cotidiano das escolas, bem como suas histórias, experiências, práticas, percurso ou o que se denominou jornadas arquetípicas, as quais favorecem a busca de um maior conhecimento acerca deles mesmos, seus avanços, limites e possibilidades. Para este fim, uma abordagem fenomenológica-compreensiva foi definida como metodologia, visando a investigar, por exemplo, as questões que mobilizaram o pessoal do quadro e influenciaram seus modos de ser, pensar, agir e sentir, a partir da participação, durante cinco anos, no Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores. Análise para a qual foram imprescindíveis as contribuições de Gilbert Durand, Cornelius Castoriadis, Edgar Morin, Michel Mafesolli, Joseph Campbell, Paula Carvalho e Carol Pearson, entre outros. Esse trabalho foi organizado em três capítulos, sendo o primeiro dedicado à introdução, ao referencial teórico e à metodologia; o segundo, ao desenvolvimento do Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores e no qual os agentes escolares, vigias e auxiliares técnicos de educação participaram; e o terceiro, que conta com relatos e histórias de alguns desses profissionais e suas respectivas jornadas. Temos, finalmente, algumas considerações acerca de quem são esses sujeitos, suas histórias e os caminhos percorridos na direção de si mesmos.

Unitermos: quadro de apoio, projeto inter-escolas, arquétipos, jornada interior, dimensão educativa.

Linha de pesquisa: Cultura, Organização e Educação

Abstract

LACERDA, S. da C. **Walking, learning, creating: the schools support staff.** 83 p. Thesis (Doctorate Grade) – Education College, São Paulo University, São Paulo, 2010.

Considering that apart from the teachers and the board team, the support staff works in schools and that there is few academic research about who they are, how they influence the intersubjective relations which occur in schools among employers, students, teachers and board team, delineates this research target which is to try to understand who those actors are, how they think, feel and act every day in schools, also understand their stories, experiences, practices and ways during their lives or, in other words, what was nominated *archetypical journeys*, which favor the search for a bigger knowledge about themselves, their advances, limits and possibilities. In order to do that a methodological phenomenological-understanding approach was adopted, intending to investigate the questions which mobilized the support staff and influenced their way of being, thinking, acting and feeling, observing how they participate in the Educators Education Inter-Schools Project for five years. The theoretical support of this research was the indispensable contributions from Gilbert Durand, Cornelius Castoriadis, Edgar Morin, Michel Mafesolli, Joseph Campbell, Paula Carvalho and Carol Pearson, among others. This work has three chapters: the first one is dedicated to the introduction, theoretical references and methodology; the second, to the Educators Education Inter-Schools Project development, in which the support staff participated; and the third, where the reports and stories from some those professionals and their own journeys are told. In the end, there are some considerations about who those actors are and their journeys toward themselves.

Key words: support staff, inter-schools Project, archetypes, interior journey, educational dimension.

Research line: Culture, Organization and Education

Lista de Figuras

Figura 1 – Ilustração da Jornada do Herói Interior (imagem utilizada em aula pela Profª Rr. Rosa Melloni).....	41
Figura 2 – Fotografia da Profª Helena Albertani em momento de discussão com o grupo no encontro com o tema Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001.....	56
Figura 3 – Fotografia da dramatização da cena “Ana Sabinada Cordoso” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001.....	58
Figura 4 – Fotografia da dramatização da cena “Isoladinha da Silva Só” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001.....	58
Figura 5 – Fotografia da dramatização da cena “Maria Machuca de Oliveira” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001.....	59
Figura 6 – Reprodução da mensagem utilizada no encerramento da dramatização de “Ana Sabinada Cardoso” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001.....	60
Figura 7 – Reprodução da mensagem utilizada no encerramento da dramatização de “Isoladinha da Silva Só” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001.....	60
Figura 8 – Fotografia da Dinâmica de Encerramento do primeiro Encontro de Formação do Quadro de Apoio - Inter-Escolas 2001.....	62
Figura 9 – Fotografia da Dinâmica do Encontro de Formação do Quadro de Apoio - Inter-Escolas 2002.....	62
Figura 10 – Fotografia do grupo de participantes do Encontro de Formação do Quadro de Apoio - Inter-Escolas 2002.....	63
Figura 11 – Fotografia do grupo de participantes no levantamento de fatores que podem interferir no trabalho de um grupo.	63
Figura 12 – Fotografia do painel com os fatores “Facilitadores” e “Dificultadores” levantados pelos participantes do encontro (Parte 1).....	64
Figura 13 – Fotografia do painel com os fatores “Facilitadores” e “Dificultadores” levantados pelos participantes do encontro (Parte 2).....	65
Figura 14 – Imagem/texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 1.....	65
Figura 15 – Imagem/texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 2.....	66
Figura 16 – Imagem/texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 3.....	66
Figura 17 – Imagem/texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 4.....	66
Figura 18 – Imagem/texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 5.....	67
Figura 19 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Profª Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 1.....	69
Figura 32 – Fotografia do Almoço no 1º Seminário Inter-Escolas – 2002 - 1.....	76

Figura 20 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Prof ^a Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 2.....	69
Figura 21 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Prof ^a Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 3.....	70
Figura 22 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Prof ^a Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 4.....	70
Figura 23 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Prof ^a Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 5.....	70
Figura 24 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Prof ^a Angelina – Inter- Escolas 2004 – Slide 6.....	71
Figura 25 – Fotografia da Dinâmica do “Bom-dia” – Prof ^a Angelina - Biodanza – Inter-Escolas 2004.....	71
Figura 26 – Fotografia da Dinâmica do “Bom-dia”: ao som da música denominada bom-dia e cantando junto, as pessoas se cumprimentam de diferentes formas: com a fala e expressando-se por meio de gestos corporais – Prof ^a Angelina - Biodanza – Inter-Escolas 2004.....	72
Figura 27 – Fotografia da Apresentação em painel de síntese da dinâmica proposta pela Prof ^a Angelina, na qual cada grupo (de um total de três) trazia para os demais as suas considerações.....	72
Figura 28 – Reprodução do folder com a Programação do I Seminário Inter-Escolas - 2002.....	73
Figura 29 – Fotografia da Abertura com a representação das Equipes das Escolas e Diretoria Regional de Educação, a Prof ^a Helena e o Palestrante Convidado, o Psicólogo Walter Aparecido da Silva.....	74
Figura 30 – Fotografia da Oficina contando Histórias do 1º Seminário Inter-Escolas - 2002.....	75
Figura 31 – Fotografia da Oficina de Bonecos do 1º Seminário Inter-Escolas - 2002.....	75
Figura 32 – Fotografia do Almoço no 1º Seminário Inter-Escolas – 2002 - 1.....	76
Figura 33 – Fotografia do Almoço no 1º Seminário Inter-Escolas – 2002 - 2.....	76
Figura 34 – Fotografia da exposição dos trabalhos dos alunos da reprodução do livro “Flor de Maio”.....	77
Figura 35 – Fotografia da exposição dos trabalhos dos alunos de pintura.....	77
Figura 36 – Fotografia da Oficina do Prof ^o “Chico dos Bonecos” no encerramento do I Seminário Inter-Escolas 2002.....	78
Figura 37 – Reprodução do folder com a Programação do II.....	79
Figura 38 – Montagem de fotos do encerramento da oficina com o depoimento de alguns dos participantes das três escolas do projeto, sobre o que consideraram que aprenderam nesse trabalho, suas questões, avanços e dificuldades.....	80
Figura 39 – Fotografia da Prof ^a Me. Sandra na palestra “Formação do Quadro de Apoio: um desafio à construção e implementação do Projeto Pedagógico”.....	85

Figura 40 – Fotografia da Prof ^a Me. Helena Maria Becker Albertani na palestra “O relacionamento interpessoal no processo educativo”	86
Figura 41 – Fotografia da Prof ^a Márcia Regina Zemella Luccas na palestra “A dimensão dos olhares e fazeres voltados para a inclusão dos deficientes”	86
Figura 42 – Fotografia da Prof ^a Me. Aida Rosa Amoroso Bortolato Miranda na palestra “A Questão da Profissionalização: desenvolvendo novas competências”	87
Figura 43 – Fotografia da Prof ^a Maria Angelina Pereira na palestra “A Tecendo redes de sensibilização criativa”	87
Figura 44 – Fotografia da Abertura do Encontro de Pólo com a Palestra e participação das equipes técnicas, professores, pessoal do quadro de apoio das escolas da região do Jardim Ângela, Supervisores Escolares, representantes da Diretoria Regional de Educação Campo Limpo.	90
Figura 45 – Fotografia do momento da discussão/dinâmica.	91
Figura 46 – Fotografia da finalização do encontro com as considerações gerais após a dinâmica e relatos/depoimentos da experiência na formação do quadro de apoio no Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores.....	91
Figura 47 – Fotografia da Abertura do Encontro na região do Ipiranga.	93
Figura 48 – Fotografia das Agentes Escolares na Leitura do texto inicial e de sensibilização.	94
Figura 49 – Fotografia da preparação para uma das dramatizações.	94
Figura 50 – Fotografia de uma apresentação dos grupos.	94
Figura 51 – Fotografia de Encerramento com todos os participantes dispostos num círculo, discutindo a dinâmica realizada e os depoimentos do pessoal do quadro de apoio que coordenou a oficina, ao final	95
Figura 52 – Reprodução da Imagem do círculo e sua ampliação – (PEARSON, 1997, p. 40)	100

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Quadro síntese das Jornadas, segundo Carol Pearson, 1997.....	42
Tabela 2 – Programação dos encontros do Projeto Inter-escolas de Formação dos Educadores - 2000.....	51
Tabela 3 – Programação dos encontros do Projeto Inter-escolas de Formação dos Educadores - 2001.....	55
Tabela 4 – Programação dos encontros do Projeto Inter-escolas de Formação dos Educadores - 2003.....	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Vivendo o Mito Pessoal	16
1.2 Buscas Teóricas	27
1.3 Metodologia de Pesquisa	44
2 UM PROJETO QUE MOBILIZOU O QUADRO DE APOIO DE ESCOLAS PÚBLICAS	49
2.1 O Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores.....	50
2.2 Quem são os profissionais do Quadro de Apoio?	80
2.3 Novos olhares, resistências, elaborações... a partir do Projeto Inter-Escolas	89
3 O QUADRO DE APOIO DAS ESCOLAS: a jornada do herói	96
3.1 Situando as Jornadas do Herói Interior	97
3.2 Relatos pessoais e jornadas: os fazeres dos agentes escolares, seus modos de pensar, ser, agir e sentir.....	105
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	149

1 INTRODUÇÃO

[...] o sujeito não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão. [...] Precisamos, portanto, de uma concepção complexa do sujeito.

Edgar Morin

Esta tese de doutorado abordou como tema principal a constituição do ser sujeito de profissionais do Quadro de Apoio de algumas escolas municipais do sistema de ensino público do município da cidade de São Paulo, a qual foi possível observar ao longo do processo de formação continuada que será objeto de análise desta pesquisa.

As atribuições dos Agentes Escolares são, em geral, promover a limpeza dos espaços físicos da escola (interno e externo), dos equipamentos e bens patrimoniais, preparar e servir a merenda escolar. Incluem-se nesse quadro de funcionários, também, os Vigias (cuja atribuição é a de vigilância do prédio e equipamentos da escola), os Auxiliares Técnicos Administrativos de Ensino (cuja atribuição é administrativa ou a exercida por um profissional antes denominado Inspetor de Alunos) e os Agentes de Apoio (cuja atribuição é, geralmente, a de acompanhar a entrada e saída de alunos, cuidar das crianças nos horários do lanche, realizar procedimentos específicos de cuidados com os alunos nas necessidades educacionais especiais e outras atividades de apoio que a direção da escola lhes repassar, segundo possibilidades legais e designação por parte do Diretor/Conselho de Escola). Em todas as situações, são observadas, ainda, as diretrizes da Secretaria Municipal de Educação sobre o tema.

Num breve levantamento das produções acadêmicas disponíveis, observa-se que essa categoria de profissionais, do apoio à educação, pouco foi investigada até o momento, tanto no que se refere à sua formação continuada como nas interações com o grupo da escola, seus modos de pensar, sentir e agir no cotidiano e que o constituem como sujeito de uma ação que, de alguma forma, poder-se-ia dizer, possui uma dimensão que eu denominaria educativa ou pedagógica. Tais observações permitiram-me formular o objetivo dessa tese, na qual a pretensão foi a de melhor apreender quem é esse sujeito (o pessoal do quadro de apoio das escolas públicas municipais), seu modo de ser, pensar, agir e sentir e a dimensão educativa que pode (ou não) circunscrever-se na/e a partir das relações intersubjetivas que se estabelecem no espaço da unidade escolar, em especial, no

contato direto com os alunos; ou seja, seus fazeres no dia-a-dia, suas experiências de vida e histórias pessoais, consideradas, de certa forma e aqui, como o empreendimento de suas ‘jornadas’.

Uma ação específica de formação continuada foi desenvolvida conjuntamente por três Escolas de Educação Infantil do sistema municipal de São Paulo (situadas na região do Jardim Ângela, periferia da zona sul), denominada “*Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores*”. Tal projeto constituiu-se na principal fonte de observação e de levantamento de dados para essa pesquisa e para uma análise à luz de um referencial teórico de opção.

As práticas da equipe de apoio¹ (em seus aspectos emergentes), as vivências cotidianas, as possibilidades e limitações que se colocam ao exercício de uma ação educativa que se constituem na inter-relação entre os membros da escola, principalmente entre Agentes e alunos, puderam ser percebidas/apreendidas nos espaços interativos que se estabeleceram no grupo e observadas principalmente, entre os anos de 2000 a 2005, constituindo o campo de pesquisa para esse trabalho.

Início com um breve relato da minha história de vida, denominado “vivendo o mito pessoal”, por sua relevância para melhor compreensão dos motivos pelos quais o tema desse trabalho emergiu. Tal assunto não está dissociado da história que tenho percorrido na educação e na vida, dos mitos que me mobilizam.

Na seqüência, apresento as buscas teóricas com o referencial/aporte selecionado e metodologia, fundamentais à elaboração desse trabalho.

Entramos, a seguir, no relato/apresentação do que foi possível apreender e trazer sobre o universo vivenciado durante quase seis anos ao longo do desenvolvimento do *Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores*.

Finalmente, apresento os relatos de alguns profissionais do quadro de apoio que participaram do projeto e ainda participam da vida da escola com suas atribuições, experiências, modos de ser, pensar e agir, e a sua análise, considerando importantes contribuições como a de Carol Pearson ao tratar das Jornadas do Herói, Joseph Campbell com o estudo que empreendeu sobre os mitos e outros autores convergentes. Fecha-se, ou abre-se, dessa forma, um ciclo, com as

¹ Equipe de Apoio: entenda-se, ao longo do trabalho, que ao colocar e equipe de apoio, quadro de apoio ou agentes escolares, estou me referindo às pessoas que compõem o quadro de apoio, de um modo geral.

considerações finais.

Fica aqui firmado o convite para que adentrem esse universo e empreendam a sua jornada, compartilhando o que trazem de si com o que encontrarem nas linhas aqui traçadas...

Por sua construção, próxima da composição musical que comporta refrãos, repetições, o mito tem sempre uma dimensão pedagógica. É ainda função do mito fornecer modelos de comportamento, ou seja, permitir a construção individual e coletiva da identidade.

Danielle Perin Rocha Pitta

1.1 Vivendo o Mito Pessoal

O desenvolvimento dessa tese passou, necessariamente, pela minha história de vida. Por uma trajetória construída e marcada por momentos comuns e especiais, alguns mais ou menos significativos dependendo dos julgamentos que fazemos; de situações que, ao longo do tempo, levaram-me a realizar opções como a de pesquisar e escrever um trabalho com foco num tema que se constitui num desafio constante e, acredito, ainda novo na literatura acadêmica: uma discussão acerca de que é o sujeito que atua no quadro de apoio das escolas, seus modos de ser, agir, sentir e pensar, enfim, sua jornada no cotidiano escolar, na educação.

Minha história na Educação começa aos quatro anos, quando escolhi ser professora, conforme conta minha mãe. As brincadeiras de faz-de-conta passavam por uma sala de aula no quintal e a imitação da professora do jardim, dos anos iniciais e, posteriormente, nas demais séries, estudando e/ou repassando conteúdos de provas com alguns colegas. Com dezesseis anos e cursando o 2º Ano do Magistério, comecei a lecionar na educação infantil em escola particular. Aos vinte e um anos passei a atuar no ensino público no município de São Paulo, onde trabalho até hoje.

Com experiência na Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental, Direção de Escola, Formação Continuada e, há algum tempo, no Ensino Superior, poderia afirmar, possivelmente, que essa é minha “vocação”, meu *daimon*.

Há mais coisas numa vida humana do que permitem nossas teorias a respeito. Mais cedo ou mais tarde, alguma coisa parece nos chamar para um caminho específico. Essa ‘coisa’ pode ser lembrada como um momento marcante na infância, quando uma urgência inexplicável, um fascínio, uma estranha reviravolta dos acontecimentos teve a força de uma anunciação: isso é o que eu devo fazer, isso é o que eu preciso ter. Isso é o que eu sou. (HILLMANN, 1997, p. 13)

Não sou eu, no entanto, que vou contar um pouco mais dessa trajetória, mas professores, equipe e funcionários da escola onde atuei durante seis anos como Diretora, a EMEI Janete Clair. De que forma? A partir de excertos adaptados de um livro que escreveram para mim e que recebi quando deixei a escola para atuar na Diretoria Regional de Educação Campo Limpo, zona sul de São Paulo.

No livro, cujo exemplar é único e foi escrito em meados de 2005, chamado “Biografia não autorizada de Sandra Lacerda”, pude observar um pouco de mim a partir do olhar e da manifestação de pessoas com quem trabalhei, justamente no período em que o tema dessa tese emergiu. Tema e conteúdo inicial, sobre o qual me detive para empreender essa pesquisa e que, agora, constitui-se na parte de um caminho percorrido na minha história, da história de cada pessoa que participou direta ou indiretamente dela e da educação pública da cidade de São Paulo, mesmo que não a conheçam.

Por se tratar de uma “biografia não autorizada”, certamente, escolhi trechos que poderiam romper com essa condição. Assim, iniciamos:

[...] Formada em Pedagogia pela USP no ano de 1994 é Mestre em Educação, funcionária pública há mais de vinte anos (ih, está quase se aposentando...), professora universitária, palestrante em cursos, agora Diretora de DOT²... Meu Deus, ela não dorme! Como professora de Educação Infantil lecionou por 12 anos (dezoito, na verdade), foi Auxiliar de Direção no famoso Palimércio³ e nossa Diretora da EMEI Janete Clair. É aqui que começamos a nossa versão da história... Foi em meados de 1997 que aquela jovem de mini-saia assumiu a direção de nossa escola. Mal sabíamos o presente que estávamos ganhando! Era estranho e ríamos quando os pais pediam a ela para falar com a diretora, mais fabuloso ainda, era quando ela saía para o pátio (às 7 horas da manhã) para nos ajudar a receber as crianças e até cantar conosco (tudo muito esquisito!). Mas por trás daquela aparência jovem estava uma das melhores profissionais que uma escola pode ter! Como todo mundo ela tem seus mistérios e um deles é fazer o dinheiro render... Com esse espírito empreendedor ela transformou nossa escola, Maria Inês Rulli (Coordenadora Pedagógica) sonhava e ela realizava! Nós pedíamos (para não dizer outra palavra...) e ela comprava! Assim, hoje nós temos uma EMEI digna de receber o título de melhor escola de Educação Infantil da região. Seu maior mérito como diretora é ter a alma de professora. Ela sabe do que precisamos e valoriza nosso trabalho, sabe que uma escola só funciona bem

² DOT – Divisão de Orientação Técnico-Pedagógica (na região de Campo Limpo, zona sul de São Paulo).

³ Escola Municipal de Ensino Fundamental Cel. Palimércio de Rezende, da região de Campo Limpo, São Paulo capital, que foi conhecida por seu bom trabalho pedagógico por muito tempo, e também por grandes dificuldades, em outros.

quando todos acreditam na Educação! Em 1998 ela alçou vôos mais altos e foi trabalhar no NAE 5⁴. Sorte deles e pouca sorte a nossa. Permaneceu dois anos por lá ajudando novos diretores com seu conhecimento. No ano de 2000 ela retornou à nossa escola e os pais ainda pediam para falar com a diretora... voltou como se nunca tivesse saído, desenvolveu seu trabalho com o mesmo empenho de quando iniciou. Foi uma das criadoras do Seminário Inter-Escolas do qual se sente orgulhosa (nós percebemos tudo!!!). Nos últimos cinco anos tornou-se Mestra em Educação pela USP. Durante muitos anos ficou conosco, passou por várias situações, mas em sua maioria, foram momentos de realizações e de alegria. Crescemos com ela e ela conosco. Se pudéssemos amarraríamos seu pé direito lá na mesa da diretoria, mas sempre soubemos que as asas dela são muito grandes e inteligente para não alçarem vôos mais altos. Agora, passado, presente e futuro se misturam e ela é uma SUPER-MÃE, SUPER-PROFESSORA, SUPER-NAMORADA, SUPER-DIRETORA, SUPER-AMIGA, SUPER-MESTRA, enfim, SUPERVISORA [essa é uma brincadeira que fizeram com o prefixo - “SUPER”, porque no momento eu estava deixando a escola para assumir e o cargo base de Diretora, para assumir, por concurso, o cargo de SUPERvisora Escolar].

Numa segunda parte da “biografia não autorizada”, há um espaço em que o pessoal da escola escreveu um pouco sobre como foi trabalhar comigo e alguns desses relatos são:

[...] ela organizava reuniões e deixava a gente participar e também de cursos. Por isso eu tenho muito carinho e respeito por tudo o que foi feito por ela em nossa escola. (J.M, Agente Escolar);

[...] apesar de ser “chefe”, nunca usou de autoritarismo com as pessoas, sempre usou o diálogo. [...] Com ela professor, agente, vigia, pais e alunos, todos sempre eram tratados muito bem, ela tinha um jeitinho para cada um, respeitando sua diferença. [...] Eu principalmente, agradeço muito por ter voltado e estudar, ela me deu o apoio e o incentivo que eu precisava, é uma pessoa que gosta de ajudar outras pessoas a alcançarem seus objetivos. [...] Quando ela chegou aqui na EMEI, eu trabalhava à tarde, nós éramos duas e, na verdade, eu acabava trabalhando sozinha, pois a outra colega faltava muito, apesar de sermos boas amigas, a ausência dela me prejudicava muito. Com a chegada da nova diretora (a Sandra) tudo isso mudou. Já nos primeiros dias em que estava conosco ela observou tudo o que estava acontecendo, me chamou e perguntou: “você está trabalhando sozinha à tarde?” Então eu respondi: “Faz tempo!” Ela imediatamente tomou providência, fez uma reunião e

⁴ NAE 5: Núcleo de Ação Educativa 5 – nome atribuído, na época, ao que hoje equivale à Diretoria Regional de Educação Campo Limpo (DRE Campo Limpo): órgão/instância de apoio ao trabalho das escolas, sendo intermediário, ou seja, coloca-se na mediação Escola - Secretaria Municipal de Educação.

pediu que uma colega da manhã subisse para tarde e felizmente resolveu a minha situação. (M., Agente Escolar);

Na vida nos surpreendemos com várias coisas. Uma delas é saber que podemos mudar. Sandra, sei que de início nossas opiniões eram opostas, às vezes até nos magoamos, mas com o passar do tempo fomos nos conhecendo melhor, juntas vivenciamos com toda a equipe momentos bons e fui percebendo o quanto você é amiga e solidária. [...] jamais esquecerei o que você fez pela minha filha abrindo a porta da EMEI para que ela pudesse estagiar. A atenção e generosidade com o Cleberson (aluno cuja mãe estava com câncer), dando a oportunidade para que ele ficasse horas a mais na escola. (E., Agente Escolar);

[...] você não foi só uma diretora e sim uma parceira no trabalho, amiga, onde podíamos conversar sem que houvesse qualquer barreira, e foi em algumas conversas que senti sua palavra amiga, dando-me apoio nos meus estudos e incentivando-me a continuar. Tivemos sim, algumas contradições e estas fazem parte do nosso dia-a-dia, mas com procedimentos consensuais, prevalecendo assim termos conscientes. (L., Vigia);

Bem, considerando a ênfase que deram ao “lado de luz, heróico” se assim podemos dizer, essa sou eu na visão dos profissionais da EMEI Janete Clair. Entendendo esse “lado de luz ou heróico”, no sentido de que apontaram muito mais as realizações, o empunhar a espada e enfrentar dificuldades (como o excesso de burocracia no uso da verba e outros, por exemplo), a confiança, às vezes exagerada, na possibilidade de aprendermos com formação continuada, do que o lado da sombra (medos, ansiedades, inseguranças etc).

A compreensão envolve generosidade de espírito, proximidade, ‘correspondência’. É justamente porque somos parte de tudo isso que podemos apreender, ou pressentir, as sutilezas, as matizes, as descontinuidades desta ou daquela situação social. [...] seja a um modo fantasmático, seja a plano real, somos parte integrante daquilo que desejamos falar. (MAFFESOLI, 2007, p. 49).

Uma das formas de compreender um pouco mais de si, como observou Campbell (2008, p. 136), é olhar para sua história, a história de suas idéias, crenças, manifestações. No livro “Mito e Transformação” (2008), onde foram traduzidas obras e palestras do autor, ele coloca que, ao reunir textos produzidos ao longo de décadas (vinte e quatro anos), percebeu que continuara a “tagarelar sobre a mesma coisa”. Que esse era seu mito. Que coisas que imaginava ter descoberto

recentemente já estavam no que havia escrito.

Outro modo espantoso de lembrar é selecionar alguns registros ou anotações em um diário de muito tempo atrás. Você ficará pasmo. Coisas que você tinha certeza de ter percebido apenas recentemente já estavam todas lá. Esses são os temas que o impelem na sua vida.

Assim, ler novamente o conteúdo da “biografia não autorizada” possibilitou-me, sem grandes pretensões ou visando seu aprofundamento, observar um pouco da história que durante minha carreira na educação tem me mobilizado. Um pouco, possivelmente, dos mitos que tenho vivido durante esse tempo. Mais ainda, observar que o que está no texto apresentado por outras pessoas (e não escrito por mim) convergem com vivências e desafios que durante esse tempo têm me instigado para ações de formação continuada com professores, gestores, equipe de formação ou na escola. Nesse ínterim, houve um período em que saí da escola, fui para a Diretoria Regional⁵, depois retornei.

A história básica da jornada do herói implica abrir mão do lugar em que você vive, entrar na esfera da aventura, chegar a certo tipo de percepção simbolicamente apresentada e depois retornar à esfera da vida normal. (CAMPBELL, 2008, p. 137).

Abrir mão desse lugar (sair da escola e depois voltar), segundo o autor, é sair da esfera familiar da comunidade. No mito, Campbell (op. cit., p. 138) chama esse movimento de afastamento da esfera conhecida para o desconhecido, “travessia do limiar”. É a travessia do mundo consciente para o inconsciente e esse inconsciente é representado por imagens diferentes conforme o contexto cultural do *mythos*⁶.

Cruzar o limiar nos remete para desafios para os quais encontraremos resistências. Para seguir o caminho é preciso contar com “ajudantes”. Poderia,

⁵ Diretoria Regional de Educação Campo Limpo (DRE Campo Limpo): órgão/instância de apoio ao trabalho das escolas, sendo intermediário, ou seja, coloca-se na mediação Escola - Secretaria Municipal de Educação.

⁶ *Mythos*: termo em latim para mito. Na moderna concepção sociológica atribuída principalmente a Fraser, mito compreende a justificação retrospectiva dos elementos fundamentais que constituem a cultura de um grupo. O Mito não é uma simples narrativa, nem uma forma de ciência, nem um ramo da arte ou história, nem uma narração explicativa. Cumpre uma função *sui generis*, intimamente ligada à natureza da tradição, à continuidade da cultura, à relação entre maturidade e juventude e à atitude humana em relação ao passado. [...] Segundo Lévi-Strauss é a forma como o grupo social expressa sua própria atitude em relação ao mundo ou como procura resolver o problema da sua existência. (ABBAGNANO, 2000, p. 674-675)

talvez, dizer que ainda hoje estou nesse caminho e tenho encontrado auxílio por parte de pessoas que têm sido guias importantes de alguma forma: apoiando projetos, indicando possibilidades e não-possibilidades ou apenas sendo elas mesmas. Eu as chamo de mestres: são pessoas que passam por nossas vidas e muitas vezes nem nos damos conta da importância que possuem para nos tornarmos o que somos. Penso ter consciência de algumas que influenciaram diretamente, outras, certamente, não. Fatos ou situações que se colocam nesse caminho, atribuo, muitas vezes, ao que poderíamos chamar de destino ou ao momento.

Segundo Campbell (2008, p. 140-145) existem quatro obstáculos ao longo do caminho de provações (da auto-realização) que, na sua percepção, englobam todas as possibilidades.

O primeiro trata-se do desafio da integração da *Anima/Animus*⁷. É o encontro com a Deusa, o casamento sagrado. “Nos mitos da aventura do homem, o casamento sagrado é a união com a deusa do mundo ou com a representação secundária do seu poder”. Desse casamento “nasce uma criança que se torna o símbolo da harmonização dos opostos (masculino e feminino)”. Na mitologia, conforme aponta o autor, essa criança é, geralmente, “deixada para adoção”. Lembra ainda que essa criança representa uma vida espiritual (não é concreta, de “carne e osso”). Trata-se do “primeiro tipo de realização”.

O “segundo tipo é a reconciliação com o pai”. Essa provação é um rito de passagem masculino. O filho está separado do pai e se esforça na sua busca. Para este fim precisa atravessar o mundo da mãe, que é sedutor e obstrui o caminho. O tema da reconciliação com o pai é comparado por Campbell (op. cit., p. 142) à situação que ocorre no filme o “Retorno de Jedi, de George Lucas”, quando esse arrisca a vida para redimir o pai. Segundo o autor esse tema é apresentado no filme “em grande escala: o filho salva o pai, o pai salva o filho”.

O “terceiro tipo” de realização difere dos anteriores, pois não segue uma progressão ampla através dos mistérios. “Compreende uma arremetida violenta

⁷ Anima/Animus: a anima é a personificação da natureza feminina do inconsciente do homem e o animus, da natureza masculina do inconsciente da mulher. Estes arquétipos personificam o inconsciente. Daí que as inumeráveis formas – ou conteúdos – que podem assumir essas figuras nos sonhos e fantasias nos falam sobre o estado de nosso inconsciente, possibilitando-nos seguir o seu percurso ou percurso das mutações energéticas ao longo do processo. Ao mesmo tempo, anima/animus é o arquétipo da vida ou do impulso vital. Como todo arquétipo, é paroxal, apresentando ora a vestimenta da positividade, ora da negatividade, pois a tendência a relativizar os opostos é uma característica própria do inconsciente. (CAMARGO, 2007, p. 70-71)

pelos obstáculos para a posse do seu objeto de desejo ou sua dádiva”: é o “roubo do fogo de Prometeu”.

Em todo caso, tendo se apossado do tesouro, não há reconciliação com os poderes do mundo subterrâneo – nada de casamento sagrado, reconciliação com o pai, apoteose -, de modo que há uma reação violenta de todo o sistema inconsciente contra o ato, e o herói precisa escapar. (CAMPBELL, 2008, p. 142)

É preciso escapar, fugir do monstro aqui representado pelo próprio inconsciente. Esse, geralmente, aflora na forma do poder materno em seu aspecto negativo, repressor. Ocorre, então, o que o autor chama de retorno através do limiar. A linha que foi cruzada ao se entrar no abismo em busca da dádiva é a mesma que se tem que atravessar no retorno. Para Campbell (op. cit., p. 143) a idéia geral é que é preciso demonstrar aquilo que se foi recuperar/buscar: “o potencial não utilizado em você”. O sentido dessa jornada é a “reintrodução desse potencial no mundo”, ou seja, naqueles que vivem no mundo. Deve-se “devolver esse tesouro do saber e integrá-lo na vida racional”, o que é muito difícil. Trata-se de um importante momento de diferenciação: o que você tem o mundo não tem e por esse motivo foi buscá-lo. Assim, “resgatar a dádiva pode ser mais difícil do que descer às profundezas de si mesmo”.

Segundo o autor (op. cit., p. 142-143), três reações podem ser provocadas quando se cruza o limiar trazendo a dádiva para o mundo:

- A primeira é a de “não ser acolhida”. Ninguém se importa com o tesouro que você trouxe e sua reação pode ser a de introversão, não se importando com o que as pessoas pensam e/ou suas manifestações a respeito.
- A segunda maneira é se perguntar: o que as pessoas querem? Então utilizar o que Campbell denominou “arte comercial” e, usando habilidades que adquiriu, dar às pessoas o que elas querem.
- A terceira alternativa é utilizar algum aspecto do domínio que acaba de obter, de forma a encontrar um meio, uma linguagem ou algo que lhe capacite dar às pessoas aquilo que você encontrou como dádiva da vida e nos termos em que a sociedade pode receber. Conseguindo esse vínculo com a sociedade, será capaz de transmitir sua mensagem, segundo o

autor. Para ele, essa alternativa é representada por uma “atitude pedagógica”: a de “ajudar as pessoas a perceberem a necessidade daquilo que você precisa e tem para dar”.

Muito bem! Chegamos ao aspecto que melhor retrata parte da minha história na educação, possivelmente ilustrado pelo que escreveram sobre mim na biografia não autorizada. Arrisco a dizer que as pessoas da escola perceberam grande parte do que eu precisava e do que tinha para dar. Talvez mais do que *eu precisava*, pois algo que se aprende ao longo da jornada e na vivência do mito pessoal é que pouco temos para dar. Uma atitude pedagógica pode permitir ou possibilitar que as pessoas, em algum momento e durante sua jornada, encontrem seu estilo próprio, sua dádiva e/ou façam a travessia do limiar.

Buscar o mestrado (que acabei realizando entre os anos de 1999 e 2002) partiu de uma necessidade que estava diretamente relacionada à procura do tesouro (conhecimento) e à atitude pedagógica. Ao aceitar o desafio de trabalhar com a formação de Diretores e Assistentes de Direção (final de 1997) no sistema de ensino público do município de São Paulo, zona sul, especificamente, me veio fortemente a questão: o que eu teria para oferecer para esses profissionais? O mestrado acabou entrando na minha vida no final dessa etapa (do trabalho com formação dos Diretores, Assistentes etc.) e no momento em que decidi retornar para a EMEI Janete Clair.

Assim, cruzar esse limiar acabou por coincidir, em grande parte, com a realização do Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores, no qual emergiu o tema da formação do pessoal do quadro de apoio e objeto de estudo, dessa tese. Fazem parte desse quadro os Agentes Escolares, cujo cargo é exercido nas unidades escolares do Sistema Municipal de Ensino de São Paulo e são responsáveis pela limpeza da escola, dos equipamentos, por preparar e servir a merenda escolar. Incluem-se no quadro de apoio, ainda, Auxiliares Técnicos Administrativos, Vigias e Agentes de Apoio.

Para além da *atitude pedagógica*, é preciso abordar as quatro *funções* do mito trazidas para a discussão por Campbell (2008, p. 127-131) e, entre elas, a pedagógica. Para tocar “nossa ocupação com competência”, segundo o autor, precisamos descobrir por qual mitologia estamos vivendo e conhecê-la. Como encontrar em nós mesmos o que realmente “mexe conosco”? Para o autor, uma mitologia operante atende, essencialmente, a quatro funções fundamentais: a

“mística, a cosmológica, a sociológica e a psicológica”. Essa última, nos dias atuais, entendida como “pedagógica”.

A “primeira função”, segundo Campbell (2008, p. 127-131), é “despertar no indivíduo um sentimento de assombro, mistério e gratidão pelo mistério máximo da existência”. A “segunda função” serve para apresentar o universo no qual o mistério se faz presente, da forma como é entendido (o artista, por exemplo, nos apresenta os objetos de tal modo que brilhem, ou seja, esse mesmo objeto antes visto com indiferença, nos causa, agora, um ‘arrebato estético’). A “terceira função” da mitologia, a sociológica, proporciona condições para a vida em sociedade. Hoje, vivemos numa sociedade que não poderia nos dizer quais são as leis (normas e regras estabelecidas nessa mesma sociedade) para a vida nos próximos anos. As leis da vida têm mudado junto com os modos de vida. A quarta função é a pedagógica. Trata-se da última função da mitologia, proporcionando ao “indivíduo um vínculo entre o mundo psicológico interior e o mundo exterior, dos fenômenos”. Campbell enfatiza que a pedagogia das tradições herdadas não funciona para todos nós, de modo que cada um tem que elaborar sua própria pedagogia.

Ao ministrar uma palestra, Campbell (op. cit., p. 130-131) faz referência a Dante Alighieri que compara as idades do homem, a vida, ao “percurso diário do sol”:

- a primeira é a infância que vai até os 25 anos. As qualidades da infância são obediência, noção de vergonha, graça na aparência e doçura na conduta. Essa é a manhã.
- com a idade de 25 anos, chega-se ao que ele chama de maturidade, fase que dura até 45 anos. Atinge-se aí o auge da vida e Dante atribui a essa etapa, os valores do cavaleiro medieval: moderação, coragem, amor, cortesia e lealdade. Depois de ter vivido os termos que a sociedade lhe exigiu, aos 35 anos chega-se ao momento da meia-idade, quando o indivíduo tem a experiência real daquilo que antes só sabia por lhe terem ensinado; agora, ele pode ensinar. Essa é a tarde.
- Dante denomina idade da sabedoria a fase dos 45 aos 70 anos. [...] Nessa fase, as qualidades são sabedoria, justiça, generosidade e humor ou alegria. É o entardecer.
- Dante chama a fase dos 70 anos em diante de decrepitude, e suas qualidades são relembrar a vida com gratidão e ver a morte como uma volta para casa. Agora é noite.

Para o autor, esse pequeno esquema, esse padrão de vida, é o *mythos*. Assim, o caminho para encontrar o seu mito é o de encontrar o seu entusiasmo, o seu apoio e saber em que fase da vida você se encontra. O que está em evidência,

aqui, não é julgamento dessas fases (até quando vai a infância etc.), pois hoje muito já mudou e continuará em processo de mudança. Importa, sim, observar que ao longo do tempo somos mobilizados por algo que podemos chamar de mito ou mito pessoal e esse não se apresenta a nós de forma explícita. Ou, conforme a teoria de Hillman, o que nos mobiliza é nosso *daimon*, ou a semente de carvalho que brota e cresce em cada um de nós.

Para Hillman (1997, p. 51), o *daimon* é uma imagem única, constituindo-se na essência da vida e a chama para um destino. Essa imagem, tal como a força do destino, atua como um guia que nos lembra de seu chamado.

Essa imagem, vocação, destino, caráter, chamado (o *daimon*) formam a “teoria do fruto do carvalho”, que sustenta que cada pessoa tem uma singularidade que pede para ser vivida e que já está presente antes de poder ser vivida. (HILLMAN, op. cit., p. 16).

Cada pessoa entra nesse mundo tendo sido chamada. Para Hillman (op. cit. 1997, p.18), a idéia vem do mito de Er, de Platão, apresentada no final de sua obra, a República, que assim resume:

A alma de cada um de nós recebe um *daimon* único, antes de nascer, que escolhe uma imagem ou um padrão a ser vivido na terra. Esse companheiro da alma, o *daimon*, nos guia até aqui. Na chegada, porém, esquecemos tudo o que aconteceu e achamos que chegamos vazios a esse mundo. O *diamon* lembra do que está em sua imagem e pertence a seu padrão, e portanto o seu *daimon* é portador de seu destino.

“Mais cedo ou mais tarde, alguma coisa parece nos chamar para um caminho específico”. Esse chamado pode ser “forte e categórico” ou aparecer como “pequenos desvios que você seguia sem saber por quê, levando-o para um determinado ponto da margem”. (HILLMAN, op.cit., p. 13)

Não é pelo *daimon* que vamos encontrar explicações para o sentido da vida, mas

... ele nos fala aos sentimentos da existência uma razão por que minha singular pessoa está aqui e que há coisas de que preciso cuidar além da rotina diária, e isso deve dar uma razão de ser a essa rotina, sentimentos de que o mundo, de certa forma, deseja que eu esteja aqui, que responda a uma imagem inata que estou preenchendo em minha biografia. (HILLMAN, op. cit., p. 14)

Voltando, assim, à minha história de vida, a minha biografia contada pelas pessoas que escreveram a meu respeito, talvez meu *daimon*, minha vocação e ao que Campbell explana acerca do *mito*, suas *funções* e sobre o *viver o seu mito*, ouso, aqui, inferir, que meu mito pessoal possui coincidências com os períodos que Dante identifica como *tarde* e *entardecer*, estando voltado, possivelmente e com maior ênfase, para a função pedagógica. Essa consideração acaba por antecipar em parte o porquê da minha opção pelo caminho que resultou no desenvolvimento desse trabalho.

[...] é o enfoque no homem concreto e nas relações que estabelece com seus semelhantes que permite apreender 'o que dá cor à vida'.

Nietzsche apud Mafesolli

1.2 Buscas Teóricas

Tratando-se de uma pesquisa fenomenológico-compreensiva, por referencial teórico foram elencados os estudos do autor Michel Maffesoli acerca da sociologia do cotidiano, de Edgar Morin ao abordar a noção de sujeito e a questão da complexidade, as contribuições de Gilbert Durand com os estudos que tratam da antropologia do imaginário e o conceito de trajeto antropológico, as contribuições do Prof. José Carlos de Paula Carvalho, no que se refere à antropologia das organizações educativas e a noção de educação fática. Tais autores se constituem numa referência importante para o desenvolvimento dessa tese, assim como os estudos de Carol Pearson, ao abordar as “jornadas que empreendemos na vida”, tema este fundamentado nos arquétipos segundo a abordagem de Carl Gustav Jung e James Hillman, não deixando de enfatizar, ainda, a contribuição de Joseph Campbell com seu estudo acerca dos mitos⁸.

Pearson (1997) nos traz a discussão acerca da jornada do herói interior nos processos de autodescoberta e transformação do mundo. Seis arquétipos são descritos no livro “O Herói Interior”, como aqueles que contribuem para o desenvolvimento da psique.

Psique, Alma ou Consciência. Alma, do latim *anima*. Em geral, o princípio da vida, da sensibilidade e das atividades espirituais (como quer que sejam entendidas e classificadas), enquanto constitui uma entidade em si ou substância. Esta última noção é importante porque o uso da noção de alma está condicionado pelo reconhecimento de que certo conjunto de operações ou de eventos, chamados “psíquicos” ou “espirituais” constituem manifestações de um princípio autônomo, irreduzível, pela sua originalidade, a outras realidades, embora em relação com elas. Consciência (do latim *conscientia*) é o de uma relação da alma consigo mesma, de uma relação intrínseca ao homem, “interior” ou

⁸ A esses autores acrescentarei outros, quando houver necessidade de explicações pontuais e-ou específicas.

“espiritual”, pela qual ele pode conhecer-se de modo imediato e privilegiado. (ABBAGNANO, 2000, p. 27, 185 e 813)

Esse desenvolvimento equivale, segundo Pearson (1998, p. 42-43), ao do estágio psicológico humano, passando por três estágios da jornada do herói, a saber: preparação, jornada e retorno.

Primeiro desenvolvemos o Ego, depois encontramos a Alma e, finalmente, surge um singular senso de *Self*. A jornada do Ego nos ensina a nos sentirmos seguros e a sermos bem-sucedidos no mundo; a jornada da Alma nos ajuda a nos tornarmos pessoas sinceras e autênticas, a encontrarmos o mais profundos mistérios da vida; por fim, a Jornada do *Self* nos mostra o caminho para encontrar e expressar nossa autenticidade, poder e liberdade.

O ego é o “recipiente que contém a nossa vida”, cria uma fronteira entre nós e as outras coisas mediando, inclusive, o “nosso relacionamento com o mundo”. A alma pode ser equiparada ao “inconsciente ou à própria psique, ligando-nos ao universo transpessoal”, podendo ser considerada, o “repositório de todo o potencial da espécie humana”. E o *Self* “significa a conquista de um senso genuíno de identidade. Para a autora, quando o *Self* “nasce”, “passamos a saber quem somos, as partes desarticuladas da nossa psique se juntam e experimentamos a totalidade e a integridade” (PEARSON, op. cit., p. 42).

Na teoria junguiana, o *self* representa o arquétipo central, o si mesmo, o centro psicológico do ser humano, cujo papel é estruturar ou organizar os vários arquétipos. Suas manifestações na estruturação da consciência são fundamentais, uma vez que é o centro organizador da psique e o relacionamento com ele é o grande fator harmonizador de opostos. Como símbolo da totalidade, o *self* é a meta do processo de individuação (LIMA, 2004, p. 22) O *self* é possível de ser captado pelas imagens que projeta, justamente, na jornada do herói.

Muitos cientistas sociais começaram a discutir as conseqüências de definir o *self* como narrador (SCHNITMAN, 1996, p. 196-199), como resultado do processo humano de produção e o significado por meio da ação da linguagem. Isso se justifica porque compreendem que, na linguagem, criar significados implica narrar uma história e que o *self*, numa perspectiva pós-moderna, pode ser considerado uma expressão desta capacidade de narração. O *Self*, entendido dessa forma, não se constitui na simples acumulação de experiência, nem na expressão de

características neurofisiológicas. Ao contrário, seria um “**ser** e um **devir** através da linguagem e da narração”.

Assim, de acordo com Schnitman (1996, p. 195-199) a questão da identidade ou continuidade do que entendemos como “si mesmo” passa a ser o problema de manutenção e/ou construção de narrativas coerentes e que “outorguem sentido para o que os relatamos sobre nós mesmos e o caos da vida”. Nossas narrações convertem-se na dificuldade de “seguir fazendo aquilo que sempre dizemos e nos dizemos que somos, que fomos e seremos”. A identidade, assim observada, “não se fundamenta em algum tipo de continuidade ou descontinuidade psicológica do si mesmo”. O “si mesmo” vem a ser o que “nossos relatos requerem”.

As narrativas do si mesmo, sempre cambiantes, são os processos mediante os quais continuamente, dotamos de sentido ao mundo e, por isso, continuamente nos dotamos de sentido a nós mesmos. (SCHNITMAN, op.cit., p. 195)

Segundo a autora (op.cit., p. 195), isso faz com que a natureza do *self* e a de nossas subjetividades se convertam em fenômenos intersubjetivos.

O produto de narrarmos histórias uns aos outros e a nós mesmos acerca de nós, e as que outros narram para nós e sobre nós. A cambiante rede de narrativas é produto de intercâmbio e práticas sociais, do diálogo e da conversação. Para essa visão pós-moderna, não somos mais que co-autores das identidades que construímos narrativamente. Somos sempre tantos *selves*, tantos de si mesmos potenciais quando aqueles que estão contidos nas conversações dos narradores criativos.

Apreender ou identificar momentos de experiência subjetiva de alguns dos profissionais do quadro de apoio, no empreendimento dessas jornadas, constitui-se em uma oportunidade única e, possivelmente, reveladora, para uma área preocupada normalmente com os processos didáticos, de ensino-aprendizagem e os técnicos/burocráticos, que permeiam as ações dos sujeitos no exercício de seus cargos e/ou funções nas organizações educativas de um modo geral, sejam públicas ou privadas.

Para melhor analisar os sujeitos, sua constituição, as relações que se estabelecem no espaço/cotidiano das organizações educativas, faz-se

imprescindível contar com as contribuições de Cornelius Castoriadis e Edgar Morin, principalmente.

Segundo Castoriadis (1999, p. 35), subjetividade é a “capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo”. A experiência subjetiva, assim, estaria relacionada à possibilidade de compreender esses “sentidos”: sua produção, compreensão, elaboração e/ou atribuição de um novo sentido às ações, modos de pensar, ser e sentir.

Encontros, trocas, situações diversas e vivências que ocorreram durante a ação denominada “Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores”, colocar-se-ão, no próximo capítulo, como temas para análise no desenvolvimento dessa tese. Por agora, basta dizer que o projeto teve início em 2000 e se encontra em andamento (já com diferenças em relação ao período de referência, os seis primeiros anos). No ano de 2001, o pessoal do quadro de apoio - agentes escolares, auxiliares administrativos de ensino e vigias - foi integrado ao processo, abordando-se o tema do “Relacionamento Humano (ou inter-pessoal)”, o que permitiu a problematização das práticas do grupo, das relações intersubjetivas que se estabelecem entre estes bem como o questionamento do sentido / significado do ser sujeito, dos modos de pensar, sentir e agir; das limitações e possibilidades do exercício de uma ação educativa que existe e se constitui nessa inter-relação, cotidianamente vivenciada entre os membros que atuam numa mesma escola e, de modo mais amplo, nos espaços interativos entre as escolas.

Isto não acontece, obviamente, sem os riscos e as dificuldades, sem as resistências, sem o viver cotidiano no qual estão presentes a astúcia e o silêncio, a aceitação da vida e a solidariedade orgânica, categorias de análise presentes nos estudos do sociólogo Michel Maffesoli (1996, p. 94), constantemente atualizadas no âmbito da organização educativa assim como em toda a vida social, o que possibilita uma maior compreensão da realidade. Realidade entendida como “uma seqüência de pequenas porções do real, espécie de situacionismo generalizado, feito de sinceridades sucessivas”.

Pouco se sabe acerca de quem é este sujeito e de como ele vai se constituindo na organização educativa: o agente escolar, o vigia, o auxiliar técnico administrativo. Pouco se sabe sobre o que representam suas práticas, quais suas necessidades, sua influência no cotidiano e clima da unidade escolar, sua

participação e envolvimento na vida da escola de um modo geral, sua subjetividade.

Segundo Castoriadis (1999, p. 35),

... a questão do sujeito não é uma questão de substância, mas uma questão de projeto. A questão do sujeito é, em primeiro lugar, a questão de ser humano, a questão da psique, para começar, mas é, também, a questão da própria questão. O sujeito é essencialmente aquele que faz perguntas e que se questiona, seja no plano teórico ou no que chamamos prático.

Um sujeito que apresenta traços essenciais que são, por um lado, a reflexividade – capacidade de receber o sentido, questionar o sentido e criar um novo sentido – e, por outro, a “capacidade da atividade deliberada” (vontade).

Essa reflexividade diz respeito ao que sabemos e à possibilidade de nos interrogarmos sobre tal saber. A dimensão reflexiva e a prática da imaginação representam, para o sujeito, para cada um de nós, uma fonte de criatividade. “É preciso imaginar algo mais do que é para ser imaginado” (op.cit., p. 45). Neste sentido, a *vontade* é a dimensão reflexiva do que somos como seres imaginantes.

A verdadeira vontade não se refere à escolha entre duas possibilidades pré-determinadas, mas a esse ato único, incoativo, no e pelo qual surgem novos possíveis e, ao mesmo tempo, o sujeito se dirige para eles. Tal sujeito não é uma realidade, é um projeto, em parte realizado pelos indivíduos e, em parte, sobretudo, a ser realizado também em função de uma transformação que não se refere não apenas aos seres humanos na sua singularidade, mas à sociedade em seu conjunto. (CASTORIADIS, op. cit., p. 45-46)

Qual é o sentido que estes profissionais atribuem ao seu fazer que, na maioria das vezes, não ultrapassa o meramente operacional, a execução cotidiana de tarefas de limpeza até os momentos em que participam (ou não) com as equipes técnicas e professores de discussões que envolvam propostas para uma ação educativa? Em que tempo/espço exercem o questionar e o questionar-se, que sentido atribuem ao seu fazer, pensar, sentir e ao si mesmo? Mais ainda: quem são? Como vivem? Quais seus projetos de vida? Quais suas crenças? O que valorizam? Como se relacionam? O que consideram importante nas atividades que realizam cotidianamente? O que valorizam no seu trabalho? E assim por diante...

Por vezes, são convocados para encontros organizados, em geral e especificamente, para os outros participantes da vida da escola: professores e

gestores. Não generalizando, mas nos remetendo a experiências por muitos conhecidas, estas convocações acabam por acontecer em momentos bastante esparsos e com assuntos nem sempre relevantes para um processo significativo e que possibilitem o empreendimento de ações educativas integradas (centram-se em assuntos como organização do calendário, festas e eventos). Ações integradas e compreendidas aqui como as de caráter educacional mais amplo e que poderiam ultrapassar o âmbito da relação professor-aluno e das ações planejadas, especificamente voltadas para o processo ensino-aprendizagem dos conteúdos formais.

Entre as ações com uma dimensão educativa (mas não específica ao processo de ensino-aprendizagem apenas formal), poderíamos elencar:

- o cuidado e as orientações aos alunos na hora da merenda (acompanhando-os na escolha dos alimentos no *self-service*, mostrando como podem se servir, sobre o lugar que podem escolher para se sentar e dar o apoio inicial para levarem seu prato ou lanche para esse local (no caso das crianças bem pequenas e que precisam de ajuda), orientando sobre a opção pela quantidade do alimento e outras questões que favoreçam ao aluno adquirir, gradativamente, maior autonomia;
- a orientação e a supervisão das crianças na hora do recreio ou intervalo ou dos espaços e tempos fora da sala de aula;
- o acompanhamento nos horários de entrada e saída, onde até os pais dos alunos acabam sendo orientados sobre as possibilidades de adequação no uso dos espaços da escola (pátio, banheiros, salas de aula, sala de leitura...), sobre a localização e forma de acondicionamento de materiais e equipamentos;
- os cuidados com os espaços da escola, de modo a permitir a manutenção da limpeza, a apropriação de regras de convívio nos espaços comuns, entre outras.

Assim, pois, segundo Paula Carvalho (1990, p. 186), uma “educação em sua leitura ampliada” como o “conjunto das práticas sócio-educativas”. Nesse sentido, é preciso considerar os “modos de educação das crianças de um grupo”, a “importância constitutiva da ação social”, a diversidade cultural e a “voz das crianças”. Sendo a educação uma prática social basal e potenciada, essa realiza como que a “circulação e a cimentação das demais práticas -, seja como um

complexo de fenômenos educacionais: a educação é uma prática fática”; tratar-se-ia, assim, de uma “educação fática”.

O autor (1990, p. 231) ampliou a concepção de educação para o que denominou “educação fática”, com base na consideração de que “todos os grupos educam e organizam o comportamento” a partir de “sistemas e práticas simbólicas onde a educação no grupo da escola apresenta um caráter basal”. Centrando no ‘fator fático’, concebe que as “práticas simbólico-organizacionais” têm por função ‘pôr em circulação e articular’ as formas e conteúdos da praxis social numa integração que: considere o todo e as partes, a dimensão estética, a dimensão que possibilita interpretar/compreender as práticas do grupo, a dimensão que considere o caráter integrativo das diferenças e a dimensão ética.

A educação fática, segundo o autor (1999, p. 231 e 239) compreende, entre outros aspectos, a “formação das sensibilidades pelo reencantamento do mundo” através de uma pedagogia do imaginário, entendendo-se o “imaginário” como constituído pelo

- ‘pólo arquetipal’, ao “considerar o capital do inconsciente, os esquemas, os arquétipos os gestos e os ritos” e, por outro lado, o “repertório dos sistemas e práticas simbólicas vistos como ideário” (conjunto das idéias) e como “imaginaría” (conjunto das imagens)
- e pelo ‘polo figural’, “o das variações sócio-culturais”, que tem por componentes os “paradigmas e sistemas conceituais”, as “mitologias e utopias”.

No imaginário, o ‘símbolo realiza a sutura entre o ‘pólo arquetipal’ (forma) com o ‘pólo figurativo’ (sentido), referindo-se ao ‘pólo ideográfico-figural’, sendo, portanto, uma “união de opostos” e uma “máquina de transformação de energia, unificando polaridades”.

Agentes Escolares, Vigias e outros profissionais do quadro de apoio, no cotidiano da escola e na interação, realizam imaginariamente essa sutura, pois desenvolvem ações segundo as regras e normas da escola, mas também estabelecendo ligações afetivas, principalmente com os alunos. Acabam por conhecer especificidades não observadas, muitas vezes, por professores e equipe gestora das escolas, como, por exemplo, a possível causa de queixas de alguns alunos quando sentem um mal-estar, dores etc. É cuidando de algumas dessas situações e na conversa ocasional com pais ou familiares dos alunos, quando isso é

possível (no portão, na entrada ou saída...), que muitos dos profissionais do quadro de apoio acabam por saber se a criança passa fome em casa (não tomou café da manhã e por isso está com dores de estômago, por exemplo), se todos os membros da família estão desempregados, se a criança fica sozinha em casa com uma “outra criança” designada para cuidar dela, se alguém da família está muito doente, e as mais diversas situações. Não se trata, certamente, de fazer diagnósticos ou resolver problemas por alguma observação e/ou constatação, mas informações como essas podem ser levadas para o conhecimento de profissionais específicos, de centros de apoio existentes na comunidade se for o caso (como o são, muitas vezes), podem mudar o modo como uma professora interpreta alguma atitude do seu aluno e/ou outros encaminhamentos possíveis.

O pessoal do quadro de apoio, no entanto, quando citado nos discursos pedagógicos proferidos acerca da necessidade do envolvimento de todos na vida da Escola e outros discursos atuais que se compreendem como abrangentes, acolhedores da diversidade, defensores da perspectiva se aprendem com a interação etc., são, em geral, considerados como relevantes na vida da escola. Na prática, no entanto, não é isso que se observa. O que pode ser questionado a respeito é se esse sujeito (do quadro de apoio) é considerado em sua diversidade/complexidade. Quando? Será que se percebem como sujeitos na organização educativa e como participantes das interações que ali ocorrem? Em que medida?

Ao abordar o sujeito em sua complexidade, Morin (1996, p. 282) destaca que,

... cada ser [...], é um verdadeiro cosmo. Não só porque a profusão de interações em seu cérebro seja maior que todas as interações no cosmos, mas também porque leva em si um mundo fabuloso e desconhecido.

Falar de “cada ser” no âmbito da organização social (no caso, educativa) nos remete à necessidade de procurar compreender suas diversas formas de organização e da sua inserção num grupo. Conhecimento esse que pode tomar como referência os estudos de Anzieu sobre as condições dos *grupos-sujeitados* (definidos como o grupo que se cristalizou *nos fantasmas de grupos dominantes*) e *grupos-sujeito* (*aqueles capazes de controlar suficientemente a própria fantasmática*), conforme apontado pelo Prof. José Carlos de Paula Carvalho no

seu livro “Antropologia das Organizações” (1990, p. 117-118). Há um potencial energético que dá sentido à fantasmática de um grupo ou de uma cultura e esgotá-lo significa desencadear o processo entrópico (que tende para o fim do grupo, para seu esgotamento). Por isso Anzieu (apud PAULA CARVALHO, op.cit., p. 117) mostra a positividade do imaginário nos grupos, quando afirma que

... entre o grupo e o próprio grupo, entre o grupo e a realidade, há algo mais que relações entre forças reais: há uma relação imaginária. As imagens que se interpõem entre o grupo e o entorno, entre o grupo e o próprio grupo, são vitais porque globalmente, em toda e qualquer situação de grupo, grande ou pequeno, de trabalho, de lazer, de cultura ou de vida econômica, há uma representação imaginária subjacente, comum à maioria dos grupos, e é exatamente na medida em que há tal representação imaginária que podemos falar em coesão de identidade de grupo. Não há grupo sem imaginário.

Didieur Anzieu (1993, p. 21) explica que “o grupo é o lugar de fomentação das imagens”. Os participantes de um grupo se reúnem por inúmeros motivos, como: trabalhar, divertir-se, defender-se, serem instruídos, tratados etc. e surgem os sentimentos que os invadem, a agitação, os desejos, medos, angústias que podem instigá-los ou paralisá-los. Desenvolve-se uma emoção comum que, em alguns momentos, lhes dá a impressão de unidade, outras vezes essas emoções se colocam como uma ameaça, podendo provocar a ruptura do grupo. Havendo a ruptura, alguns membros do grupo procuram se defender, outros podem se entregar com resignação, alegria e até entusiasmo e/ou podem manifestar apatia, entre outras possibilidades. O grupo é, para o autor e nesse sentido, “uma colocação comum das imagens interiores e das angústias dos participantes”.

No grupo, há uma representação imaginária que é dinâmica e tanto pode se colocar como um obstáculo ao seu funcionamento, como pode mobilizá-lo para um funcionamento eficaz e lhe permite ser solidário. É importante considerar que, nas duas situações, o grupo é mobilizado por uma representação imaginária.

Se um imaginário é banido, é substituído por outro, e tal situação é análoga à dos mitos nas sociedades primitivas, por onde se evidencia a função organizacional do imaginário e a identidade de caráter mítico dos grupos e organizações sociais. (PAULA CARVALHO, op. cit., p. 117)

Para Gilbert Durand (1997, p. 62-63) é “no prolongamento dos esquemas, arquétipos e símbolos que podemos considerar o mito”. O mito compreendido como um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas que, mobilizados por um esquema, tende a compor-se numa narrativa. Assim, o mito já é um esboço de racionalização, segundo o autor, pois utiliza o “fio do discurso”, de modo que os símbolos se resolvam em “palavras” e o arquétipo em “idéias”.

Para Durand (op. cit., p. 60-64), o “mito explicita um esquema ou um grupo de esquemas”. O esquema (schèmes) é uma “generalização dinâmica e afetiva da imagem”, mas anterior a ela. O esquema forma o “esqueleto dinâmico, o esboço funcional da imaginação”. Ao gesto postural, por exemplo, correspondem dois esquemas: o da “verticalização ascendente” (ou subida) e o da “divisão” (visual ou manual); ao gesto do engolimento correspondem os esquemas da descida (percurso do alimento) e os do “acocoramento na intimidade”.

Os gestos, agora diferenciados em esquemas, vão determinar os grandes arquétipos que constituem as “substantificações dos esquemas” (DURAND, op. cit., p. 60). Há uma grande estabilidade nos arquétipos. Assim, ao esquema da subida, por exemplo, correspondem os arquétipos do cume, do chefe, da luminária e outros, ao esquema da divisão (ou diarético) correspondem os arquétipos do gládio, do ritual do batismo e outros; ao esquema da descida correspondem os arquétipos do “oco, da “noite” e outros e ao esquema do acocoramento correspondem “todos os arquétipos do colo e da intimidade”. “Os arquétipos se ligam a imagens muito diferenciadas e nas quais vários esquemas se vêm imbricar”.

Temos, segundo o autor (op. cit., p. 62), a presença do símbolo, no sentido estrito. Enquanto o “arquétipo está no caminho da idéia e da substantificação, o símbolo está no caminho do substantivo, do nome”. O “arquétipo da roda”, por exemplo, “dá o simbolismo da cruz”, que se transforma no gesto do “sinal da cruz”, que se transforma num “símbolo de adição”, numa “sigla”, num “símbolo arbitrário do alfabeto”.

Enfim, esse isomorfismo dos esquemas, arquétipos e símbolos no seio dos sistemas míticos ou de constelação estáticas levar-nos-á a verificar a existência de certos protocolos normativos das representações imaginárias, bem definidas e relativamente estáveis, agrupados em torno de esquemas originais que chamaremos de estruturas. (DURAND, op. cit., p. 63)

A estrutura, para Durand (1997, p. 63-64), pressupõe um dinamismo transformador mas, a exemplo de um modelo de “taxonomia” e “pedagógico”, pode servir com tranqüilidade a uma classificação, pois “pode se transformar e modificar o campo do imaginário”. A exemplo da “medicina”, também, a estrutura pode ser como um “modelo” que permita o “diagnóstico e a terapêutica”. Assim, uma estrutura pode desempenhar um “papel motivador para um agrupamento de imagens”, sendo “suscetível”, ela própria, de “se agrupar numa estrutura mais geral”, que o autor denomina “Regime”.

Temos, então, as estruturas “heróica” (regime diurno), “mística e sintética” (regime noturno), representando as diferentes maneiras de enfrentamento do homem, ou seja, sua resposta à angustia original num processo constante de busca da reequilibração. Cada uma das estruturas nos remete aos regimes de imagem, que Durand denominou: Diurno e Noturno.

O Regime Diurno caracteriza-se por uma “estrutura esquizomorfa ou heróica”, cuja dominante é a postural. Esta envolve dois “schèmes” (esquemas) que “oscilam entre a posição vertical e ereta e a posição horizontal no processo de hominização” (BADIA, 1999, p. 66). A constelação de símbolos, neste regime, gira em torno dos esquemas “diarético” e “ascencional”, e do arquétipo da luz.

O Regime Noturno, por sua vez, envolve operações de interiorização, evidenciada por duas estruturas: “mística ou antifrásica”, cuja dominante é a digestiva; e “sintética, dramática ou disseminatória”, que se funda na dominante copulativa. Diverso do regime diurno que é o da “antítese”, o regime noturno é o da “antífrase”, no qual o caráter dramático e rítmico compreende sua essência, orientado pelos “schèmes” da decida, do aconchego, da intimidade, do tempo que flui.

Os regimes de imagem diurno e noturno constituem o tema da obra de Durand, “As Estruturas Antropológicas do Imaginário”. Posteriormente, o autor individualiza a estrutura sintética (antes, no Regime Noturno), como autônoma.

A estrutura sintética do imaginário vai, dessa maneira, harmonizar os contrários, mantendo entre eles uma dialética que salvasse as distinções e oposições, e propor um caminho histórico e progressista. (PITTA, 2005, p. 36)

Um fundamental aspecto em relação à teoria do imaginário de Durand

(1997, p. 41-42) a ser destacado diz respeito ao que denomina “trajeto antropológico”. O imaginário “não é mais do que o trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar os imperativos pulsionais do sujeito, no qual, reciprocamente, as representações subjetivas se explicam”. Representações que são apreendidas num processo que Piaget (citado por Durand, op. cit., p. 42) define como sendo o das “acomodações anteriores do sujeito ao meio objetivo”.

Sendo o símbolo “sempre o produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio”, temos seu produto que é o trajeto antropológico, ou seja,

[...] a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre a pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social. (DURAND, op. cit., p. 41)

Para Pitta (2005, p. 96), Gilbert Durand “sempre insistirá na noção fundamental de ‘trajeto antropológico’ como ‘lugar’ de criação das imagens”. [...] “Imagens simbólicas fundamentais que não são arbitrarias e carregam um semantismo próprio” que lhes é dado, justamente, pelo “trajeto antropológico” no qual se constituíram.

Apreender algumas manifestações simbólicas, imagens, relatos ou mitos que podem revelar os modos de sentir, pensar, agir e se constituir pelo e no grupo dos profissionais do quadro de apoio representam significativa contribuição à análise pretendida.

Essa análise não prescinde, também, dos estudos de Carol Pearson (1998, p. 16) acerca do mito do herói (sua jornada) e sua importância no mundo contemporâneo e que podem ser cruzados com os de G. Durand.

Trata-se de um mito imemorial que nos une a pessoas de todas as épocas e lugares. Ele fala em saltar intrepidamente através dos limites do desconhecido e ter confiança de que, quando chegar o momento, teremos os recursos necessários para enfrentar nossos dragões, descobrir nossos tesouros e retomar e transformar o reino. Ele também fala em aprendermos a ser verdadeiros com nós mesmos e a viver em harmonia com os outros membros da nossa comunidade.

As histórias a respeito de heróis, segundo a autora (op. cit., p. 16), são

profundas e eternas. Elas ligam nossos anseios, desgostos e paixões às experiências dos que vieram antes de nós. Enfatiza, ainda,

[...] que embora os mitos que podem dar significado as nossas vidas sejam profundamente primitivos e arquetípicos⁹, às vezes nos inspirando terror, eles também tem a capacidade de libertar-nos de modos de vida falsos e fazer com que passemos a ter uma vida de verdade. (PEARSON, 1998, p. 16)

O heroísmo (PEARSON, op. cit., p. 17-18) “consiste não apenas em encontrar uma nova verdade, mas em ter a coragem de agir” de acordo com ela. Nas jornadas em que os heróis “matam dragões”, “salvam pessoas em apuros”, “recuperam tesouros” e encontram “novas verdades ou verdades renovadas”, chega-se, geralmente, a um final feliz, mesmo que tenha uma “curta duração”. Esse final não significa o fim e, logo, retoma-se um novo tipo de jornada. A autora destaca que esse padrão não é linear ou circular, mas pode ser representado por uma espiral. “Cada vez que iniciamos a nossa jornada, nós a fazemos num novo nível e voltamos com um novo tesouro e com habilidades transformativas recém-descobertas”.

Para cada jornada compreendem-se tarefas a serem realizadas. Segundo Pearson (op. cit., p. 21)

[...] cada arquétipo traz consigo uma tarefa, uma lição e em última análise, uma dádiva. Os arquétipos, considerados em conjunto, nos ensinam a viver. [...] todos os arquétipos estão presentes dentro de em cada um de nós.

Carol Pearson (1997) nos apresenta seis arquétipos que nos orientam e nos ajudam a encontrar o sentido de nossas vidas, em seu livro “O Herói Interior”. São eles: “Inocente”, “Órfão”, “Nômade”, “Mártir”, “Guerreiro” e “Mago”, cada um representando, de um modo geral, padrões de um arquétipo.

Os arquétipos são padrões permanentes e profundos da psique humana que se mantém poderosos e atuantes ao longo do tempo. (Jung apud PEARSON, 1997, p. 21)

⁹ Arquetípico: “Carl Jung reconheceu que existem imagens arquetípicas ao observar que essas se repetiam nos sonhos de seus pacientes e também podiam ser encontradas nos mitos, nas lendas e arte dos povos antigos, como na literatura, religião e arte contemporâneas. [...] são arquetípicas porque deixam os mesmos traços em todas as épocas e lugares.” (PEARSON, 1998, p. 21)

Podemos, segundo a autora, reconhecer os arquétipos observando nossas vidas e de outras pessoas, procurando interpretar o que fazemos, nossas atitudes e dos demais, percebendo a linguagem corporal das pessoas e outros indícios.

Os seis arquétipos apontados por Pearson (1997, p. 22) são os de maior influência sobre o nosso desenvolvimento. Esta influência torna-se preponderante, na medida em que ocorre uma “duplicação ou reforço externo” do padrão.

Um acontecimento na vida da pessoa ou histórias recontadas na cultura, capazes de ativar o padrão. Por conseguinte, tanto nossas histórias pessoais como nossa cultura, determinam os arquétipos dominantes em nossa vida.

Esse arquétipos “são importantes para a jornada do herói”, que também é a “jornada de individuação”. (PEARSON, op. cit., p. 22)

O “processo de individuação” diz respeito à experiência de integridade que se dá ao longo de uma vida inteira, termo que Jung (apud STEIN, 2006, p. 156) utilizou para definir esse processo como sendo o de “tornar-se uma pessoa unificada mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada” – o “si mesmo”.

A representação psicológica do si mesmo foi definida por Jung (apud BOECHAT, 2008, p. 198-200) como sendo o “arquétipo do si mesmo ou self”. O self como “núcleo central e ao mesmo tempo, a totalidade dos processos psíquicos, conscientes e inconscientes”. É por “meio do processo de individuação que cada indivíduo vem a ser o que realmente é”.

Nesse sentido e possibilitando que os “arquétipos ativos em nossa vida consciente” sejam explorados é que Pearson (1997, p. 23) enfatiza que esses “são fundamentais no processo de individuação”, portanto, ao empreendimento da jornada do herói.

São os arquétipos manifestados em nosso mundo diário, os quais nos ajudam a definir um ego forte e expandir os seus limites, permitindo o desabrochar pleno da personalidade e sua abertura para a experiência da unidade com outras pessoas e com os mundos espiritual e natural. (PEARSON, op. cit., 22)

Os arquétipos apresentados na espiral indicam a jornada que percorremos para a aproximação do *self*, tomada de consciência para a vida em sua totalidade e sua possível transformação. Cada etapa compreende o alcance do que denomina

“dádiva ou tesouro”, que seria nosso maior aprendizado naquela jornada.

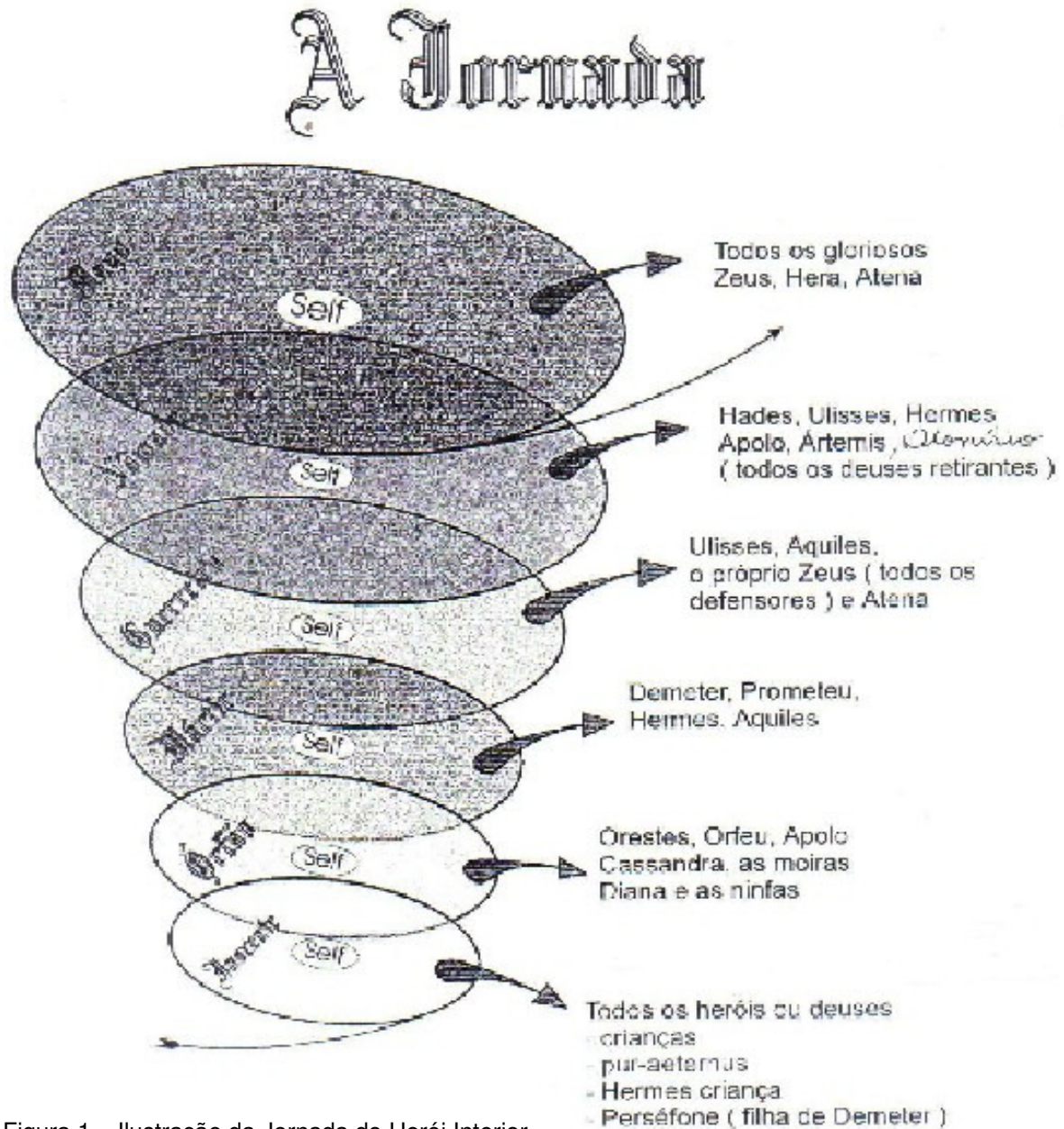


Figura 1 – Ilustração da Jornada do Herói Interior (imagem utilizada em aula pela Profª Rr. Rosa Melloni)

Na espiral, observamos que cada uma das jornadas nos prepara para a seguinte, que é mais abrangente e desafiadora. Assim, entendemos que chegar ao Mago, por exemplo, pressupõe ter vivido muitas e novas experiências, desafios/ momentos de superação dos medos e de problemas, os mais diversos. O alcance de cada dádiva/aprendizado nos prepara para as novas e mais complexas etapas. Certamente, esse caminho não é linear e sem recorrências, mas representa importantes conquistas e aprendizados na busca de nossa identidade, no

conhecimento e consciência do si mesmo, da vida vivida cada vez mais em sua plenitude.

Na jornada em espiral, podemos encontrar cada arquétipo diversas vezes e receber novas dádivas em níveis mais elevados e profundos de desenvolvimento. Cada encontro deixa suas marcas [...] que funcionam como uma espécie de malha ou rede. Quando experimentamos a realidade e temos a malha ou rede adequada para segurar essa realidade, podemos absorver essa experiência e torná-la significativa. Os arquétipos que ainda não experimentamos são como 'buracos' na rede; as experiências que para nós tem pouco ou nenhum significado simplesmente passam através desses buracos. (PEARSON, 1998, p. 27)

A partir dos estudos de Carol Pearson (op. cit., p. 98), discutiremos ao longo do desenvolvimento da tese e nos momentos em que identificarmos situações ou experiências concretas e/ou relatos do pessoal do quadro de apoio, interpretações possíveis que perpassem as características, a tarefa, as potencialidades e o aprendizado que cada uma das jornadas propicia. No quadro a seguir, temos uma síntese do que caracteriza, em parte, cada arquétipo, representando, também, cada uma das seis jornadas do herói, com a sua principal meta, seu maior medo, sua forma de dar uma resposta ao problema (o Dragão), sua principal tarefa para a aprendizagem necessária e possível transformação da vida (encontro do self), e a dádiva/virtude (ou tesouro) a ser alcançada.

Jornada	Meta	Medo	Resposta ao Dragão/Problema	Tarefa	Dádiva/Virtude
Inocente	Permanecer em segurança	Abandono	Negá-lo ou procurar socorro	Fidelidade/ Discernimento	Verdade / Otimismo
Órfão	Recuperar a segurança	Exploração	Ser maltratado por ele	Processa e sente por completo o sofrimento	Interdependência / Realismo
Mártir	Ajudar os outros	Egoísmo	Cuidar dele ou daqueles a quem ele fere	Dar sem mutilar a si mesmo ou aos outros	Compaixão / Generosidade
Guerreiro	Vencer	Fraqueza	Matá-lo / Enfrentá-lo	Luta apenas pelo que realmente importa	Coragem / Disciplina
Nômade	Identidade	Falta de Autenticidade	Considerá-lo parte do seu <i>Self</i>	Autocriação / Auto-aceitação	Individualidade / Vocação
Mago	Transformação	Feitiçaria Maligna	Transformá-lo	Alinhar-se com o Cosmos	Reconhecer a abundância e o poder do universo

Tabela 1 - Quadro síntese das Jornadas, Carol Pearson, 1997.

O Inocente e o Órfão dão início à ação: o Inocente vive no estado de graça anterior à queda; o Órfão enfrenta a realidade da queda. Os próximos estágios constituem estratégias para viver no mundo depois do pecado original: o Nômade inicia a tarefa de se perceber separado dos outros; o Guerreiro aprende a lutar para se defender e mudar o mundo segundo sua própria imagem; e o Mártir aprende a dar, a confiar e a sacrificar-se pelos outros. Assim, a progressão vai do sofrimento para a auto-definição, para a luta, para o amor. (PEARSON, 1997, p. 29)

Carol Pearson publicou, mais tarde, o livro “O Despertar do Herói Interior”, no qual ampliou a espiral de seis para doze arquétipos, a saber: Inocente, Órfão, Guerreiro, Caridoso, Explorador, Amante, Destruidor, Criador, Governante, Mago, Sábio e Bobo. Entretanto, vamos nos ater ao primeiro porque propõe um exercício de reconhecimento sobre as etapas percorridas na jornada, que utilizarei nesta tese.

Em nenhum momento, houve (ou há) a pretensão de promover a categorização os profissionais do quadro de apoio, com sua inserção em jornadas específicas. Observaremos convergências, recorrências e/ou possíveis analogias em momentos que foram pontuais e que, portanto, mudam constantemente.

Será privilegiada a apresentação dos próximos capítulos na forma narrativa, com ênfase nas diferentes situações vivenciadas e observadas no decorrer do Projeto de Formação Inter-Escolas dos Educadores e em alguns relatos pessoais.

Existe intensidade na superficialidade dos fenômenos. O sentido que não se tensiona mais em direção a um alvo distante, se "tensiona no" (in tendere) aqui e agora, com os outros.

Michel Maffesoli

1.4 Metodologia de Pesquisa

A metodologia de pesquisa compreendeu uma abordagem fenomenológico-compreensiva que, por meio de diferentes heurísticas, propiciaram a observação, investigação, análise e discussão à luz de um referencial teórico acerca do ser sujeito dos profissionais do quadro de apoio, suas práticas, as relações intersubjetivas, as vivências e outros aspectos, em especial, a partir do Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores. Foram considerados, para este fim, os diferentes registros das palestras, dos encontros, das oficinas, dos relatos de experiências, de práticas diferenciadas, da avaliação e socialização das reflexões suscitadas com os agentes escolares, vigias, agentes de apoio, auxiliares administrativos de ensino, enfim, o que denominamos "Quadro de Apoio" de algumas escolas do sistema municipal de ensino de São Paulo.

Dessa forma, algumas questões são prementes e se colocam: como os profissionais do quadro de apoio se vêem no conjunto da escola? Como se sentem e interagem com professores, equipe gestora e alunos? E entre eles? Como se relacionam? Percebem-se, em algum momento, como sujeitos de uma ação educativa? O que representou a participação no Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores, entre os anos 2000 e 2005, para o seu modo de ser, pensar agir e sentir e relacionar-se?

A história, a observação, os registros, os relatos e as produções (escritas, fotos, filmagens...) do movimento desencadeado a partir da realização do Projeto Inter-Escolas, principalmente, constituíram-se em elementos fundamentais à pesquisa. Foram importantes, ainda, os relatos pessoais de três pessoas do quadro de apoio (levantados por meio de uma entrevista semi-estruturada), visando a apreender as influências que se manifestam nas práticas simbólicas do indivíduo/grupo ao longo dessa vivência.

As falas, ações, atitudes, formas diversas de manifestações, enfim, as práticas simbólicas presentes no cotidiano da escola constituem-se em importantes elementos que podem facilitar a apreensão de aspectos do latente, do nível afetual dos sujeitos, suas realizações, receios, apreensões, visão de si mesmos e do outro, seus processos individuais e grupais, recorrências etc. Manifestações que acabaram por trazer informações acerca desse segmento específico da escola, de como são observadas as diferenças individuais, crenças, valores, atitudes; a relevância ou não de sua influência do quadro de apoio na equipe da escola como um todo e, ao mesmo tempo, e em cada um.

Procurando delimitar o campo de observação/estudo em situações consideradas relevantes, destacaram-se:

- o levantamento de informações, dados, registros diversos acerca do desenvolvimento do Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores no que se refere às vivências / influências que este pode ter propiciado aos envolvidos no processo;
- a análise das questões que permearam diferentes pessoas e o grupo, à luz dos mitos e jornadas e que emergiram no decorrer do projeto e da própria pesquisa ou nos relatos pessoais.

As atividades, sintetizadas a seguir foram elencadas a fim de viabilizar a realização da pesquisa:

1. Levantamento dos registros de atividades realizadas nos diversos encontros de formação durante o desenvolvimento do projeto (situados entre 2000 e 2005), nos quais aparecem a representação de si mesmo, do grupo e da escola por meio de desenho, produções com recorte e colagem, constituição de painéis, levantamento de frases, narrativas, registro das falas, fotos, filmagens, avaliações e/ou outras que possibilitem maior conhecimento sobre que mitos subjazem o constituir-se sujeito e o empreendimento da “Jornada do Herói” (Pearson).
2. Entrevista semi-estruturada (com as perguntas abaixo relacionadas e/ou outras, se coubessem no momento). A entrevista compreende mais um relato pessoal, tendo uma consideração no seu início, um conjunto de perguntas que poderia ter alguns desdobramentos (mas garantida a pertinência do tema), e um quadro final para uma associação, se possível.

Segue texto da entrevista:

Considerando suas vivências, experiências, modo de pensar, sentir agir e no que você acredita, procure responder:

- a. O que te realiza na vida?*
- b. O que te realiza na atividade que desenvolve na escola / no seu trabalho?*
- c. Você tem filhos? O que você acha importante da educação dos filhos? E na educação dos alunos?*
- d. Qual é seu sonho? Que sonhos considera “possíveis de serem concretizados”, de se realizar?*
- e. Como você se relaciona com as pessoas da escola? Com seu grupo de trabalho mais próximo? Com as Professoras? Com a Direção e Equipe Gestora?*
- f. Como você vê o seu trabalho na escola?*
- g. Quais são suas atribuições na escola? Descreva, em linhas gerais, o que faz no dia-a-dia?*
- h. O que você faz na escola, mas não considera que seja seu trabalho?*
- i. Considera que o seu “fazer cotidiano” é importante? Por quê?*
- j. Na escala de 1 a 10, que número escolheria para mostrar sua importância na escola? Nessa mesma escala, que número pensa que os outros funcionários lhe atribuiriam – isto é, de 1 a 10 - que nota dariam para sua importância na escola? Ainda nessa escala, que nota acha que a Direção lhe daria?*
- k. Você se sente parte da equipe da escola? O que considera importante na sua vivência como parte dessa equipe?*
- l. O que o Projeto Inter-Escolas representa para você? É significativo? Conte um pouco.*

m. Qual foi o encontro ou momento que mais lhe marcou? Por quê?

n. Que assunto mais lhe agradou? Que assunto mais lhe incomodou? Por quê?

o. Você observou (ou observa) alguma mudança em você mesmo(a) provocada por esse projeto, esses encontros de formação? Que tipo de mudança?

p. Outras pessoas (da escola, da família ou do grupo de amigos) observou ou disse que você apresentou alguma mudança de atitude, de comportamento, no seu modo de ser, pensar ou agir durante, ou depois do início do Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores?

q. De tudo o que você faz na escola, o que considera que seja “educativo”? Que implique uma ação educativa?

r. O que faz fora do espaço da escola e considera muito importante? Dessas atividades, qual é a que mais gosta? Considera que alguma tenha uma função educativa? Qual(is)? Por quê?

s. Veja no quadro abaixo o que a autora Carol Pearson indicou sobre algumas “jornadas” que vivenciamos. Se tivesse que escolher uma que melhor representasse seu “maior medo” e sua “maior virtude” **hoje**, qual seria?

Jornada	Maior Medo	Maior Virtude
Inocente	<i>ser abandonado</i>	<i>ser verdadeiro e otimista</i>
Órfão	<i>ser explorado</i>	<i>ser interdependente e realista</i>
Mártir	<i>ser egoísta</i>	<i>ser generoso</i>
Guerreiro	<i>ser fraco</i>	<i>ser corajoso e disciplinado</i>
Nômade	<i>deixar de ser autêntico</i>	<i>garantir minha individualidade e seguir minha vocação</i>
Mago	<i>influenciar negativamente outras pessoas</i>	<i>confiar no meu poder pessoal</i>

Foram entrevistadas três pessoas do quadro de apoio, entre Agentes Escolares, Auxiliares Técnicos de Educação e Vigias e esse material é apresentado, também, na forma narrativa com a respectiva análise e considerações, no capítulo

final dessa tese.

Os heróis empreendem jornadas, enfrentam dragões e descobrem o tesouro de seus verdadeiros *selves*. Embora possam sentir-se muito sozinhos durante a busca, ao final a recompensa é um sentimento de comunhão: consigo mesmos, com as outras pessoas, com a Terra. (PEARSON, 1997, p. 25)

Adentraremos agora o capítulo que traz um pouco dos olhares, resistências, elaborações, questões... dos profissionais do quadro de apoio (e quem são), a partir dos registros do Projeto Inter-Escolas de Formação dos Professores.

2 UM PROJETO QUE MOBILIZOU O QUADRO DE APOIO

2.1 O Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores

No final de 1999, fazendo o curso de formação de professores de Educação Infantil na USP, a Coordenadora Pedagógica da EMEI Campo Limpo, Ana Cristina, a Coordenadora Pedagógica da EMEI Janete Clair, Maria Inês Rulli e eu, que estava atuando na Diretoria Regional de Educação Campo Limpo com formação continuada de Diretores e Assistentes e Professores, refletimos sobre a necessidade de montar um grupo de estudo nas escolas, pois a maioria dos professores não havia sido contemplada com a oportunidade de participar desses encontros.

No início de 2000, retornei para a Direção da EMEI Janete Clair e fizemos uma reunião na EMEI Campo Limpo para a elaboração de um projeto, a partir da fala/idéia inicial que tivemos no final de 1999. Estavam presentes as equipes de três EMEIs: Campo Limpo, Wilma Alvarenga e Janete Clair. A Coordenadora da EMEI Norimar Teixeira, Mara, mostrou interesse em participar e esta escola se integrou ao grupo.

Nesta reunião, decidimos as áreas que iríamos priorizar a partir das necessidades observadas pelas Coordenadoras Pedagógicas para o aprimoramento da prática pedagógica dos professores dessas escolas. Foram levantados os temas: Educação Corporal; Ciências Sociais; Matemática; Brinquedo e Brincadeiras; Artes. Sugeri a realização de uma palestra com o tema “Ética” para o encerramento das atividades de formação do ano.

Foram levantados os nomes dos profissionais que iríamos convidar para realizar os cursos e palestras, visando a atender às diferentes áreas do conhecimento e demais necessidades dos professores das unidades escolares.

O ano de 2000 foi o primeiro no empreendimento do Projeto. A maioria dos professores que ministraram os encontros vieram mediante convite e realizaram as oficinas/palestras sem remuneração. Essa programação foi destinada apenas aos professores das unidades participantes e, nesse ano (2000), a Equipe do Quadro de Apoio não foi contemplada. Nossa prioridade foi a mesma das Equipes Técnicas¹⁰ das escolas de um modo geral, que era garantir investimentos na formação continuada para os professores, por atuarem na docência, portanto na ação direta

¹⁰ Equipe Técnica ou Gestora: compõe-se de Diretores, Assistentes do Diretor e Coordenadores Pedagógicos.

com os alunos.

Público	Palestrante/Regente da Formação	Tema	Total de Encontros	Manhã (8 às 12h)	Tarde (13 às 17h)
Professores	Mara Morelli	Arte	1	X	X
Professores	Prof. Duarte	Educação Corporal	1	X	X
Professores	Prof. Odair	Ciências Sociais	1	X	X
Professores	Prof ^a Anna Regina Lanner de Moura	Matemática	1	X	X
Professores	Francisco Marques (Chico dos Bonecos)	Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil	1	X	X
Professores	Prof. Yves de La Taille	Ética	1	X	X

Tabela 2 - Programação dos encontros do Projeto Inter-escolas de Formação dos Educadores - 2000

Ao pensar a escola como um todo, havia que se observar a necessidade de uma formação para esse “todo”, incluindo, portanto, o quadro de apoio. Ficava aí uma lacuna, um vazio. O que envolve o todo da escola? Muitas das atividades do dia-a-dia não se restringem ao espaço da sala de aula e à relação direta professor-aluno. São ações coletivas e individuais, como a organização da entrada, do lanche, da utilização dos espaços comuns como o pátio e outros, o atendimento ao aluno nos quinze minutos de intervalo das aulas e no qual um agente escolar, geralmente, fica responsável pelas crianças e atende aos pais que sempre procuram algum tipo de informação (sobre as atividades da escola, sua organização no dia, na semana etc.)

Não considerar, portanto, esse “todo”, seria negligenciar questões que foram, aos poucos, sendo observadas no âmbito do dia-a-dia da vida na escola. Como fatores observáveis acerca do envolvimento do quadro de apoio nas questões da escola e seu cotidiano destacaria:

- nos encontros no início do ano para reavaliar/redirecionar os rumos do Projeto Pedagógico, a presença/participação dos agentes escolares era nenhuma (ou ocasional);

- a resistência por parte do quadro de apoio em ir/permanecer nos encontros do início do ano (mesmo quando eram convidados), pois precisavam “preparar o lanche, limpar a escola para a volta os alunos, ir a uma consulta marcada no médico ou dentista há meses” etc.;
- o desconhecimento do que foi discutido/combinado nesses encontros, justamente pela não-presença, o que influenciava nas ações cotidianas e ao longo do ano;
- o entendimento de que toda ação educativa (mesmo aquelas que ultrapassam o âmbito da sala de aula) é de competência e responsabilidade exclusiva de Professores, Coordenadores Pedagógicos e Diretores;
- o entendimento de que não há necessidade de conhecer nada sobre a programação geral da escola (eventos, reuniões etc) e, portanto, não lhes cabia, em momento algum, repassar informações aos pais (que acabavam avaliando os profissionais da unidade como mal-informados, generalizando essa imagem para o “todo” da escola);
- a falta de informação sobre sua própria vida funcional (vantagens e benefícios) e outros assuntos, resultando em prejuízos para si mesmo e para a escola, em algumas situações;
- a habitual saída de várias pessoas do quadro de apoio no mesmo dia/horário (de trabalho) por marcarem consulta médica simultaneamente, mesmo que isso deixasse a escola em situação delicada pela demanda de trabalho de rotina e existente (não percebendo ou não considerando significativo o transtorno ocasionado para o “todo” da escola, especialmente, para os alunos);
- falhas na comunicação do dia-a-dia na escola, que acabavam por ocasionar mal-estares, conflitos e outras manifestações, muitas vezes, desnecessárias e irrelevantes para as ações do grupo no seu conjunto (é a falta de informação resultando no que chamamos, popularmente, de “tempestade em copo d’ água”);
- outros aspectos que, possivelmente, não conseguiria elencar aqui, mas que poderão aparecer ao longo dos relatos e situações apresentadas na tese.

Essas foram, enfim, algumas das questões que passaram a me incomodar

como Diretora da Escola. Não somente pelo fato de existirem e por sua recorrência, mas sobre o que pensavam/faziam a respeito. Essas questões se colocavam como relevantes ou superficiais para cada funcionário e/ou para o cotidiano da escola? Como as pessoas entendiam essas situações? Se as incomodavam (ou não) e até que ponto? Os agentes escolares sentiam-se participantes do todo da escola, ou não? Se sim, o quanto? A dificuldade seria a falta de informação, de envolvimento e interesse... se um pouco de cada, ou nenhum desses fatores?

Trata-se de procurar as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. (MORIN, 2002, p. 25)

Essas situações/questões mobilizaram-me, pensando em como poderíamos ter uma equipe envolvida no trabalho da escola como um todo, que atendesse nossas próprias expectativas, dos alunos e pais, de uma escola e uma educação melhor. O desafio de ir um pouco além do que já tínhamos, até mesmo porque se percebia a existência de importantes iniciativas, potencialidades, experiências e sugestões que, no entanto, apareciam com maior freqüência nas ações individuais e, na maior parte das vezes, não eram percebidas e consideradas. Ações que poderiam contribuir para o grupo merecendo discussão, no sentido de apresentarem possibilidades de serem articuladas no conjunto da escola (iniciativas que possuíam uma inter-relação, mas não demonstravam ser, conscientemente, observadas).

O fato de experimentar em comum suscita um valor, é vetor da criação. [...] os modos de vida, as experiências poderão ser consideradas múltiplas expressões de um vitalismo poderoso. (MAFFESOLI, 1996, p. 28).

Pensamento heróico¹¹, possivelmente, mas que não deixava de considerar as

¹¹ Pensamento heróico: a jornada do herói, segundo Pearson (1998, p. 210-213), freqüentemente é vista como uma preparação para a liderança. [...] o papel do governante está menos relacionado com o ato de criar uma vida do que de conservá-la e ter controle sobre ela. Todos os bons monarcas ou líderes políticos se identificam com o bem da coletividade e conseguem equilibrar desejos e aspirações pessoais com as necessidades das outras pessoas. Ao resolverem o que querem para si mesmos, eles também levam em conta os interesses da sociedade como um todo. [...] significa reservar algum tempo para criar uma fantasia a respeito do que desejamos para os nossos reinos e para pensar em maneiras de transformar a nossa fantasia em realidade. Nenhum bom governante governa sem um plano.

partes e o *todo* e sua inter-relação, como a apontada por Morin (citando Pascal), nos convidando a um *conhecimento em movimento*

[...] uma vez que todas as coisas são causadas e causadoras, ajudadas a ajudantes, mediatas e imediatas e todas estão presas por um elo natural e imperceptível, que liga as mais distantes e diferentes *considerando* impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer as partes sem conhecer, particularmente, as partes. (MORIN, 2002, p. 116)

Ao final do primeiro ano de atividades no Projeto Inter-Escolas e logo após sua avaliação, as EMEIs Campo Limpo e Wilma Alvarenga encerraram sua participação no projeto, indicando dificuldades decorrentes da distância entre as escolas e, também, porque as Coordenadoras Pedagógicas dessas duas escolas passariam a atuar na Diretoria Regional de Educação. Nesse momento, a EMEI Francisca Júlia da Silva passou a compor o grupo e ficamos em três escolas próximas. A partir de 2001, portanto, o Projeto continuou com as equipes das EMEIs Norimar Teixeira, Janete Clair e Francisca Júlia da Silva.

Foi nesse ano que o Quadro de Apoio das escolas começou a participar diretamente do Projeto, com ações planejadas e sistematizadas para este fim. O tema elencado para a formação da equipe de apoio foi o “Relacionamento Inter-Pessoal” ou o que foi chamado, também, de “Relacionamento Humano”. Para esse trabalho, convidamos a Prof^a Helena M^a Becker Albertani.

Bem, poder-se-ia dizer que o ano de 2001 e os encontros com a Prof^a Helena Albertani representaram o ponto de partida para todo o trabalho de formação e com as equipe de apoio das escolas citadas, de mudanças desencadeadas no grupo e na vida pessoal de alguns dos seus participantes (com maior ou menor ênfase).

Ficou combinado, ainda, que os Diretores e Assistentes de Direção também participariam da formação do quadro de apoio. Já os Coordenadores Pedagógicos ficariam envolvidos diretamente na formação dos Professores (organizados em dois horários com, aproximadamente, 35 profissionais em cada um). Os encontros aconteceriam pela manhã, simultaneamente ao de um grupo de professores, e contou com uma média de 29 participantes.

Em 2001, os encontros ficaram assim organizados:

Público	Palestrante/Regente da Formação	Tema	Total de Encontros	Manhã (8 às 12h)	Tarde (13 às 17h)
Quadro de Apoio	Helena Maria Becker Albertani	Relacionamento Interpessoal	2	X	-----
Professores	Mara Morelli	Oficina de Arte	1	X	X
Professores	Yáskara Manzini	Dança	1	X	X
Professores	Dr ^a Maria Alexandre de Oliveira	Literatura Infantil	1	X	X
Professores	Prof ^{as} : Josca Ailine Baroukh e Christina D. Albertas	A interdisciplinaridade através das ciências Naturais e Sociais	1	X	X
Professores	Prof ^a : Patrícia Cândido	Matemática: resolução de problemas para crianças não leitoras, matemática e a literatura infantil	1	X	X
Professores	Prof ^a Me. Aida Rosa Amoroso Bortoloto Miranda	Competências do Professor	1	X	X

Tabela 3 - Programação dos encontros do Projeto Inter-escolas de Formação dos Educadores - 2001

Os primeiros encontros com o pessoal do quadro de apoio foram notadamente significativos. Embora tenham sido apenas dois, ficaram registrados e foram se desdobrando ao longo de cinco anos e até hoje são lembrados em imagens, falas, atitudes, analogias às situações/experiências vivenciadas.

Na preparação para o primeiro encontro, o quadro de apoio contou com todo um cuidado por parte das equipes técnicas, que se seguiu por muito tempo. Como o pessoal do quadro de apoio era o público do encontro, cuidamos para que não precisasse realizar nenhum preparativo para esse horário. Detalhando melhor, nós, Diretoras e Assistentes das três escolas, encarregamo-nos de garantir que o lanche fosse preparado para que ninguém desse grupo deixasse de participar plenamente da formação para ir à cozinha e fazer café, preparar lanche, colocar a mesa ou outra ação afim.

Recebemos a Prof^a Helena e a apresentamos para o grupo. Participamos da formação junto com as equipes de apoio (eu e a Inês, minha Assistente) e saíamos, em um momento ou outro, apenas para organizar o lanche. Claro, compramos tudo praticamente pronto (sanduíche de metro, refrigerante, sorvete etc).

A Profª Helena, uma profissional competente, organizada, sensível e criativa, ao coordenar o grupo, conseguiu captar muito bem suas questões e o que pensamos em relação ao tema “Relacionamento Inter-pessoal”. Antes do primeiro encontro, ficou muito atenta às nossas informações sobre o público a quem se dirigiria e foi muito feliz nas suas opções de dinâmicas, considerações e fechamentos. Criou situações para dramatização relacionadas ao cotidiano das atividades desempenhadas pelos agentes escolares e, ao mesmo tempo, trouxe para a discussão as dificuldades e falas recorrentes dos participantes. Entre elas, os incômodos, as reclamações, as falas duras e/ou a indiferença e outras questões que foram aparecendo nas cenas que cada grupo ficou incumbido de dramatizar.

A identificação das pessoas/grupos com as situações foi visível, mas sem causar reações de mal-estar ou outras negativas, observáveis naquele momento. De forma lúdica (como num jogo), os temas vieram à tona, foram discutidos nos pequenos grupos e com a mediadora.



Figura 2 - Fotografia da Profª Helena Albertani em momento de discussão com o grupo no encontro com o tema Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001

Segundo Maffesoli (1979, p. 44), “o jogo é certamente a coisa do mundo melhor partilhada. [...] a essência da vida coletiva e da existência individual é teatral”.

As situações apresentadas pela Prof^a Helena trouxeram para a encenação atos do cotidiano e, de certa maneira, trataram de alguns “aspectos negativos” das diferentes jornadas trazidas por Carol Pearson (1998, p. 30-32). A professora abordou arquétipos, como:

- Órfão: a vítima, o indivíduo que culpa sua própria incompetência, irresponsabilidade ou comportamento predatório em relação às outras pessoas e espera um tratamento especial por ter sofrido tanto e ser tão frágil.
- Mártir (ou Caridoso): o mártir sofredor que controla o comportamento dos outros fazendo com que se sintam culpados... Esse aspecto é encontrado na co-dependência, uma necessidade compulsiva de salvar ou cuidar de outras pessoas;
- Guerreiro: o vilão, que usa as habilidades do guerreiro para obter proveitos pessoais, sem qualquer consideração a respeito de moralidade, ética ou bem-estar coletivo;
- Explorador: o perfeccionista, sempre se esforçando por atingir uma meta impossível ou encontrar a solução correta;
- Criador: manifesta-se na forma de um comportamento obsessivo no qual o indivíduo é tão criativo e imagina tantas possibilidades que nenhuma pode ser plenamente explorada.

O emergir desses aspectos provocou a analogia com as situações vivenciadas nos grupos de trabalho (personagens descritos a seguir e que fizeram parte de uma dinâmica) e a discussão acerca das influências que determinadas formas de pensar, agir e ser, trazem para o grupo e para cada pessoa.

Para Maffesoli (2007, p. 139), a analogia permite

[... compreender o presente. Semelhante a uma tela de fundo, ela dá o relevo àquilo que de outra forma passaria despercebido ou seria diminuído, ao ser declarado insignificante.

Uma surpresa para todos foi o desempenho das agentes escolares, vigias, auxiliares de secretaria e até da equipe técnica (que participou) na apresentação das cenas propostas. Talentos que se revelaram!!! Vejamos cinco situações propostas pela Prof^a Helena que foram dramatizadas. O encontro desse dia foi realizado numa escola que estava em reforma, como observaremos em algumas fotos, que aqui ilustram momentos da dramatização/cenas.



Figura 3 - Fotografia da dramatização da cena “Ana Sabinada Cardoso” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001

Grupo dramatizando cena:

“Ana Sabinada Cardoso”

Ana Sabinada é uma moça de 28 anos, que trabalha na Escola Primavera. Ela está lá há um ano e é uma pessoa muito tranqüila, mas está sempre no mundo da lua. Nunca sabe direito o que é para fazer, nem as rotinas do trabalho, e não busca informação de nada.

Helena Albertani (2001)

Grupo dramatizando cena:

“Isoladinha da Silva Só”

Isoladinha é uma mulher de 42 anos, que trabalha na Escola Primavera. Ela está lá há 14 anos e é uma pessoa trabalhadeira, mas que está sempre sozinha. Não gosta de conversar com ninguém, não pede ajuda nem auxilia os outros. Todo mundo diz que é impossível ter um diálogo com ela.

Helena Albertani (2001)



Figura 4 - Fotografia da dramatização da cena “Isoladinha da Silva Só” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001



Grupo dramatizando cena:

“Maria Machuca de Oliveira”

Maria Machuca é uma mulher de 33 anos, que trabalha na Escola Primavera. Ela está lá há 04 anos e é uma pessoa bastante alegre, mas está sempre gozando da cara dos outros. Quando alguém faz uma coisa errada ela conta pra todo mundo. Se alguém tem dúvida e faz uma pergunta ela chama de ignorante e até ri dos defeitos e dificuldades dos outros..

Helena Albertani (2001)

Figura 5 - Fotografia da dramatização da cena “Maria Machuca de Oliveira” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001

A proposta era dramatizar cada situação, mostrando como o personagem age e como se relaciona com os outros. Na comanda da atividade/personagem, estava definido quem poderia aparecer na história e como: funcionários, Diretor de Coordenador, Professores, Pais, Alunos. O grupo deveria representar a cena de modo que os outros entendessem um pouco de como seria o convívio com esse “personagem”, no cotidiano escolar.

Essa dinâmica foi um grande e inesquecível sucesso, particularmente porque as considerações e o que denominamos “fechamentos” foram muito bem colocados pela Prof^a Helena, trazendo o grupo para o debate/reflexão sobre atitudes, posturas, formas de ver a si mesmo, o outro, o trabalho de cada um e de todos. Seu cuidado com o público da formação e sua habilidade para a condução das atividades, as propostas para os debates e sua contribuição pontual, em cada momento específico, fizeram a diferença.

Algumas imagens/mensagens foram utilizadas pela Prof^a. Helena, no fechamento dessa atividade, como subsídio. A discussão, certamente, ultrapassou o suscitado. Vejamos duas delas:



Figura 6 – Mensagem utilizada no encerramento da dramatização de “Ana Sabinada Cardoso” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001

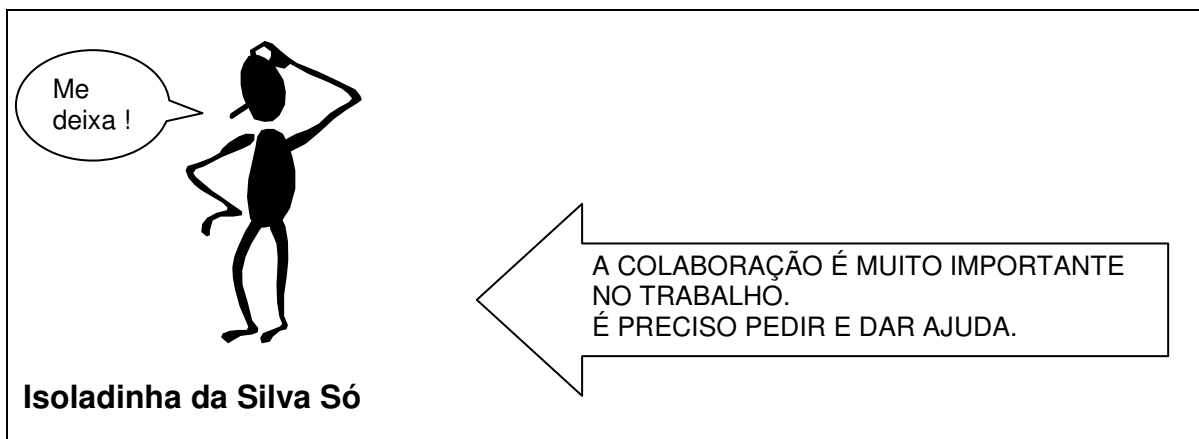


Figura 7 – Mensagem utilizada no encerramento da dramatização de “Isoladinha da Silva Só” - Relacionamento Inter-pessoal - Inter-Escolas 2001

No momento seguinte, no intervalo, todos foram convidados para o lanche e se depararam com uma mesa no pátio com tudo arrumado e pronto para que se servissem. A reação foi indescritível!

A refeição, como se sabe, possui uma função altamente social. [...] O amor da comilança contém em si uma inegável sabedoria mundana, a única que merece atenção, pois liga estreitamente a nostalgia do presente e o desejo de comunhão. A ordem da festa e, portanto, metáfora acabada da união entre o cosmo e a socialidade. (MAFFESOLI, 1984, p. 47)

Segundo o autor (op. cit., p. 47), o encontro entre as pessoas para

compartilhar a refeição, por exemplo, é um “fator de socialidade¹² regularmente encontrado nas histórias humanas”, constituindo-se num elemento importante da existência cotidiana inspirando a “criatividade diária” e pode ser observado nos diferentes modos de vida, como na “alimentação, vestuário, arranjos do espaço, apropriações diversas da vida de todo dia”.

A socialidade, segundo Paula Carvalho (1990, p. 188) pode ser considerada o que mais se aproxima da “educação fática”, no que se refere “aos modos de captar as novas dimensões dos contatos sociais” nos pequenos grupos, onde circulam imagens relacionadas à estrutura mística do imaginário e de representações do regime de imagem noturno de G. Durand (1997), podendo, dessa forma, ser associadas ao acolhimento, ao desejo de comunhão, à partilha, à abrangência das emoções comuns.

De fato, momentos como esses e a possibilidade de o pessoal do quadro de apoio reunir-se com colegas e compartilhar os espaços de escolas que antes não conheciam (sempre uma das três escolas do projeto) foram de extrema riqueza. Comparações, trocas acerca de diferentes modos de se organizar, preparar a merenda, de receitas, das facilidades e/ou dificuldades encontradas na realização das atividades diárias e outras foram possíveis.

Esse encontro, em todo o seu conjunto, se assim podemos dizer, constituiu o início da formação do quadro de apoio. Representou, possivelmente, o que poderíamos chamar de um marco na história desses funcionários, pois, ao longo de cinco anos, momentos como esses continuaram a existir, sendo alguns específicos para esse grupo, outros, oportunamente, em conjunto com os professores e equipes técnicas (com todos os funcionários das três escolas).

Uma outra atividade veio compor o projeto e avançamos para a realização de um encontro anual que denominamos “Seminário Inter-Escolas”. Passamos a receber convidados de outras unidades educacionais para compartilhar um dia inteiro com ações, como palestras, oficinas e mostra de trabalhos.

Antes, porém, vejamos algumas fotos de encontros diversos com a equipe de apoio:

¹² Socialidade: um “sentir comum [...] que permite compreender esse estar-junto desordenado, versátil e completamente inatingível”. Termo utilizado pelo autor “para ressaltar que pode existir uma lógica em ação naquilo que, em muitos aspectos, parecia não lógica”. (MAFFESOLI, 1996, p. 13)



Figura 8 – Fotografia da Dinâmica de Encerramento do primeiro Encontro de Formação do Quadro de Apoio – Inter-Escolas 2001

No ano de 2002, a equipe de apoio teve mais três encontros com a Prof^a Helena Albertani, com dinâmicas, apresentações pelos grupos, discussões acerca do relacionamento humano, entre as pessoas que atuam num mesmo espaço e compartilham tarefas, idéias, possibilidades de avanços, atitudes que facilitam ou dificultam a vida no dia-a-dia da escola. Destacadas nas fotos, temos alguns dos painéis produzidos e partilhados durante as atividades/discussões conduzidas pela Prof^a Helena.

Figura 9 – Fotografia da Dinâmica do Encontro de Formação do Quadro de Apoio - Inter-Escolas 2002



O grupo, disposto num círculo (figura 9), recebeu a comanda de “segurar a ponta de um barbante, lançando, em seguida, o rolo para outra pessoa do grupo que também deveria segurar o barbante e continuar a lançá-lo até que todos o tivessem recebido”. Formou-se uma rede que, para manter-se ou mesmo modificar-se (mas existir), precisaria ser sustentada pelas pessoas, conjuntamente.



Figura 10 – Fotografia do grupo de participantes do Encontro de Formação do Quadro de Apoio - Inter-Escolas 2002

Essa foi uma das dinâmicas exploradas e que suscitaram discussões acerca da importância de todos e de cada pessoa no grupo, na escola, com suas diferenças, com maior ou menor dificuldade, maior ou menor empatia.



Figura 11 – Fotografia do grupo de participantes no levantamento de fatores que podem interferir no trabalho de um grupo.

Os participantes levantaram fatores que poderiam dificultar ou facilitar o trabalho no grupo (registros no painel) e a Prof^a Helena retomou o que destacaram, suscitando uma discussão pelo grupo.

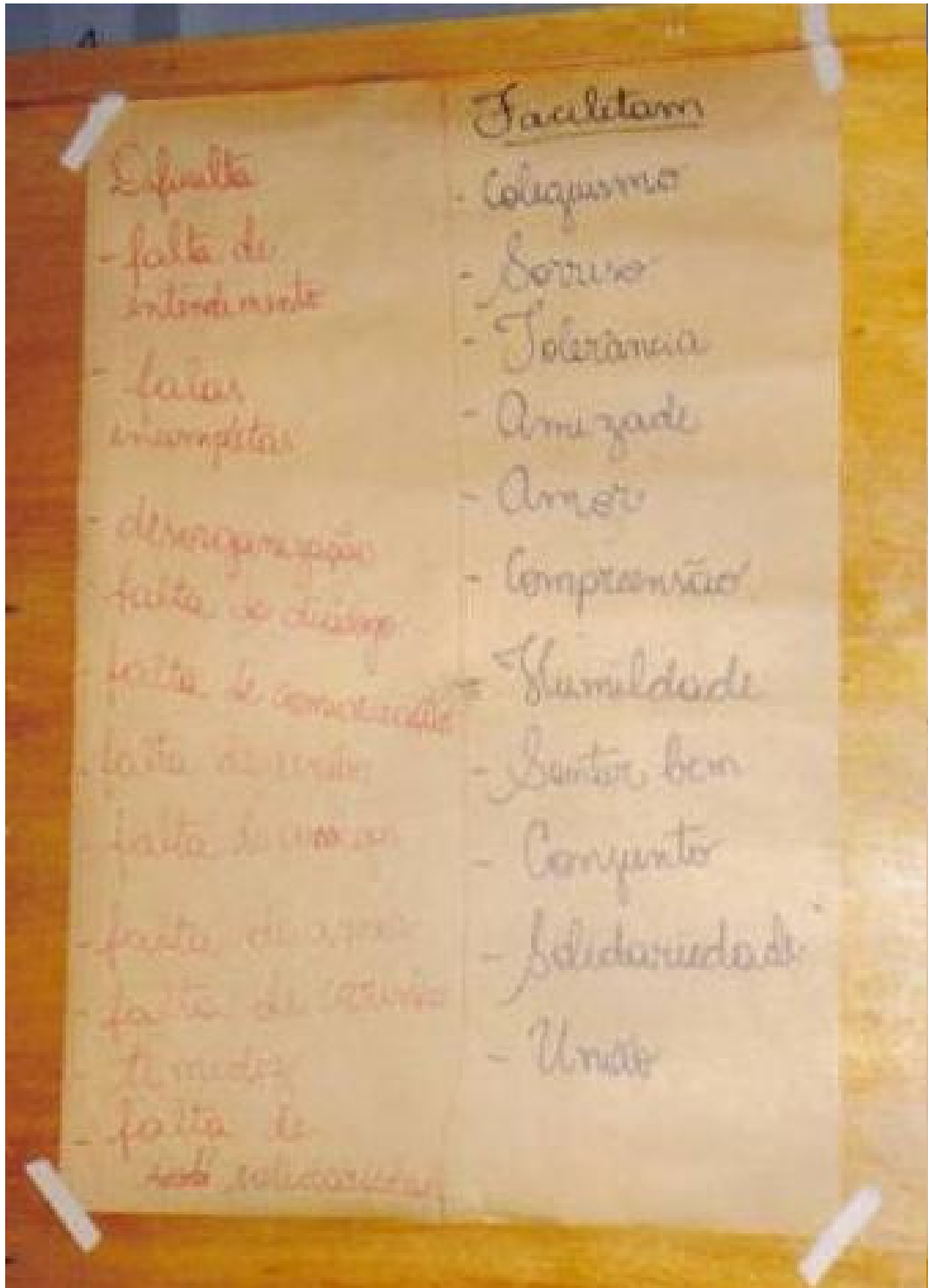


Figura 12 – Fotografia do painel com os fatores “Facilitadores” e “Dificultadores” levantados pelos participantes do encontro (Parte 1)

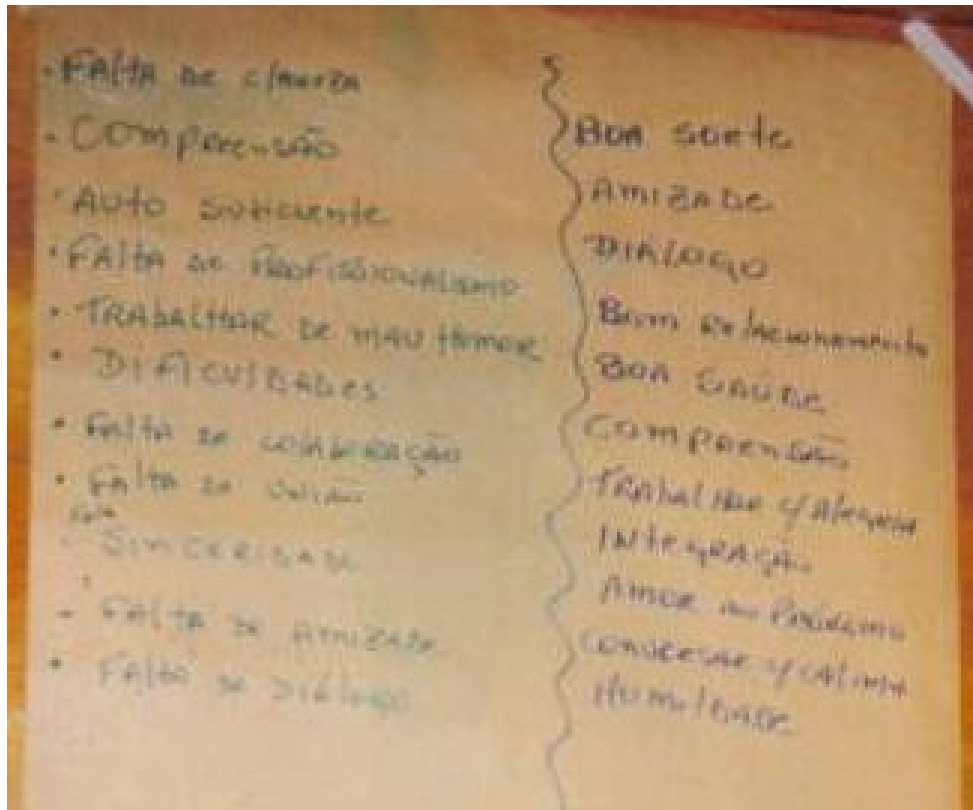


Figura 13 – Fotografia do painel com os fatores “Facilitadores” e “Dificultadores” levantados pelos participantes do encontro (Parte 2)

Habitualmente, fazia-se uma avaliação ao final de cada encontro e, no encerrando o ano de 2002 (segundo da formação com o quadro de apoio), foi solicitado ao grupo que avaliassem os encontros do ano. Algumas delas, seguem nas próximas fotos para nossa apreciação (adianto que selecionar algumas, foi uma tarefa difícil).

“
 ANTES DE PARTICIPAR DOS CURSOS,
 ME SENTIA UMA PESSOA FECHADA. ISTO ME
 FAZIA TANTO MAL! A TIMIDEZ ME SUFOCAVA.
 DEPOIS DOS ENCONTROS, A MINHA EVOLU-
 ÇÃO FOI TÃO NOTÁVEL QUE HOJE ME SINTO UMA
 NOVA MULHER, E CREIO EU, ATÉ UNIVERSAL, EM
 MINHAS PARTICULARIDADES.”

Figura 14 – Fotografia do texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 1

PARTICIPAR DO CURSO DE RELACIONAMENTO HUMANO ME FEZ SENTIR VALORIZADA E RESPEITADA.
 NÓS A GENTE ESCOLAR DA EMEI JANEI PASSAMOS SER MAIS UNIDAS E RESPEITAR AS PESSOAS COMO ELAS SÃO

Josefa Bezerra

Figura 15 – Imagem/texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 2

Figura 16 – Imagem/texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 3

O homem cresce quando participa e se exclui quando nega sua presença. Cada encontro é certeza da sua prosperidade

SABER ENSINAR APRENDER

O que tenho a dizer é que existe o Antes e o Depois.

Hoje me sinto outra pessoa, recuperei minha auto estima, Percebi que todos nós temos capacidade de aprender. E nesses cursos nós aprendemos muito. Ele é muito rico, e nos ajuda a enfrentar desafios no nosso dia-dia

Figura 17 – Imagem/texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 4

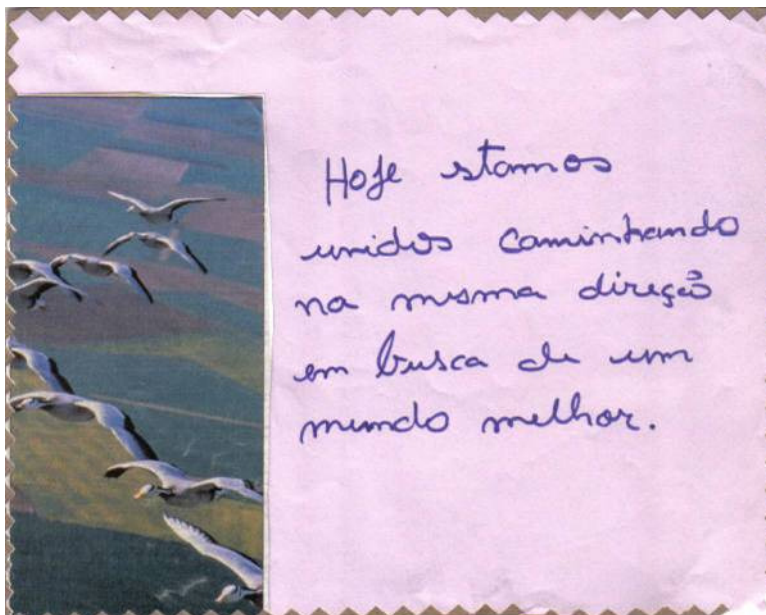


Figura 18 – Imagem/texto de uma das avaliações realizadas ao final do Projeto Inter-Escolas 2002 - 5

Em 2003, a Prof^a Helena Albertani foi a Brasília, convidada para trabalhar no Ministério da Educação e Cultura. Nesse ano, acabamos por realizar uma mudança no Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores, no qual foram previstos encontros conforme quadro apresentado a seguir:

Público	Palestrante / Regente da Formação	Tema	Total de Encontros	Manhã (8 às 12h)	Tarde (13 às 17h)
Quadro de Apoio e Professores (todos os funcionários)	Walter Aparecido Santos	Relacionamento Inter-pessoal	3	X	-----
Professores	Linice da Silva Jorge	A Arte de Contar Histórias	1	X	X
Professores	Patrícia Bacchi	Artes Plásticas	1	X	X

Tabela 4 - Programação dos encontros do Projeto Inter-escolas de Formação dos Educadores - 2003

Nesse ano, os encontros de formação para a equipe de apoio passaram a ser integrados com a equipe docente. Apenas dois temas específicos foram previstos para os professores. Garantiu-se a continuidade do tema “Relacionamento Inter-pessoal”, agora sob a coordenação do Psicólogo Wálter. As dinâmicas dos encontros foram diversas e incluíram danças circulares.

Essa mudança não foi muito apreciada pela equipe do quadro de apoio. Por um lado, consideraram a integração com os professores como sendo proveitosa e tiveram a opção de freqüentar os encontros de manhã ou à tarde, pois o grupo, com total aproximado de 100 pessoas, precisou ser dividido em dois horários (atendendo a disponibilidade dos professores e em função do exercício de outro cargo docente). Por outro lado, sentiram dificuldades em acompanhar as atividades com danças circulares que, embora exigissem passos ensaiados na hora, precisavam ser rapidamente incorporados e seguidos. Dificuldades que foram semelhantes a de muitos professores, mas que deixou o pessoal do quadro de apoio mais inibido e se sentindo em exposição diante de um grande e diversificado grupo. Além disso, questionaram a divisão em dois horários, por não manter a unidade do grupo, que começou conjuntamente.

Pelas manifestações e avaliação do grupo, pode se observar que a maior parte das pessoas da equipe de apoio sentiu-se dispersa e insegura, indicando que tiveram alguns avanços na integração com os Professores, mas não o suficiente para considerarem que terminaram o ano de 2003 com a mesma sensação de “conquista” dos dois anos anteriores. Relembrando Maffesoli, pelo fato de estarem numa instituição burocratizada, a hierarquia de funções sobrepujava a de papéis, própria dos grupos propriamente ditos. Ou seja, os professores, sendo percebidos como hierarquicamente “superiores”, de alguma forma inibiam o pessoal do quadro de apoio em sua espontaneidade¹³.

Avaliando esse tema com a equipe de apoio e demais profissionais da equipe técnica das três escolas envolvidas no projeto de formação, começamos a pensar em novas formas de trabalho e em como poderíamos garantir a continuidade do trabalho iniciado em 2001, de modo a não romper com a dinâmica, clima e confiança que o grupo vinha adquirindo em sua própria capacidade. Acabamos, nesse sentido, nos lembrando de uma oficina realizada com a Prof^a Maria Angelina Pereira, na USP, quando a Secretaria Municipal de Educação contratou a Fundação de Apoio à Faculdade de Educação para uma ação de formação continuada para Equipes de EMEIs.

Convidamos a Prof^a Angelina para trabalhar com a formação da equipe no

¹³ Situação semelhante pode ser observada quando são reunidos os professores com pessoal superior na escala hierárquica, como supervisores, diretores regionais etc. Os docentes também ficam inibidos quanto à sua atuação.

ano de 2004. Ela aceitou prontamente o desafio. Fizemos a proposta de garantir encontros específicos para o quadro de apoio e, ao mesmo tempo, promover uma atividade conjunta com os professores, no 2º Semestre desse ano.

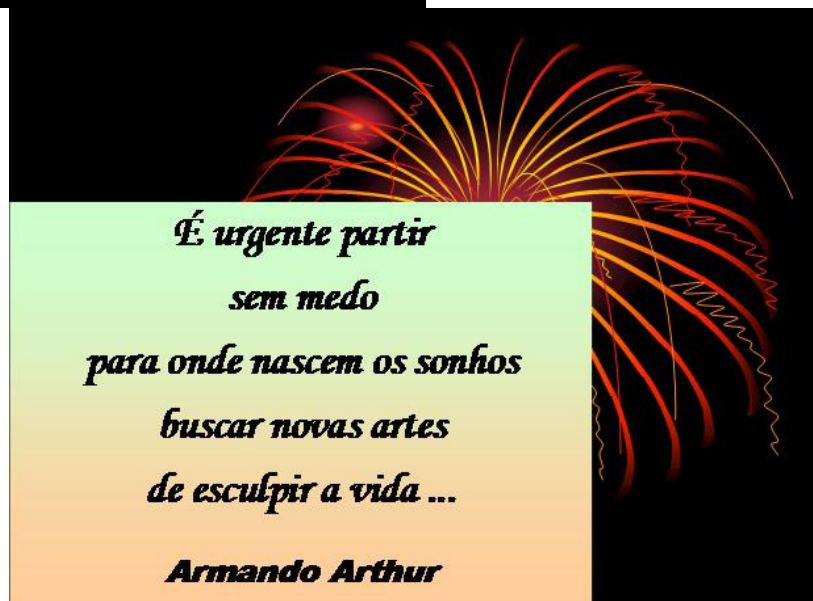
A Profª Angelina, Coordenadora da Escola Paulista de Biodanza, cuja formação inicial e atuação ao longo de anos foi a de Assistente Social, apresentou um pouco acerca do trabalho que desenvolve e a consideramos de fundamental importância para a formação da pessoa em sua inteireza, o sensível, o processo de humanização. Nossa entrada, aqui, foi pela educação para a sensibilidade, a educação fática.

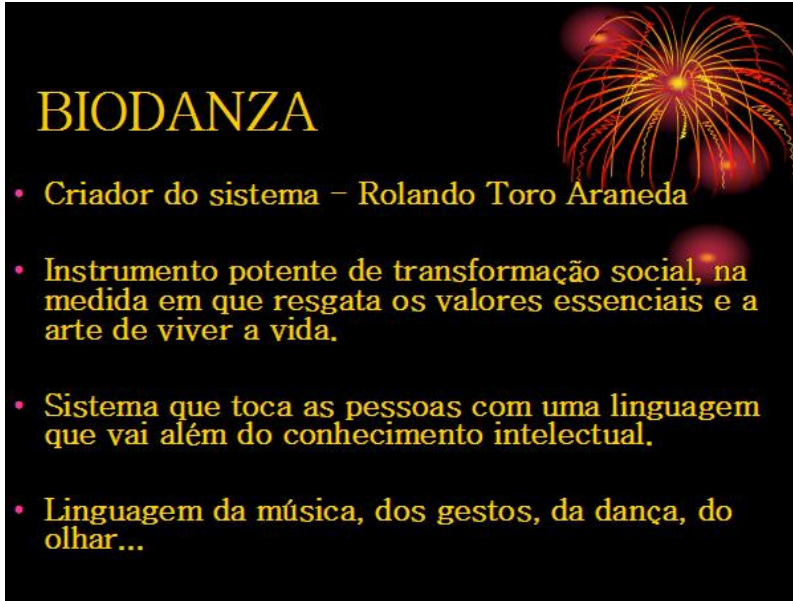
Da proposta, destacamos:



Figura 19 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Profª Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 1

Figura 20 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Profª Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 2



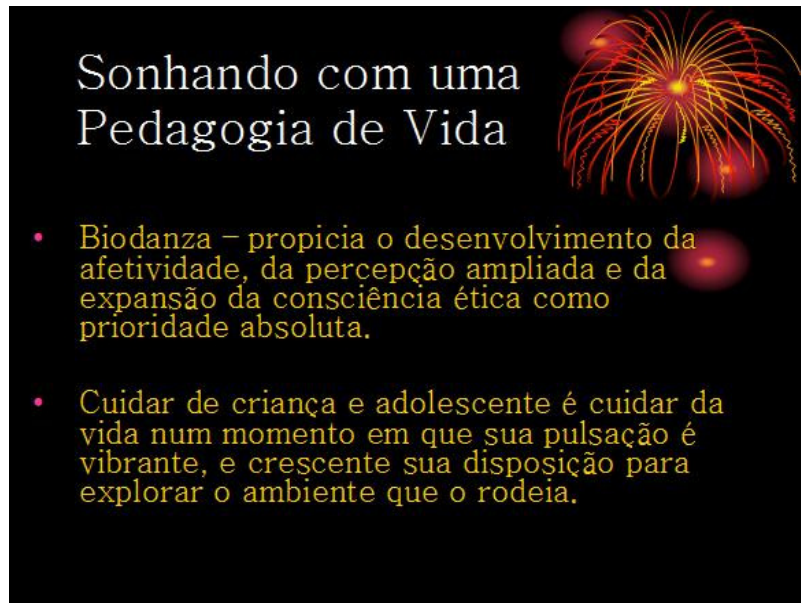


BIODANZA

- Criador do sistema – Rolando Toro Araneda
- Instrumento potente de transformação social, na medida em que resgata os valores essenciais e a arte de viver a vida.
- Sistema que toca as pessoas com uma linguagem que vai além do conhecimento intelectual.
- Linguagem da música, dos gestos, da dança, do olhar...

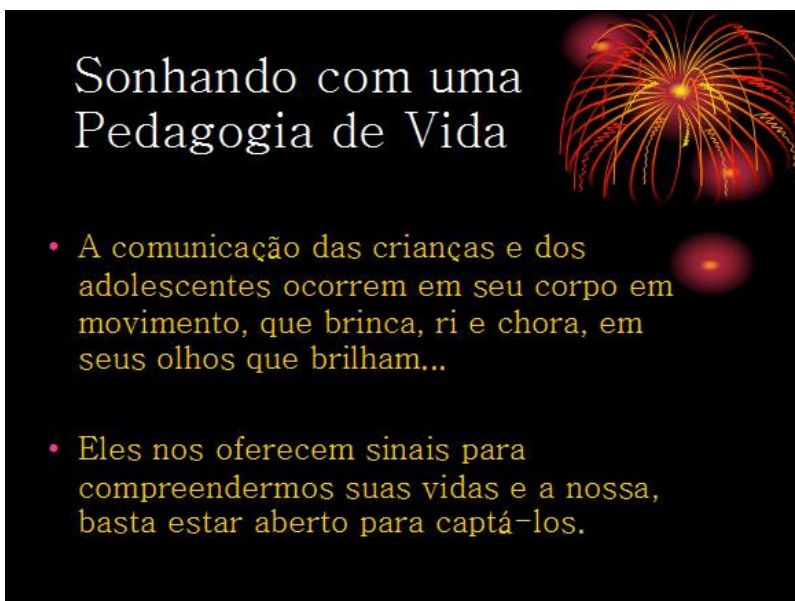
Figura 21 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Prof^a Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 3

Figura 22 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Prof^a Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 4



Sonhando com uma Pedagogia de Vida

- Biodanza – propicia o desenvolvimento da afetividade, da percepção ampliada e da expansão da consciência ética como prioridade absoluta.
- Cuidar de criança e adolescente é cuidar da vida num momento em que sua pulsação é vibrante, e crescente sua disposição para explorar o ambiente que o rodeia.



Sonhando com uma Pedagogia de Vida

- A comunicação das crianças e dos adolescentes ocorrem em seu corpo em movimento, que brinca, ri e chora, em seus olhos que brilham...
- Eles nos oferecem sinais para compreendermos suas vidas e a nossa, basta estar aberto para captá-los.

Figura 23 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Prof^a Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 5



Figura 24 – Reprodução do Slide da Oficina de Biodanza – Prof^a Angelina – Inter-Escolas 2004 – Slide 6

Para Morin (2002, p. 290-294)

O ser humano comporta, ao mesmo tempo, a consciência e a inconsciência da sua finitude, sente-se invadido pelo infinito na experiência religiosa, poética e erótica do êxtase. [...] deve-se recorrer as forças nascentes (criadoras) da linguagem, do espírito e da consciência. [...] escolher o destino humano nas suas antinomias e na sua plenitude e afirmar, no mais alto nível, a liberdade, posta assim a serviço não apenas de si mesmo, mas também da espécie e da sociedade.

Vejamos alguns dos momentos de um encontro com o quadro de apoio, conduzido pela Profa. Angelina, em continuidade ao tema do relacionamento interpessoal, mas, agora, a partir da ênfase trazida pela “Educação para a Sensibilidade”:



Figura 25 – Fotografia da Dinâmica do “Bom-dia” – Prof^a Angelina - Biodanza – Inter-Escolas 2004



Figura 26 – Fotografia da Dinâmica do “Bom-dia”: ao som da música denominada bom-dia e cantando junto, as pessoas se cumprimentam de diferentes formas: com a fala e expressando-se por meio de gestos corporais – Profª Angelina - Biodanza – Inter-Escolas 2004



Figura 27 – Fotografia da Apresentação em painel de síntese da dinâmica proposta pela Profª Angelina, na qual cada grupo (de um total de três) trazia para os demais as suas considerações.

De todo esse trabalho e a partir de 2002, passamos a realizar um encontro anual que denominamos “Seminário Inter-Escolas”, com a participação das equipes

das três escolas envolvidas no Projeto de Formação e de profissionais de outras unidades educativas da região, que vinham como convidados.

No **I Seminário Inter-Escolar de Formação dos Educadores** (denominado Caminhar, Aprender, Criar...), com duração de um dia inteiro, foram promovidas oficinas pelos professores e contamos com a presença de palestrantes convidados. A partir do II Seminário, em 2003, a Equipe do Quadro de Apoio passou a realizar oficinas (como a dos professores), aproveitando, para este fim, as discussões realizadas desde o início da sua formação específica, em 2001.

<p style="text-align: center;">I Seminário Inter- Escolas</p> <p style="text-align: center;">Caminhar, Aprender, Criar...</p> <p>Escolas envolvidas:</p> <p style="text-align: center;">EMEI Francisca Júlia da Silva EMEI Janete Clair EMEI Norimar Teixeira</p> <p style="text-align: center;">Outubro / 2002</p>	<p style="text-align: center;">SEMINÁRIO INTER-ESCOLAS <i>Caminhar, aprender, criar...</i></p> <p>PROGRAMA</p> <ul style="list-style-type: none"> - 8 ÀS 8:30 h: Coffee Break - 8:30 às 10 h: Abertura - Palestra: Diálogo entre Pais e Filhos: a questão dos limites. Ministrada por Walter Aparecido Santos, Psicólogo e Educador. - 10 às 12 h - Oficinas: A Matemática no Cotidiano Infantil Contando Histórias Oficina de Bonecos - 12 às 13 h: Almoço - 13 às 15 h - Oficinas: Arte na Educação Infantil Jogos Matemáticos Oficina de Bonecos - 15 às 15:30: Café - 15:30 às 17 h: Palestra: Brinquedos e Brincadeiras. Ministrada pelo poeta, contista, desenrolador de brincadeiras e professor, Chico dos Bonecos. <p>Exposição: Haverá exposição dos Trabalhos dos Alunos das escolas organizadoras.</p>	<p style="text-align: center;">CADA UM DE NÓS COMPÕE A SUA PRÓPRIA HISTÓRIA E CADA SER EM SI CARREGA O DOM DE SER FELIZ. (Almir Sater / Renato Teixeira)</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;">QUE O DOM DE SER FELIZ POSSA ESTAR PRESENTE EM TODOS OS NOSSOS MOMENTOS.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 28 – Reprodução do folder com a Programação do I Seminário Inter-Escolas - 2002

Abertura do 1º Seminário Inter-Escolas:



Figura 29 – Fotografia da Abertura com a representação das Equipes das Escolas e Diretoria Regional de Educação, a Profª Helena e o Palestrante Convidado, o Psicólogo Walter Aparecido da Silva.

É preciso ressaltar que enviamos para as Escolas de Educação Infantil municipais da região Folder e Fichas de Inscrição para a participação no Seminário e, em nenhum momento, colocamos que só poderiam vir Equipes Técnicas e/ou Professores. Embora tivéssemos indicado na ficha de inscrição que a escola poderia enviar “três participantes”, poucos observaram que o convite não se restringia aos docentes ou equipe técnica. Quando o pessoal do quadro de apoio começou a oferecer oficinas é que desencadeamos um movimento de divulgação nesse sentido, e algumas escolas passaram a envolver seus agentes escolares na participação do seminário. No início, com uma representação bem pequena, ampliando-se um pouco mais nos anos posteriores.

Alguns momentos dos Seminários:

1. Oficinas realizadas pelos professores:



Figura 30 – Fotografia da Oficina contando Histórias do 1º Seminário Inter-Escolas - 2002



Figura 31 – Fotografia da Oficina de Bonecos do 1º Seminário Inter-Escolas - 2002

2. O Almoço com profissionais das escolas do projeto e convidados. Contamos com a participação dos profissionais de inúmeras Escolas de Educação Infantil das regiões de M' Boi Mirim e Campo Limpo:



Figura 32 – Fotografia do Almoço no 1º Seminário Inter-Escolas – 2002 - 1



Figura 33 – Fotografia do Almoço no 1º Seminário Inter-Escolas – 2002 - 2

3. Exposição dos trabalhos de Alunos da EMEI Francisca Júlia da Silva, EMEI Janete Clair e EMEI Norimar Teixeira.



Figura 34 – Fotografia da exposição dos trabalhos dos alunos da reprodução do livro “Flor de Maio”



Figura 35 – Fotografia da exposição dos trabalhos dos alunos de pintura

4. Encerramento do I Seminário Inter-Escolas com o Educador e Especialista na Arte do Brincar, Chico dos Bonecos (como habitualmente é chamado e conhecido):



Figura 36 – Fotografia da Oficina do Prof^o “Chico dos Bonecos” no encerramento do I Seminário Inter-Escolas 2002

Na capa do Folder do ano seguinte, observaremos que o nome do evento foi ampliado, ficando: **II Seminário Inter-Escolas Caminhar, Aprender, Criar... e Recrear**. Na programação, relacionamos a oficina ministrada pelos agentes escolares denominada “Educação para a Sensibilidade”.


<p style="text-align: center;">II Seminário Inter-Escolas Caminhar, Aprender, Criar... e Recriar</p> <p style="text-align: center;">Escolas envolvidas:</p> <p style="text-align: center;">EMEI Francisca Júlia da Silva EMEI Janete Clair EMEI Norimar Teixeira</p> <p style="text-align: right;">Outubro / 2003</p>	<p style="text-align: center;">SEMINÁRIO INTER-ESCOLAS Caminhar, aprender, criar... e recriar</p> <p>PROGRAMA</p> <ul style="list-style-type: none"> - 8 ÀS 8:30 h: Café - 8:30 h: Abertura - 9:00 às 10:30 h - Palestra: Educação para a Sensibilidade – O Corpo Ministrada por Maria Angelina Pereira. - 10:30 às 12:15 h - Oficinas: Brincando e criando com massa de porcelana (Sala 5/Azul) Arte: Leitura Visual (Sala 4/Laranja) Desentreve suas Linhas (Sala 3/Verde) Relacionamento Interpessoal (Sala 2/Vermelha) - 12:15 às 13:15 h: Almoço - 13:15 às 15 h - Oficinas: Confeccionando cartões: reciclagem de papel (Sala 5/Azul) Arte: Explorando os Sentidos (Sala 4/Laranja) Recriando com Arte (Sala 3/Verde) Relacionamento Interpessoal (Sala 2/Vermelha) - 15 às 15:30: Café - 15:30 às 17 h: Palestra: Música & Educação para a Sensibilidade Ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Ferreira dos Santos, da USP. <p>Exposição: Haverá exposição dos Trabalhos dos Alunos das escolas organizadoras.</p>	<p style="text-align: center;">“Parece uma conquista impossível, a muitos, perceber que são os próprios homens que criam as instituições e que é por isso que eles podem repeti-las, empobrecê-las, enriquecê-las. Podem até mesmo modificá-las radicalmente, a partir de um projeto que seja fruto do Pensamento e da Vontade de cada um e constituído sob o critério da reflexão do desejo de todos”.</p> <p style="text-align: right;"><i>Lara, 1995.</i></p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;">“Quando temos um sonho parece que o universo inteiro conspira para que ele se realize”.</p> <p style="text-align: right;">Richard Bach</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 37 – Reprodução do folder com a Programação do II

Nos anos seguintes, o nome foi mantido com pautas e dinâmicas diferentes. A primeira oficina realizada pelo quadro de apoio foi ministrada pela Prof^a Maria Angelina Pereira. As oficinas realizadas posteriormente contaram com um ou dois professores, que nesse momento se colocavam como apoio.



Figura 38 – Montagem de fotos do encerramento da oficina com o depoimento de alguns dos participantes das três escolas do projeto, sobre o que consideraram que aprenderam nesse trabalho, suas questões, avanços e dificuldades...

De todo esse trabalho e encerrando o breve histórico do Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores, é preciso relatar que chegamos à formação da comunidade escolar como um todo, agora incluindo encontros destinados à Formação dos Pais dos alunos das escolas participantes.

Para este fim, consultamos os pais a respeito dos temas de seu interesse e que pudessem ser abordados. As três escolas perceberam um grande interesse dos mesmos em saber como lidar com seus filhos. Contratamos, assim, o Psicólogo Walter Aparecido Santos, que realizou nove encontros aos sábados (03 em cada Unidade Escolar), abordando a questão do “Relacionamento Familiar” e “Limites na relação pais e filhos” (temas de opção dos pais).

2.2 Quem são os profissionais do Quadro de Apoio para a Escola e Municipalidade?

Esta é uma questão que vem à tona, normalmente, quando Diretores, Assistentes de Diretor, Coordenadores Pedagógicos e Professores encontram

dificuldades em atuar com esses profissionais ou vêm a escola com esse quadro incompleto (dificultando o bom andamento das atividades cotidianas).

De modo geral, são considerados profissionais que atuam nas chamadas atividades-meio. Aquelas que visam a garantir as condições para o alcance dos objetivos educacionais, nesse caso.

Para melhor compreender o que se espera dos sujeitos que integram a equipe de apoio para as escolas e municipalidade, passaremos de forma breve pelo que designamos nível patente, instituído, embora esse não seja o foco da tese. Trata-se aqui de conhecer um pouco mais sobre o que, formalmente, já está definido e que atribuições competem para cada um desses cargos/funções, antes de continuarmos nossa discussão sobre o pessoal do quadro de apoio quanto à educação e sua jornada.

Para o sistema municipal de ensino de São Paulo, portanto para as escolas, são considerados profissionais do “Quadro de Apoio à Educação” o:

1. Agente Escolar, com as seguintes atribuições:

- auxiliar no atendimento e organização dos alunos, nas áreas de circulação interna/externa, nos horários de entrada, no recreio e saída;
- atender aos educandos nas atividades desenvolvidas fora da sala de aula;
- auxiliar no atendimento dos educandos que possuem necessidades educacionais especiais;
- desempenhar as atividades relacionadas à portaria;
- atender ao público interno e externo, com habilidade no relacionamento pessoal e repasse de informações.

Nas escolas onde não houver serviços terceirizados de limpeza ou merenda (algo que tem sido implementado no município desde 2006), cabe aos agentes escolares:

- promover a limpeza, higiene, conservação, manutenção do prédio escolar e de suas instalações, equipamentos e materiais;

e/ou

- preparar e distribuir as refeições e merenda aos educandos.

2. Auxiliar Técnico de Educação (Categorias 1 a 2), observando-se:
 - Os profissionais da Categoria 1 atuam como Inspectores de Alunos, exclusivamente nas unidades escolares.
 - Os profissionais da Categoria 2 atuam nas escolas e nos órgãos regionais e centrais da Secretaria Municipal de Educação, exercendo atividades de natureza administrativa: atendimento ao público, realização da matrícula e registros pertinente no sistema informatizado municipal e outros.

3. o Secretário de Escola (Categoria 3) é exercido por Auxiliar Técnico de Educação, mediante indicação do Diretor da Escola (exclusivamente no Ensino Fundamental). Sua atribuição é administrativa, priorizando vida escolar (desde a matrícula até a emissão de histórico), fornecimento de informações/dados para o pagamento e atividades afins.

É preciso ressaltar que, hoje, vivemos um momento em que se acelera o processo de terceirização dos serviços/atividades antes executados apenas pelos agentes escolares. Temos, atualmente, algumas escolas que contam apenas com serviços terceirizados, algumas estão parcialmente terceirizadas e outras, ainda, contam apenas com os serviços diretos dos agentes escolares.

De 2000 a 2005, período em que situamos o “Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores”, ainda não havia terceirização do quadro de apoio.

Além dos profissionais específicos, temos em algumas unidades profissionais denominados “Agentes de Apoio”, função que possui atribuições mais abrangentes (chamado de “cargo largo”), no qual um leque de atividades pode ser exercido conforme necessidades da escola, centrando, em geral, nas de copa/cozinha ou de zeladoria/vigilância, sendo:

Copa/Cozinha:

- executar tarefas relativas a copa e cozinha (fazendo uso de conhecimentos de culinária com higiene, de cuidados com a limpeza pessoal, com a vestimenta, local de trabalho e respectivos objetos e/ou alimentos);

- desenvolver as tarefas de copa e cozinha;
- realizar as atividades de copa e cozinha, respeitando as normas de segurança no trabalho inerentes às tarefas.

Portaria/Zeladoria/Vigilância:

- realizar a vigilância dos imóveis do município
- realizar as atividades necessárias à conservação e limpeza predial dos imóveis e do ambiente de trabalho, incluindo suas instalações;
- realizar as atividades de portaria e zeladoria, respeitando as normas de segurança no trabalho inerentes à realização das tarefas;
- atender ao público interno e externo, com habilidade no trato e repasse de informações (e/ou transporte de encomendas, cargas, malotes e outros).
- zelar pela guarda, conservação e limpeza dos materiais, instrumentos e equipamentos específicos do trabalho.

Observando quais são as atribuições descritas tanto para o Agente Escolar, como para o Auxiliar Técnico de Educação e Agente de Apoio, é preciso levar em consideração que todos, de alguma forma, atuam diretamente com pais, alunos, professores e equipes. Estão inseridos no espaço da escola e participam do que nele ocorre, de alguma maneira.

Segundo a teoria de especularidade de Jean-Louis Vullierme (apud MORIN, 2002, p. 77-78), 'os sujeitos se auto-organizam em interação com outros sujeitos'. Assim, 'o sujeito estrutura-se pela mediação dos outros sujeitos antes mesmo de conhecê-los, de fato'. O sujeito surge para o mundo integrando-se na intersubjetividades, no seu meio de existência, sem o qual, perece.

Alguns investimentos e ações específicas de formação para o quadro de apoio poderiam ser pontuados, como a contratação da Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (FAFE), no ano de 2005, para a realização de um curso destinado aos profissionais desse quadro, que, entretanto, atingiu um pequeno número de profissionais da cidade. Outro curso, oferecido pela Escola de Formação de Servidores da Prefeitura do Município de São Paulo, no ano de 2008, conseguiu atingir um público um pouco maior e o foco, naquele momento, foi para as atividades

dos Auxiliares Técnicos Administrativos e Secretários.

O pessoal do quadro de apoio, sempre que possui uma oportunidade, manifesta o interesse por formação e acaba por enfatizar que ações e iniciativas como essas são pouquíssimas. Hoje, poderíamos pontuar algumas iniciativas nesse caminho, mas há aproximadamente cinco anos esse tema era algo sobre o qual, excepcionalmente, ouvia-se falar.

No ano de 2006, organizei um Ciclo de Palestras que foi promovido pela Diretoria Regional de Educação Campo Limpo, especificamente para o pessoal do Quadro de Apoio (por inscrição e aos sábados, num total de cinco encontros). A elaboração dessa proposta contou com a participação de uma equipe que atua com formação continuada e foi pensada a partir da experiência que vivenciei no Projeto Inter-Escolas de Formação de Educadores.

Ministrei a primeira palestra, com o objetivo de enfatizar para os agentes escolares a importância de sua participação no todo das atividades realizadas na escola, considerando o envolvimento que possuem com professores, equipes, pais e alunos.

Como justificativa para a realização de todo o Ciclo de Palestras, denominado “As dimensões educativas do trabalho das Equipes de Apoio das Unidades Educacionais”, escrevi o que foi publicada no Diário Oficial (17/05/06, p. 38 e 44).

Considerando que a unidade educacional é uma instituição que presta serviços à população, cabe a seus atores exercerem tal papel com competência. Para tanto, torna-se imprescindível que seus funcionários, sejam quais forem as funções que desempenhem, possam fazer uma reflexão acerca do papel educativo que exercem. É sob tal ótica que propomos este ciclo de palestras, o qual deverá partir da discussão acerca da relevância da participação destes atores no processo de construção e implementação do Projeto Pedagógico, considerando a função social da escola no panorama atual da globalização, passando pela compreensão de quem é o educando, dos parâmetros legais que norteiam a ação dos profissionais da educação, de seu papel na estrutura hierárquica da unidade educacional e das possibilidades educativas de sua ação.

Contamos com convidados para a realização das palestras e pensamos, conjuntamente, no que seria relevante para a equipe de apoio, de modo a contribuir para sua ação na escola e reflexão acerca de sua atividade e sobre si mesma.

Todas as palestras foram realizadas no Teatro do CEU¹⁴ Casa Blanca (Vila das Belezas), aos sábados de manhã.

Os participantes eram recebidos com um café da manhã e assinavam a lista de presença, aproveitando o momento para encontrar com colegas que trabalhavam em outras escolas, conversar, acomodar-se no teatro etc. Às 10 horas, a palestra tinha início e cada mediador a organizou de modo a contemplar momentos de interlocução com o público. A palestra de encerramento “Tecendo redes de sensibilização criativa” foi planejada pela Prof^a Angelina, consistindo num momento mais interativo e no qual haveria uma vivência de Biodanza.

O Seminário contou com as seguintes palestras:

I - Formação do Quadro de Apoio: um desafio à construção e implementação do Projeto Pedagógico

Profa. Me. Sandra da Costa Lacerda

Data: 27/05/06

Horário: 9:00 às 13:00



Figura 39 – Fotografia da Prof^a Me. Sandra na palestra “Formação do Quadro de Apoio: um desafio à construção e implementação do Projeto Pedagógico”

¹⁴ CEU – Centro de Educação Unificado. O CEU é um complexo educacional que conta com uma Centro de Educação Infantil (CEI) que atende crianças de 0 a 3 anos e nove meses, uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) para crianças de 04 a 06 anos e uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) que atende alunos do 1º ao 4º ano nos Ciclos I e II (de 1ª a 8ª Séries) e Educação de Jovens de Adultos (EJA). Nesse complexo existe uma infra-estrutura diferenciada com ginásio e quadras poliesportivas, piscinas, salas de dança, de arte, de jogos e outras, Telecentro, Biblioteca para atendimento dos alunos de suas unidades, das escolas próximas e da comunidade em geral com programação cultural, esportiva e educativa para a semana e finais de semana.

II - O relacionamento interpessoal no processo educativo

Prof^a Me. Helena Maria Becker Albertani

Data: 03/06/06

Horário: 9:00 às 13:00



Figura 40 – Fotografia da Prof^a Me. Helena Maria Becker Albertani na palestra “O relacionamento interpessoal no processo educativo”

III - A dimensão dos olhares e fazeres voltados para a inclusão dos deficientes

Prof^a Márcia Regina Zemella Luccas

Data: 01/07/06

Horário: 9:00 às 13:00



Figura 41 – Fotografia da Prof^a Márcia Regina Zemella Luccas na palestra “A dimensão dos olhares e fazeres voltados para a inclusão dos deficientes”

IV - A Questão da Profissionalização: desenvolvendo novas competências

Profª Me. Aida Rosa Amoroso Bortolato Miranda

Data: 29/07/06

Horário: 9:00 às 13:00



Figura 42 – Fotografia da Profª Me. Aida Rosa Amoroso Bortolato Miranda na palestra “A Questão da Profissionalização: desenvolvendo novas competências”

V - Tecendo redes de sensibilização criativa

Profª Maria Angelina Pereira

Data: 05/08/06

Horário: 9:00 às 13:00



Figura 43 – Fotografia da Profª Maria Angelina Pereira na palestra “A Tecendo redes de sensibilização criativa”

De todos os Ciclos de Palestras que realizamos pela Diretoria Regional de

Educação Campo Limpo, entre os anos de 2005 e 2008, esse foi o que obteve maior número de presenças em seus cinco encontros, com uma média aproximada de 400 participantes que lotaram o Teatro do CEU. Foi possível observar, ainda, uma significativa demonstração de interesse e envolvimento nas discussões dos temas abordados.

Nos primeiros encontros, em especial, inúmeras foram as manifestações dos participantes, apontando as pouquíssimas oportunidades de freqüentarem cursos, eventos e outras atividades, principalmente pela falta de sua oferta.

Há, aqui e nesse sentido, uma predominância do aspecto negativo, aproximando-se, ora do arquétipo da Jornada do Órfão, ora do arquétipo da Jornada do Caridoso, segundo Pearson (1998, p. 30-31), no qual se colocam como:

- “a vítima, o indivíduo que [...] espera um tratamento especial por ter sofrido tanto ou ser tão frágil” (Órfão);
- “o mártir sofredor, que controla o comportamento dos outros fazendo com que se sintam culpados” (Caridoso).”

No primeiro e segundo encontros do ciclo essas falas foram recorrentes, marcantes e compreensíveis, mas não foram “alimentadas” por mim ou pela Prof^a Helena Albertani. Assim, esse conteúdo foi mudando.

Uma outra forma de (re)elaboração das falas foi remeter o grupo para a reflexão acerca de suas potencialidades para lidar com as situações de “não formação” ou maior participação na vida da escola, a partir da manifestação de seu próprio interesse, da conquista de espaços para este fim, da demonstração do valor de sua contribuição no cotidiano da escola, enfim, considerando suas atitudes, formas de pensar, ser e agir, que acabam por influenciar o espaço que atuam e onde se inter-relacionam com outros profissionais, alunos e comunidade em geral.

Nesse evento recebemos pessoal da equipe de apoio de idades, experiências e tempo de carreira e/ou no cargo muito diversos. Desde o profissional que estava para se aposentar até o recém-ingressante na municipalidade. Essa diversidade se coloca fortemente no que acontece no cotidiano da escola favorecendo, ou não, as relações inter-subjetivas que se estabelecem no grupo e entre os diferentes segmentos da escola, como as equipes técnicas, a própria equipe de apoio, o pessoal docente, pais e alunos, e na forma como são apreendidas pela comunidade local.

Os gestos, as posturas, as manifestações de grande parte do grupo foi muito

forte, no sentido de revelar que participaram por interesse e sentiram-se mobilizados com os temas abordados em cada um dos encontros.

Por isso, às vezes precisamos perambular um pouco em nossas jornadas a fim de crescer. Esse processo de ouvir nossos próprios desejos e de agir no sentido de realizá-los é fundamental para a construção de uma identidade. Chegamos a este mundo com uma identidade, só que se trata de uma identidade antes potencial do que plenamente desenvolvida. Descobrimos quem somos através daquilo que queremos, daquilo que fazemos e daquilo que sentimos e pensamos. (PEARSON, 1996, p. 96)

2.3 Novos olhares, resistências, elaborações... a partir do Projeto Inter-Escolas

Durante o período de desenvolvimento do “Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores”, alguns agentes escolares e vigias, talvez mobilizados por essa iniciativa, voltaram a estudar, retomando desde o ensino fundamental até a conclusão do Curso do Magistério (e/ou Ensino Médio da Suplência); outros foram para o Ensino Superior (Pedagogia e Letras).

São histórias de uma riqueza inestimável, das mais simples às mais complexas, imbricadas, muitas vezes, às experiências de vida e histórias de atuação na comunidade que antecedem e/ou acontecem, simultaneamente, ao movimento de formação continuada no Projeto Inter-Escolas.

Uma ação a ser destacada nesse momento e reveladora de um caminho construído com o grupo, e que cresceu para maior autonomia por parte de alguns agentes escolares, foi o de assumirem, gradativamente, a realização de oficinas no Seminário Inter-Escolas e em encontros/eventos de formação continuada.

O movimento começou no ano de 2003, quando, pela primeira vez, alguns agentes escolares ousaram realizar uma oficina no Seminário Inter-Escolas, no qual recebíamos convidados das demais unidades para um encontro anual. Nesse ano, acompanhei a oficina com professores que estiveram juntos nos horários da manhã e tarde. Nos anos de 2004 e 2005, a Prof^a Maria Angelina organizou-as, juntamente com a equipe de apoio, e os acompanhou. A cada ano, o grupo foi adquirindo maior

confiança e autonomia.

Como tema das oficinas, elegeram o mesmo da formação no Projeto Inter-Escolas, o Relacionamento Inter-pessoal, levando uma dinâmica que consideraram interessante e, no final do encontro, prestaram depoimentos pessoais. Depoimentos manifestando superação de desafios, novos olhares para o relacionamento no grupo, para as diferenças pessoais, a forma de se ver na escola, seu envolvimento nas atividades como um todo e outros aspectos.

De encontros locais, no Seminário/Escolas do Projeto, partiu-se para uma atividade regional e o quadro de apoio acabou por realizar uma oficina num Encontro de Pólo¹⁵ organizado pela Diretoria Regional de Educação Campo Limpo, que contou com a presença de todos os funcionários das escolas da região do Jardim Ângela. (à época, um número aproximado de 20 escolas, incluindo Educação Infantil e Ensino Fundamental).

No encontro de 2003, o um grupo de agentes escolares das EMElS Francisca Júlia, Janete Clair e Norimar Teixeira teve a sua primeira experiência ampliada, ou seja, saindo do espaço restrito dessas escolas, para contar um pouco da sua experiência, realizando uma oficina para educadores presentes nesse evento (entre outras que aconteceram no mesmo dia/local). Essa atividade foi muito elogiada e representou um marco, ao narrarem um pouco dessa história na região.

Vejamos algumas fotos, que foram o registro desse momento/encontro:

Figura 44 – Fotografia da Abertura do Encontro de Pólo com a Palestra e participação das equipes técnicas, professores, pessoal do quadro de apoio das escolas da região do Jardim Ângela, Supervisores Escolares, representantes da Diretoria Regional de Educação Campo Limpo.



¹⁵ Encontro de Pólo: encontro cuja proposta é semelhante a de uma reunião pedagógica e voltada para a formação dos educadores, envolvendo pessoas de diferentes escolas. Nos Encontros de Pólo são previstos a realização de oficinas para a troca de experiências entre as escolas e educadores, relatos de prática e, muitas vezes, uma palestra com um tema como foi o desse encontro, no qual a Prof^a Dra. Cecília Hanna Mate discorreu sobre currículo. Nos encontros realizados entre 2000 e 2004, há que se observar uma preocupação da Secretaria Municipal de Educação, ao convidar/procurar integrar o pessoal do quadro de apoio, mas ainda não como uma ação sistematizada e/ou com foco na sua formação).



Figura 45 – Fotografia do momento da discussão/dinâmica.



Figura 46 – Fotografia da finalização do encontro com as considerações gerais após a dinâmica e relatos/depoimentos da experiência na formação do quadro de apoio no Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores.

Realizar essa oficina exigiu do grupo coragem, ousadia, muito esforço e preparação. Exigiu enfrentamento da insegurança e do receio de não conseguir falar num grupo e para um público com diferentes pessoas, de diferentes escolas. Ainda assim, o pessoal do quadro de apoio, em geral, mora na região e se sente, em parte e apesar das diferenças, num lugar de conforto (da casa, da intimidade). De qualquer forma, esse novo empreendimento colocou-se como um desafio a ser enfrentado e, possivelmente, foi um momento de falar, de ouvir, de aprender, enfim, de viver um pouco da jornada do guerreiro.

Por fim, quando o desejo está informado pela Alma e o Guerreiro age a serviço do chamamento da Alma, frequentemente, não existe nenhum conflito entre aquilo que a pessoa quer realizar e o que contribui para o bem geral, particularmente se conseguirmos desenvolver a capacidade de ouvir, de aprender com as outras pessoas, mesmo (ou excepcionalmente) com aquelas que se opõem a nós. A lição mais cedo ou mais tarde os grandes Guerreiros acabam aprendendo é a de que não existe maneira de aprender realmente a vencer se não estivermos contribuindo com aquilo cuja doação é motivo de estarmos aqui. Quando fazemos isso, todos saem ganhando. (PEARSON, 1998, p. 129)

Esse encontro revelou-se um ganho, uma conquista para as pessoas do quadro de apoio, que saíram com a sensação de tarefa cumprida. Que podiam expressar-se, contar um pouco de suas histórias, pois eram ouvidas, levadas em consideração, respeitadas.

Uma ousadia ainda maior, nesse percurso (no ano de 2005), foi a aceitação de um convite para realizar uma oficina semelhante, agora num Encontro de Pólo sob a Coordenação da Equipe de outra Diretoria Regional, a do Ipiranga. Quer dizer: uma oficina em outra região, para outro público (com a participação de professores, diretores ou outros profissionais) e a convite dos responsáveis pelo evento, que ficaram sabendo da formação do quadro de apoio pela Coordenadora Pedagógica da EMEI Janete Clair, Maria Inês Rulli (que depois de quinze anos na escola, passou a trabalhar nessa região).

Esse desafio assustou mais uma vez o grupo pelo “tamanho/peso da responsabilidade” (grifo meu), mas não o suficiente para recusarem o convite... Reunimo-nos, novamente, para a preparação da oficina. Dessa vez, sugeri aos membros (mais confiante e experiente) que trouxessem propostas, materiais e o que considerassem importante para a elaboração da oficina.

Ninguém está imune ao apelo do desconhecido – que o imaginemos como topo da montanha, a nova fronteira do espaço exterior ou uma nova sociedade, quer o seu centro de interesse seja a riqueza (a qual, conforme acreditamos, irá abrir todo um novo mundo de oportunidade para nós), a liberdade política ou econômica, a procura de meios para expandir a consciência ou alcançar a iluminação [...], ou ainda um simples anseio não especificado de se conseguir alguma coisa a mais. (PEARSON, 1998, p. 148)

Qual não foi minha surpresa, no dia em que sentamos para preparar o

encontro, ao ver que várias pessoas tinham trazido não só as suas sugestões e contribuições, como acabaram por elaborar toda a pauta. Intencionalmente, evitei fazer intervenções nas propostas, falas, idéias apresentadas. Os “modelos” e a “experiência dos anos anteriores” foi determinante. A auto-confiança crescente, a clareza acerca do conteúdo que pretendiam discutir com os participantes da oficina também foram fundamentais.

Pauta pronta, reprodução do material combinado, o que cabia a cada um ao longo do encontro (definindo quem leria o texto de sensibilização, quem daria a comanda da dinâmica, como se organizariam para acompanhar os sub-grupos etc.), fomos com uma perua (que enviaram para nos levar e trazer) ao destino e tarefa previstos para esse dia. Minha única contribuição, além de acompanhá-los, seria apresentar um breve histórico da formação do pessoal do Quadro de Apoio, que já havia preparado para nosso IV Seminário Inter-Escolas.

A dinâmica realizada no primeiro encontro de formação, em 2001, com a Prof^a Helena Albertani (a dramatização de personagens como a Ana Sabinada Cardoso e outros) encontrou aqui seu desdobramento, por sua relevância na ocasião e, agora, para essa oficina.

Nas fotos a seguir, temos a abertura oficial do Encontro numa escola da região do Ipiranga: as agentes escolares lendo a mensagem inicial, coordenando e acompanhando a dramatização pelos grupos (dos personagens criados pela Prof^a Helena Albertani), fazendo algumas considerações no final do encontro e depoimentos que sensibilizaram os participantes, ao falarem da importância e a diferença que a formação no Projeto Inter-Escolas fez para cada uma.



Figura 47 – Fotografia da Abertura do Encontro na região do Ipiranga.



Figura 48 –
Fotografia das
Agentes Escolares
na Leitura do texto
inicial e de
sensibilização.

Figura 49 – Fotografia da
preparação para uma das
dramatizações.



Figura 50 – Fotografia de
uma apresentação dos
grupos.



Figura 51 – Fotografia de Encerramento com todos os participantes dispostos num círculo, discutindo a dinâmica realizada e os depoimentos do pessoal do quadro de apoio que coordenou a oficina, ao final.

[...] só progredimos em nossa jornada depois que demonstramos que estamos bem preparados para ela através do modo como lidamos com essas provações. Quando tivermos passado por todos esses testes, estaremos prontos para vivenciar a metamorfose, morrer para o que temos sido e renascer para um novo nível de experiência. (PEARSON, 1998, p. 52-53)

3 O QUADRO DE APOIO DAS ESCOLAS: a jornada do herói

Cabe ao artista organizar os objetos desse mundo de tal forma que, por meio deles, você sinta essa luz, essa radiância que é a luz da nossa consciência na qual todas as coisas se ocultam ou, propriamente contempladas, revelam-se. A jornada do herói é uma jornada de padrões universais mediante a qual essa radiância se mostra com todo seu esplendor. O que julgo uma boa vida é aquela com uma jornada do herói após a outra. Você é chamado diversas vezes para o domínio da aventura, para novos horizontes.

Joseph Campbell

3.1 Situando as Jornadas do Herói Interior

Um pouco mais acerca do “ser sujeito” e das jornadas empreendidas pelo pessoal do quadro de apoio poderá ser apreendida ao longo desse capítulo. Para este fim, o referencial teórico, o observado no desenvolvimento do Projeto de Formação Inter-escolas e os relatos pessoais/entrevistas de três profissionais do quadro de apoio, são essenciais.

Segundo Pearson (1997, p. 21), as “histórias nos ajudam a encontrar o sentido de nossas vidas” e nossa experiência “é definida pela concepção que temos da vida”. Assim, “nossa vida depende, em grande medida, do *script* que adotamos, consciente ou, o que é mais provável, inconscientemente”.

Todos os mitos do herói, culturais ou individuais, indicam-nos atributos que são considerados definidores do belo e da verdade, e assim nos ensinam aspirações valorizadas culturalmente. Muitas dessas histórias são arquetípicas. (PEARSON, op. cit., p. 21)

Para a autora (op.cit., p. 21), podemos reconhecer os arquétipos que nos orientam “ao contemplar a nossa vida e a de nossos amigos, observando e interpretando o que fazemos. A partir, portanto, das histórias e experiências que vivenciamos, podemos reconhecer os arquétipos predominantes em alguns momentos.

Essa é nossa tarefa aqui: conhecer um pouco mais das histórias e experiências de algumas pessoas do quadro de apoio, procurando reconhecer os arquétipos, consubstanciados nas Jornadas do Herói, apresentadas por C. Pearson

nos livros “O Herói Interior” (1997) e o “Despertar do Herói Interior” (1998), detendo-nos, especialmente no primeiro, adentrando, em algumas oportunidades/momentos, no segundo.

Retomando, ainda, uma importante consideração já apontada no referencial, teórico, não há aqui a pretensão de realizar classificações nas diferentes jornadas, mas sim, situar a emergência dos arquétipos e suas convergências e/ou recorrências nas histórias de vidas, modos de agir, ser, pensar e sentir de cada um dos entrevistados e do quadro de apoio como um todo, quando couber, a partir dos relatos pessoais/entrevistas (narrativas), situações e/ou vivências.

O herói, ao empreender sua jornada busca seu tesouro, sua dádiva e abre, assim, “caminho para o *self*”. As jornadas descritas por C. Pearson (1997, p. 23) consistem na possibilidade de “explorar os arquétipos ativos em nossa vida consciente”, explorar o “inconsciente pessoal pelas imagens arquetípicas que emergem do inconsciente coletivo¹⁶”, com base na psicologia de C. G. Jung. Assim, o livro “O Herói Interior” pode

[...] esquadrihar as manifestações mais conscientes dos arquétipos, em parte porque se dirige àqueles que são coerentes com o atual ponto de evolução da nossa cultura e em parte porque a cultura em que vivemos hoje é menos repressora. Explorar o inconsciente tornou-se culturalmente aceitável e até mesmo desejável. (PEARSON, op. cit., p. 23-24)

Empreender a jornada do herói e enfrentar o dragão é enfrentar a “morte em vida”, é “escolher a vida em troca da não-vida”, é “mergulhar na mais profundamente na descoberta de quem somos” (PEARSON, op. cit, p. 25). Esse enfrentamento, para a autora se dá no processo de vivermos nossas diferentes jornadas.

O “dragão”, nesse sentido, identifica-se com tempo que passa e a aproximação da morte que, para G. Durand (1997) nos mobilizam na vida e para os quais encontramos mecanismos e formas de lidar com essa aproximação da morte, a partir de estruturas que o autor organizou em agrupamentos denominados regimes

¹⁶ Inconsciente Coletivo: na teoria junguiana, há uma camada mais ou menos superficial do inconsciente que denominada *inconsciente pessoal*. Este repousa sobre uma camada mais profunda, inata, denominada *inconsciente coletivo*, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, mas que é universal. Possui um substrato psíquico comum de natureza suprapessoal, conteúdos e modos de comportamento denominados *arquétipos*, que são os mesmos em toda parte e em todo indivíduo. (JUNG, Carl G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis, Vozes, 2002, 2ªed., p. 15-16)

de imagem diurno, noturno e/ou sintético. São os esquemas ascensionais (regime diurno), da descida (regime noturno) e dramático ou disseminatório (regime sintético). Esses esquemas poderão ser observados nas práticas e relatos do pessoal do quadro de apoio e jornadas, mesmo que não se constituam, necessariamente, em objetos de aprofundamento nessa pesquisa.

A jornada do herói não é linear, sua progressão poderia ser associada à imagem de “cone ou espiral tridimensional no qual é possível avançar e retroceder freqüentemente e ao longo do círculo”. (PEARSON, 1997, p. 38)

Cada estágio tem sua própria lição a ensinar e reencontramos situações que nos lançam de volta a estágios anteriores, para que possamos aprender e reaprender as lições, em novos níveis de complexidade e sutileza intelectual e emocional. (PEARSON, op. cit., p. 39)

A espiral, assim, não se torna “mais elevada”, mas “ela se faz mais ampla”, na qual a possibilidade de repostas às questões da vida também se ampliam. Trata-se de ter, cada vez “mais escolhas”. Os arquétipos, dessa forma, podem ser vistos e revistos e, cada vez que o encontrarmos teremos a “oportunidade de fazê-lo num nível de compreensão mais profundo”. As “virtudes que o herói aprende em cada procedimento jamais são perdidas ou superadas”, tornam-se, na verdade, “mais sutis”. (PEARSON, op. cit., p. 39)

Como inocente, o herói aprende a confiar; como órfão, aprende a chorar. Como Nômade, o herói aprende a encontrar a própria verdade e a dar-lhe nome; como Guerreiro, aprende a afirmar essa verdade de modo que esta afete e modifique o mundo; e como Mártir aprende a amar, a comprometer-se e a renunciar. Todas as virtudes envolvem um certo grau de dor e luta. A virtude acrescentada pelo Mago é a capacidade de reconhecer e receber a abundância do universo. Como ampliação do círculo [espiral], o Mago obtém aquilo que o Órfão anseia, o retorno ao paraíso perdido [...]. Assim, a última lição a ser aprendida pelo herói é a felicidade. (PEARSON, op. cit., p. 39-41).

Numa representação do que poderia ser esse círculo numa ampliação partindo do centro, a autora (op. cit., 40) nos apresenta a síntese de cada jornada, sendo:

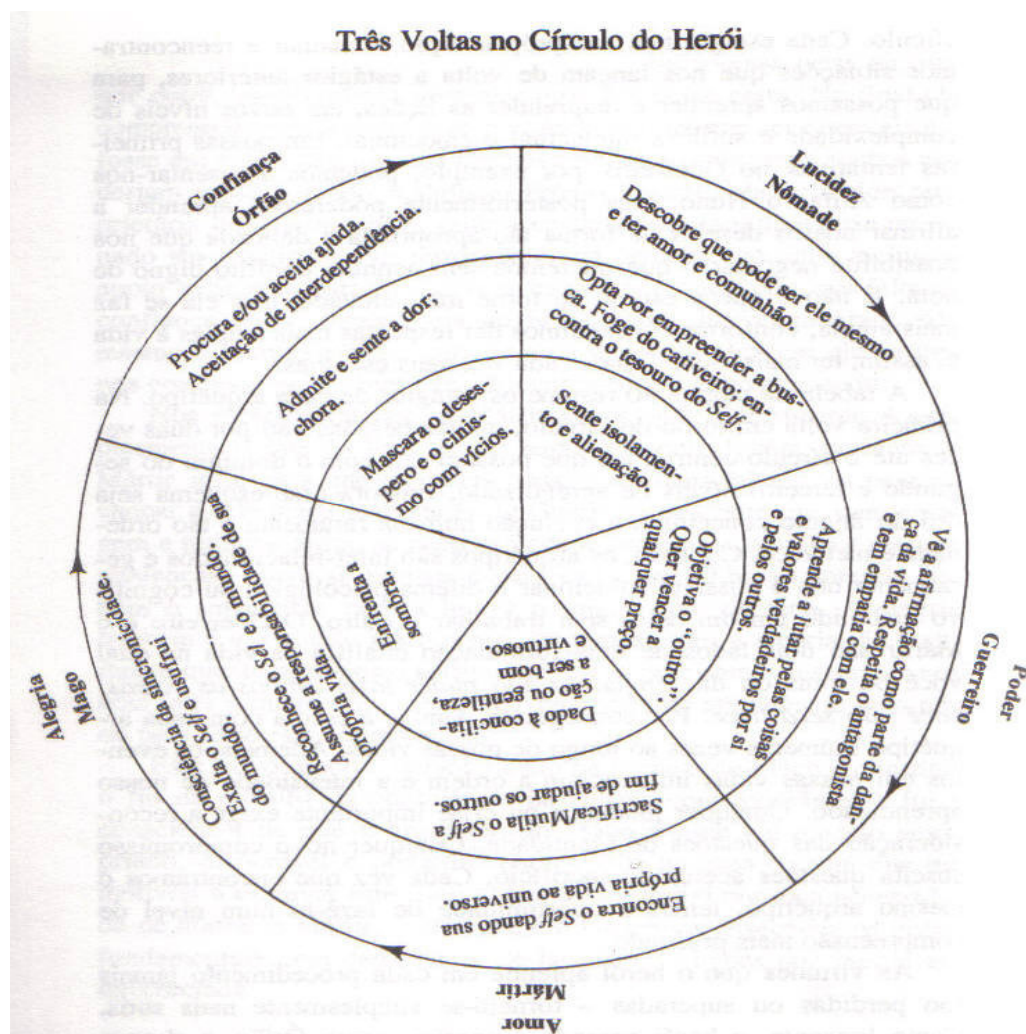


Figura 52 – Reprodução da Imagem do círculo e sua ampliação – (PEARSON, 1997, p. 40)

Faz-se relevante, de forma sintética e para a análise das vivências e relatos dos entrevistados, trazer aqui as principais características das seis jornadas, a saber: o Inocente, o Órfão, o Mártir, o Guerreiro, o Nômade e o Mago, segundo a autora:

Inocente

“Vive num mundo anterior à queda”, “onde a vida é bela e todas as necessidades são satisfeitas numa atmosfera de desvelo e amor”. Essa experiência aproxima-se do “início da infância” ou nos primeiros estágios de um “romance” ou, ainda, de “experiências místicas de Unidade com o cosmos” (religiosidade). “Para

muitas pessoas esse mito é o ideal de como as coisas poderiam ser”. Para os inocentes, as “outras pessoas, o mundo natural, tudo existe para servi-los e satisfazê-los”. (PEARSON, 1997, p. 53-54)

Os Inocentes, que se defrontam com a necessidade de abrir seu próprio caminho na vida, sentem-se abandonados, traídos e até mesmo ultrajados, sem saber que na verdade essa é uma queda auspiciosa. No nível mais profundo do seu ser, eles querem progredir. (PEARSON, op. cit., p. 55)

Órfão

“Os inocentes tornam-se Órfãos” quando vivenciam a queda. A queda pode ser representada na forma de “desilusão com os pais” (que “não querem mais cuidar deles e/ou deixam de ser confiáveis”), ou de outras formas, como a “desilusão política, religiosa ou pessoal”. “A realização do órfão consiste em sair da inocência” e “aprender que o sofrimento, a dor, a carência e a morte são parte inevitável da vida. O órfão sente medo da “impotência e do abandono” e vivencia sua raiva pela “emoção mais visível” que é a “raiva” de “quem é o culpado por ter provocado a queda, ou impedido que acontecesse”. A “realização do órfão” consiste em “aprender que o sofrimento, a dor, a carência e a morte são parte inevitável da vida”. (PEARSON, op. cit., p. 55-57)

O órfão é um idealista desiludido, e quanto maiores seus ideais do mundo, pior lhe parece a realidade. Sentir-se Órfão após a queda é um modelo excepcionalmente difícil. O mundo é considerado perigoso; vilões e ciladas estão por toda parte. (PEARSON, op. cit., p. 56)

Nômade

O arquétipo do Nômade é exemplificado pelas histórias de exploradores, de cavaleiros que “partem sozinhos para conhecer o mundo”. Durante a viagem, encontram sua dádiva (tesouro) que, simbolicamente, representa o “dom de seu verdadeiro ser”. O “nômade parte para sua jornada”, para enfrentar os “desafios do desconhecido, conscientemente”. Esse momento marca o início de sua “existência vivida num novo nível”. (PEARSON, op. cit., p. 83).

Seja a jornada dos Nômades apenas interior ou também exterior, eles dão saltos de fé, descartando as velhas regras sociais, às quais obedecem com o fito de agradar e garantir sua segurança, e procuram descobrir quem são os que querem. (PEARSON, 1997, p. 83)

Geralmente, os Nômades aprendem uma “lição inicial e passam e então a mover-se em círculos. Sua “primeira ação independente” pode acontecer na “infância” ao discordarem dos amigos e professores, ao se afastarem dos pais para “explorar o significado de ser adulto e não uma criança” ou, quando adulto, para seguir suas convicções, se “arriscando perder casamento, amizade, trabalho, popularidade”. (PEARSON, op. cit., p. 98)

Guerreiro

O arquétipo do Guerreiro corresponde à “definição de heroísmo” valorizado na nossa cultura. Esse arquétipo ajuda na declaração de “poder” (físico, psicológico, intelectual e/ou espiritual) e afirmação da “identidade”. No nível físico, o arquétipo do Guerreiro preside à afirmação de que temos o direito de estar vivos; no nível psicológico possibilita observarmos os “limites” de até onde vão nossos direitos e ‘onde começam” o dos outros. No nível intelectual “nos ajuda a aprender a discernir quais caminhos, idéias, valores são mais úteis e favoráveis à vida. No nível espiritual, nos possibilita “aprender a diferenciar as energias”, a “saber as que trazem mais vida e as que matam ou mutilam a força vital” que existe “dentro de nós”. (PEARSON, op. cit., p. 110)

A fase inicial da “jornada do guerreiro define uma forma patriarcal de organizar o mundo”, fundado na dualidade de “idéias ou forças conflitantes (o bem e o mal), numa “hierarquia e de modo linear”. Sua preocupação nessa fase é com “o que é superior ou mais valioso”. Assim, a “tarefa do herói consiste em derrotar ou sujeitar tudo o que é inferior, por dentro ou por fora, à sua vontade”. O progresso do guerreiro através do arquétipo “depende do quanto aprenderam com os outros arquétipos”. (PEARSON, op. cit., p. 117)

Nas primeiras vezes que os Guerreiros procuram afirmar seus desejos, eles se envolvem inevitavelmente em matança e por isso não obtém bons resultados. No próximo estágio, porém, aprendem a

ser mais sutis e políticos, conseguindo com mais freqüência o que desejam. No entanto, em última análise os Guerreiros abandonam o controle do resultado e afirmam-se com parte da dança da vida. O processo de afirmação torna-se então a própria recompensa, porque lhes permite serem mais eles mesmos, diariamente. [...] Em geral, depois que abandonam o apego a determinado resultado, quando se esquecem de si e de seus desejos, sem o conseqüente desejo de manipular as pessoas nem fazer com que estas os satisfaçam, os Guerreiros descobrem que os resultados são melhores do que eles usariam esperar. (PEARSON, 1997, p. 134-135)

Mártir

O enredo do arquétipo do Mártir é desempenhado como nos “antigos rituais de sacrifício nas religiões da fertilidade”. Na base dessas religiões “está o conhecimento de que a morte e o sacrifício são pré-requisitos para o renascimento”. O Mártir acolhe o sofrimento convencido que esse “lhe trará a redenção”. São as histórias de “pobres” que passaram a ser “ricos”, os grandes romances, a “vida dos santos” e outras que “dramatizam e reforçam esta crença”. Na fase inicial, “os Mártires acreditam que a salvação precisa ser obtida do sofrimento e de um trabalho árduo”. Seus esforços, aqui, constituem-se numa tentativa (consciente ou não), “de obter o que necessitam, desesperadamente”. Num nível mais elevado, “o Mártir não está tentando fazer uma barganha para salvar o ser”, mas acredita que o “sacrifício do ser salvará os outros”. Progredindo na jornada do Mártir, aprende-se a “dar e receber de maneira habilidosa” (reciprocidade). A lição final do Mártir consiste em fazer a opção por “doar sua própria vida pelo bem da doação”, sabendo que a “própria vida é a recompensa”, lembrando que as “pequenas mortes”/“perdas” “trazem consigo a transformação e uma nova vida”. (PEARSON, op. cit., p. 137-155)

Nossa capacidade de receber a vida plenamente relaciona-se psicologicamente com nossa disposição de dar o que ela nos pede: amar o mais completamente, embora saibamos que isso nos expõe ao sofrimento e à dor; viver segundo nossa vocação, realizar nosso trabalho, não obstante o risco de fracasso, de pobreza ou de receber pouco ou nenhum reconhecimento; e por fim morrer, pois é esse o preço que pagamos por ter vivido. O Nômade, o Guerreiro e o Mago aprendem as lições cada vez mais requintadas sobre as formas de controlar suas vidas e seus destinos. Ironicamente, somente quando esse controle é alcançado, o herói pode abandoná-lo e aprender a lição final do martírio – aceitar a mortalidade. (PEARSON, op. cit., p. 155)

Mago

O arquétipo do Mago “nos ensina sobre a criação”. Sobre a “capacidade de criar o que jamais existiu, sobre a afirmação de nosso papel de co-criadores do universo”. Ao adentrarmos o universo do Mago e depois que passarmos a nos responsabilizar por “nossas vidas e ações no mundo”, “compreenderemos que o mago não é um “xamã, feiticeiro ou mágico” que resolve as questões da vida por meio da magia. Os Magos “precisam aprender com todos os outros arquétipos” e resolver as maiores questões de cada jornada. Lutam para “viver em harmonia com os mundos supernal e natural, o que exige totalidade e equilíbrio interiores”. Essa aprendizagem exige a “habilidade de permanecer em equilíbrio com a fonte de energia última do universo”. Para os religiosos esse equilíbrio poderia ser chamado de “viver em harmonia com Deus”; para outras pessoas poderia ser representada pela “liberdade estática interna para estar receptivos e receber a energia externa” ou, ainda, os momentos em que se sentem fluindo com o universo e tudo corre magicamente bem”. (PEARSON, 1997, p. 157-161)

Os Magos compreendem a coragem e a audácia necessárias à auto-afirmação e à afirmação de sua vontade sobre o universo quando ainda não são inteiros. Para isso, precisam liberar seus demônios no mundo. Na verdade, como somos todos co-criadores, queiramos ou não, de um modo ou de outro sempre corremos esse risco. Porém os magos assumem a responsabilidade desse processo e confiam fundamentalmente nele. Se os dragões não passam de suas Sombras¹⁷, de suas partes sem nome, sem vida, sem amor, então, a única maneira de transformá-las consiste em agir e, agindo, trazê-las para a luz do dia. (PEARSON, op. cit., 163)

Trazer para a luz do dia significa “permitir que elementos anteriormente reprimidos ou negados, aflorem”. Os Magos são aqueles que “dão nomes” para a sombra. A tarefa do Mago consiste em “destruir a estase doentia”, “romper com o equilíbrio e estabilidade psicológica e cultural asseguradas por mantermos parte da realidade fora de nossa consciência”. (PEARSON, op. cit., 163-164)

¹⁷ Sombra: para Jung e seus seguidores, a sombra contém potencialidades não-desenvolvidas e não-expressas ou reprimidas em benefício do ego ideal. Ela se desenvolve juntamente com o ego complementando-o e representa características que a personalidade consciente recusa-se a admitir, mas que emerge em situações especiais e/ou em confronto com o outro. Ela não é necessariamente negativa. Quando percebida, pode ser fonte de renovação e de composição para a estrutura básica da personalidade. (ZWEIG; ABRAMS, 1991)

Veza por outra os magos respondem ao caos criado por outras pessoas, embora não possam nem queiram assumir essa responsabilidade. Então os Magos restauram o equilíbrio da psique ou da sociedade dando nome à nova realidade e domesticando-a ou transformando-a. Além disso eles promovem a evolução contínua do universo ajudando as outras pessoas a encontrarem seus verdadeiros nomes (isto é, suas identidades), pois assim o universo evolui – à medida que nos tornamos cada vez mais nós mesmos e mais dispostos a responsabilizar-nos pelo mundo que criamos para nós. (PEARSON, 1997, p. 165)

É preciso ressaltar que no percurso no interior de cada jornada estão incluídas as anteriores (ou anterior) e isso pressupõe resolvermos tarefas/questões dessas jornadas para o aprofundamento necessário à “aproximação do *self*”, num movimento não linear, mas em espiral e recursivo, porque o retorno não significa a volta ao ponto inicial (de onde se partiu e da mesma maneira). A cada etapa, novas conquistas/aprendizagem são esperadas.

3.2 Relatos pessoais e jornadas: os fazeres dos Agentes Escolares, modo de pensar, ser, agir e sentir

Considerando o que delineamos acerca das jornadas de Carol Pearson e no referencial teórico abordado na tese, os fazeres do quadro de apoio, sua participação na vida da escola e no Projeto Inter-escolas de Formação dos Educadores e trazendo, agora, seus relatos pessoais/entrevista, poderemos aprofundar um pouco mais o conhecimento sobre os processos que os mobilizam, suas crenças, valores que os orientam em suas jornadas, enfim, quem são os sujeitos do quadro de apoio das escolas.

Passemos, então, para as entrevistas/relatos pessoais de três profissionais do quadro de apoio, de modo a apresentarmos cada um, tecendo considerações acerca do sujeito e sua jornada em direção ao *self* (as lições que aprendeu/vem aprendendo, sua tarefa, sonhos e realizações) considerando como contexto o que trouxeram da sua vida pessoal e profissional, do seu dia-a-dia e espaço de (con)vivência, da participação no Projeto Inter-Escolas de Formação dos

Educadores.

Os relatos seguem-se praticamente na íntegra, tendo por base o roteiro da entrevista descrito na metodologia de pesquisa, na qual algumas respostas foram agrupadas e ficam aqui, delimitadas por subtítulos, de forma a compreendermos com clareza essa organização. Nos relatos, foram ajustadas/adaptadas apenas as interjeições, algumas especificidades da transcrição de falas e inseridos elementos de ligação (quando necessário) e/ou outros itens, garantindo, no entanto, que o conteúdo não fosse comprometido. A idéia geral é ler o texto como se estivéssemos ouvindo seus relatos, acompanhando, de certa forma, as entrevistas.

A apresentação de alguns desses relatos ficou um pouco extensa, mas isso permitiu que fosse resguardada sua riqueza, bem como atendesse aos propósitos da análise pretendida nessa pesquisa. A narrativa, nesse sentido, revelou um pouco dos modos de ser, pensar e agir e sentir desses profissionais do quadro de apoio e de suas jornadas.

Emile Beneveniste (apud SCHINITMAN, 1996, p. 195) postulou uma convicção [...] do papel da narração e do self. Para este filósofo e historiador, um linguagem sem pronomes pessoais é inimaginável. 'O eu – escreveu – remete ao ato de discurso individual em que é pronunciado', ou seja, designa o sujeito que conta a história. No uso da linguagem e das referências pessoais, 'eu' designa o que fala como sujeito. A pessoa constitui-se como sujeito na e pela linguagem. O 'eu' [...] é um sujeito que fala, assim como o si mesmo é o nosso modo de modificar permanentemente, através da linguagem, nossas ações, nosso passado, presente e futuro (Gadamer, 1975 apud SCHINITMAN, op. cit., p. 195). Do mesmo modo que qualquer bom narrador, entretecemos todas as peças numa trama única. [...] o si mesmo não é uma entidade estável e duradoura, mas uma autobiografia que escrevemos e reescrevemos em forma constante, ao participar das práticas sociais que descrevemos em nossas sempre cambiantes narrações. [...] Somos sempre tantos *se/ves*, tantos si mesmos potenciais quanto aqueles que estão contidos nas conversações dos narradores criativos.

Apresentando a Elvira

Agente Escolar, atua na EMEI Janete Clair desde sua inauguração, há quase vinte e cinco anos, e sua atribuição principal, hoje, é o preparar/servir a merenda¹⁸

¹⁸ Merenda: no primeiro e segundo turno de funcionamento da escola (06h50min às 10h50min e 15h10min às 19h10min), trata-se de um lanche e no turno intermediário (11h00min às 15h00min), trata-se de almoço. Normalmente, um grupo de agentes escolares trabalha entre 06h30min e

para os alunos. Participou da luta para ter essa escola na região, a EMEI Janete Clair, onde trabalha até hoje (desde os pedidos na prefeitura, até o acompanhamento da construção, a seleção para ocupar um emprego na própria escola, que, posteriormente, foi garantido com sua aprovação no concurso público). É atuante na comunidade e realiza atividades vinculadas/promovidas pela Igreja Santos Mártires, entre elas a visitação de doentes levando-lhes alguns dos cuidados. Outra ação que tem promovido na comunidade é a entrega de presentes no final do ano para um grupo de crianças carentes (kits comprados por pessoas que assumem a responsabilidade de doar presentes para uma criança e que são designados como “padrinhos”... nem sempre fáceis de encontrar), contando, para essa atividade, com apoio de outras agentes escolares que também atuam nessa escola.

Relato/entrevista

O que me realiza na vida

O que mais me realiza na vida é a família. O bem-estar da minha família, do meu marido, meus filhos, meus netos. Também me realiza o meu trabalho, minha preocupação com a comunidade.

O que me realiza no trabalho é a união das pessoas, das que a gente tem aqui dentro do trabalho. Vinte e cinco anos vai fazer agora que tenho o meu trabalho, o meu ganha pão perto da minha casa e a amizade que a gente tem dentro do trabalho, o convívio do dia-a-dia, a convivência com todos, isso é importante.

Faço meu trabalho com a comunidade, depois que saio da escola, de noite. Fazendo esse trabalho para as pessoas necessitadas, a gente está ali junto com elas, vendo a necessidade da cada uma delas... a gente tenta evitar que elas passem fome. Faço marmitta para pessoas doentes, levo a primeira comunhão, a gente tenta evitar dessas pessoas passarem fome; se precisarem de alguma coisa, de um alimento... Também tem a campanha do quilo para distribuir o alimento que é saúde. Graças a Deus, conseguimos isso para pelo menos uns 80%. Tem uma firma que está doando alimento já completa dois anos agora, fora a campanha do quilo

16h00min e outro grupo entra mais tarde com saída por volta de 19h30min, todos, cumprindo oito horas e meia de trabalho diário, de 2ª à 6ª feira para atendimento do todo da escola.

que nós fizemos, o 'Natal sem Fome'. E tem o terceiro domingo que é o 'quilo', campanha para comunidade. Todos os meses, no terceiro domingo do mês, fazemos campanha do quilo e a comunidade faz as doações. Nesse trabalho com os doentes, me sinto realizada também.

A luta para garantir os cuidados necessários para a família, ampliado esses cuidados para a comunidade, diz um pouco da luta do guerreiro que enfrenta dificuldades e desafios para atingir seu objetivo.

Embora o processo do guerreiro, por si só, não crie um mundo utópico, ele ensina um processo muito importante, que contribui para construir um mundo melhor para todos nós. Em primeiro lugar aprendem a confiar em suas próprias verdades e agir de acordo com elas, com uma convicção ante o perigo. Para isso eles precisam assumir o controle e responsabilidade por suas próprias vidas. [...] Identificar-se como Guerreiro, implica dizer: 'Sou responsável pelo que acontece aqui' e 'devo fazer o possível para tornar esse mundo melhor para mim e para os outros'. (PEARSON, 1997, p. 120)

O que eu considero importante na educação dos filhos e dos alunos

Possuo três filhos e considero que, na educação dos filhos, tudo é importante. A coisa vem do berço, você já tem seus filhos com aquela... aquele respeito... respeito ao ser humano. Eu fui criada de uma maneira... meu pai me criou e ensinou a respeitar os idosos, não responder para ninguém. Ainda existe na minha família... 'dar a bênção'. A minha filha... todos levantam de manhã, me vêem e falam: Bênção mãe! Meus netos também, estamos tentando criar dessa maneira, então para mim, na educação dos filhos... a educação que a gente dá para eles, o que ensinamos é a preparação para o dia de amanhã, como estudar um pouco! A gente tenta dar para eles aquilo que não teve (não teve condições). O que a gente aprendeu é para eles!

Já na educação dos alunos, considero tudo importante porque mesmo o professor (a professora) é como a segunda mãe das crianças. Então tudo que um aluno aprende dentro da escola, eu acho que mais ou menos, é o que a mãe ensina para eles em casa. Então, a escola... a educação da escola é uma continuidade da casa da gente. De mim, é o que eu passo para os meus filhos, eles vão para a escola para aprender praticamente o que eu estou ensinando para eles, então para... todo mundo (eu acho), é importante as crianças estarem dentro da escola.

Meus sonhos

Meu sonho... eu não tenho sonho, eu não sonho, eu acho que... eu, graças a Deus, nunca tive nada e o que eu tenho hoje eu consegui aqui em São Paulo. Eu casei e nem sabia onde era São Paulo, eu vim para cá, eu acho que... eu me sinto uma pessoa realizada, eu não tenho vontade de ter mais nada... de estar comprando de ficar tendo vontades, como: no ano que vem vou trocar meu carro, vou comprar mais um terreno etc. Não tenho aquela ganância de ficar querendo comprar as coisas. Eu me sinto realizada com a minha família, meu trabalho, graças a Deus, tenho pouquinho, mas todo mês eu tenho. Então, eu me sinto realizada e não sonho mais nada para mim. Hoje eu estou com sessenta anos, eu tenho que procurar é viver a minha vida. Eu não já tenho onde morar, já tenho três filhos e só a Fernanda não tem onde morar ainda, mas se Deus quiser vai ter. Os outros já têm, então. Já tenho o meu marido, graças a Deus, então não tenho mais que ficar apanhando, eu tenho que viver o dia hoje!

O sacrifício apropriado proporciona aos Mártires o conhecimento mais profundo de seus valores e compromissos com o trabalho e as outras pessoas, e assim os torna mais, e não menos, eles mesmos. (PEARSON, 1977, p. 148).

É o tempo de viver o agora, de usufruir o que foi ao construído ao longo a vida com muita luta (“apanhando”), das experiências e conquistas, sem a necessidade, agora, de tantos sacrifícios. Um tempo de continuar a sonhar, mas de uma forma diferente.

Sonho para meus filhos, mas, para meus filhos, bom... tem a Mônica, a Marina, a Fernanda. Então... eu sonho para elas serem alguma coisa para o dia de amanhã. Elas já tem os filho delas também, mas é o que eu tinha dito... o que eu tinha que fazer, eu já fiz! Não tenho mais um sonho, o sonho que tenho agora é procurar viver a minha vida, e vê-las bem, ver meus filhos bem... porque a mãe só está bem quando os filhos estão bem. Qualquer coisinha que os filhos têm, você sente mais do que eles, você se preocupa mais do que eles. Então, se a família está bem, a gente... a mãe, também está bem!

O que eu faço no dia-a-dia, o valor do trabalho na escola, o relacionamento interpessoal

Minhas atribuições agora são todas na cozinha. Agora que terceirizou¹⁹, nós estamos todas na cozinha. A gente chega de manhã, abre toda a escola, já vamos direto para a cozinha porque hoje já tem quem faça a Portaria. Como a Dite (Josefa, Agente Escolar) que está readaptada²⁰ e tem mais uma pessoa, a Renata (Inspetora de Alunos). A gente vai para a cozinha e ali fica... faz o lanche, vai cortando verdura, carne e por aí vai até a hora de ir embora. Quando a gente está na escola, muitas vezes, a escola divide a função, mas quando a gente está dentro de um trabalho, ou na escola ou em uma firma, a gente tem que cumprir aquilo que o chefe pede. Se for preciso abrir o portão, não é o meu trabalho, mas, eu tenho que abrir porque não tem ninguém para abrir, eu tenho que ficar ali, fazendo a portaria. No ano passado fui para o portão o ano inteirinho porque não tinha uma pessoa que entrasse a partir das seis horas (acho que o horário da pessoa era diferente). É uma coisa que eu gosto, que eu sempre gostei de fazer e se tiver que fazer de novo, eu faço, novamente. Depende da situação... não eu vou dizer assim... que não é meu trabalho ou que é desvio de função. Mas eu... tudo que eu faço eu gosto, tudo e eu acho que a gente tem que estar no trabalho para contribuir com tudo, para colaborar. Se precisou disso, aí a gente vai servir. Durante o tempo de trabalho da gente na escola estamos para servir a escola, para trocar uma criança se for preciso, ficar numa sala se for preciso, estamos ali para cumprir o trabalho da gente.

Considero que meu trabalho é muito importante. Em primeiro lugar, porque o trabalho, ele é saúde. A gente sai da casa, fica oito horas e meia no trabalho, quer dizer que... trabalho é uma família. É muito importante porque é uma terapia também. Trabalhando, a gente esquece um pouco os problemas de casa, a gente fica esperta. É muito importante, é muito bom o trabalho da gente.

Se eu tivesse que me dar uma nota (numa escala de 0 a 10), eu daria uns oito. Daria uns oito, porque a gente nunca... (é perfeito). A nota que meus colegas

¹⁹ Terceirizou: nesse caso, a escola conta com serviços de terceiros (contratados pela Secretaria Municipal de Educação) para as atividades de limpeza da escola (salas de aula, pátio, outras salas e espaço externo).

²⁰ Readaptada: afastada somente das atividades que não poderá realizar por problemas de saúde comprovados e ratificados por junta médica. Realiza atividades que puder e designadas pela direção da escola.

me dariam... é de cada um, não é? Poderiam me dar cinco, me dar quatro, me dar zero... depende de cada um. Acho que meus colegas me dariam um sete ou oito, por aí... A Direção da Escola, se fosse para mim dar nota para elas eu daria um dez, porque sabe..., mas para mim, acho que dariam uns sete ou oito, por aí... depende.... eu acho..... eu não sou por 100%... têm as falhas da gente, todos nós temos falhas. É um trabalho bom aqui com a direção com a equipe... uma equipe muito boa, organizada, compreensiva, amiga, sabe? Eu daria dez para elas (a equipe gestora).

Eu me sinto parte da equipe dessa escola... é como uma família, é como se fosse uma família minha, de sangue mesmo. O que eu considero importante é o companheirismo com o pessoal, a amizade, o entendimento. São umas pessoas que te compreendem, te entendem. Às vezes, você está com problemas também, tem dia que você está no serviço e não está com vontade de conversar com ninguém..., torce para ninguém te perguntar nada, você quer ficar mais quietinha e as pessoas aqui, geralmente, compreendem.

Passando tanto tempo na escola como disse a Elvira, mantemos uma permanente comunicação interativa com as demais pessoas, num processo contínuo de criação de significados.

Essa criação contínua de significados e realidade é um fenômeno intersubjetivo que se baseia em e é parte do diálogo e da interação simbólica. Toda ação social pode ser concebida como o resultado de um sistema de indivíduos que atuam, que ajustam e conectam seu comportamento em relação a si mesmos e aos demais mediante um processo hermenêutico²¹ de interpretação de si mesmos, através da construção da narrativa humana. Vivemos uns com ou outros vidas narradas. (SCHINITMAN, 1996, p. 196)

O Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores

O Projeto, para mim, representou muita coisa, é uma pena que acabou

²¹ Hermenêutico: processo que diz respeito à arte de interpretar os textos, que supõe um desnivelamento entre o sentido literal e o sentido figurado, considerando o símbolo como instrumento de distribuição-aprofundamento dos patamares do Sentido. [...] Em Heidegger, a compreensão – algo que visa a hermenêutica – é um 'existencial', de que as compreensões especializadas são derivadas ou secundas; assim, o homem vive na 'pré-compreensão do sentido' que investiga, vive no 'halo dessa compreensão antecipativa', de modo que sua tarefa de compreensão ou hermenêutica é uma mera ex-plicação e des-dobrimento que já compreende por nele viver implicitamente. (PAULA CARVALHO, 1999, p. 236)

porque a gente aprendeu muita coisa. Aprendeu a compreender as pessoas, a ser mais amiga, foi mesmo uma terapia da mente, abriu mais a mente da gente, foi uma coisa muito boa que deixou saudade, se voltasse a ter aquele cursinho lá... ia fazer questão de participar porque foi muito bom, aprendemos muita coisa. O que a gente não sabia, acabava vendo com esse povo dez (os palestrantes) porque foram umas pessoas ótimas que vieram dar o curso para a gente, aqui. Vem pessoa capacitada, então faz a gente abrir muito a mente, melhorar o relacionamento com as pessoas, foi muito bom. Todos os momentos me marcaram. Todos marcaram porque todos foram muito bons. Aqueles encontros ali na EMEI Norimar Teixeira, aquele foram demais... Foi muito bom! Lembro do encontro em que fomos no Ipiranga. Poderia voltar novamente, não é? Depois que você saiu, ninguém nunca mais, não sei se não conseguiram fazer isso para a gente (dar continuidade ao projeto). Lembro dos encontros com a Helena que tinha a "Ana Sabinada", a Isoladinha... Eu acho que é a convivência, é o dia-a-dia, a participação das pessoas que faz você se desenvolver, também. Você está participando, você desenvolve. Não me lembro de nenhum assunto nos encontros, que me incomodou.

Mudança(s) provocada(s) pelos encontros do Projeto Inter-Escolas

É acho que mudei sim porque aprendi mais a lidar com as pessoas, a aceitar as pessoas como elas são porque não adianta querer que você seja igual a mim, você pensar igual mim... todos nós temos diferenças. Eu acho que... eu aprendi muito a aceitar as pessoas como elas são, não querer como elas fossem como eu queria. Se eu sou assim, eu quero que você também seja assim... Então, ajudou muito a gente a preservar mais a amizade, os colega de trabalho, compreender melhor os colegas, foi... tipo uma aula que nos tivemos, foi uma escola que nós tivemos, então ajudou muito. Para mim, ajudou muito a pensar melhor sobre as pessoas, a perceber as coisas, a entender que às as coisas não são como eu tinha pensado (imaginado), entendeu...? Depois, você vai descobrindo aos poucos que aquela pessoa não é aquilo que você julgava! Como dizem... "você vê a cara, mas não vê o coração"!

Outras pessoas perceberam mudanças em mim. Principalmente a gente que trabalha em comunidade, pois trabalhar na comunidade é a mesma coisa (que no grupo da escola). Você convive com muita gente e as pessoas acharam que eu

mudei bastante, a minha maneira de ser, a maneira de agir, várias as pessoas comentavam isso comigo, na igreja. Então a participação nos encontros, ajudou muito até na comunidade, foi muito bom... Acharam que eu fiquei mais tolerante. Tem que ter calma, as coisas não são do jeito que eu quero (tem que sair assim, porque e eu quero e por isso que tem que ser assim). Têm outras pessoas para a gente ouvir também, todos têm direito a dar a suas opiniões, respeitar as opiniões dos outros... não é só a minha opinião que vai decidir alguma coisa. Então, tem que ouvir todos. Não é querer que só a minha opinião esteja valendo, tem que ouvir todo o pessoal... Um monte de gente percebeu essa mudança.

Uma mudança em direção ao reconhecimento da diferença, da importância do diálogo, da possibilidade de ouvir e considerar o outro e que não há uma verdade única e inquestionável (podem existir outras verdades) passa pela mudança que o Mártir vivencia ao considerar essas questões.

O problema da diferença humana é difícil de afrontar quando você anseia por criar um mundo humano e ideal. Uma das maneiras básicas pelas quais os Mártires tentam melhorar o mundo consiste em abandonar partes de sua personalidade que parecem não ajustar-se àquilo que os outros querem. (PEARSON, 1997, p. 119)

O que eu faço e possuo uma dimensão educativa (ou não)?

Nossa atividade tem muita coisa que é educativa. Quando a criança já entra chorando... a gente não pode pegar aquela criança com agressividade, tem que ir com carinho pegar aquela criança, ficar conversando com aquela criança, fazendo ela se acalmar, ficar tranqüila, ir levando para a sala e, às vezes, ajudando a criança a permanecer na fila ou usar do banheiro. Quando vai ao banheiro, às vezes, grita de lá que não tem um papel higiênico (e nós levamos). Acho que é uma maneira da gente estar ajudando as crianças, conversando com a criança. Tem muita criança que chega abraçando a gente, beijando, é um carinho muito grande não é? Acho que tudo faz parte da educação da criança. Ficar na sala com a criança (enquanto a professora faz um intervalo de quinze minutos)... a gente procura cantar musiquinha com as crianças. Eu que já fiquei na sala várias vezes, procurava ficar cantando com as crianças enquanto o professor tomava café... procurava conversar com as crianças... Também orientar para entrar na fila, orientar na hora do self-service.

Quando eu vou servir comida eu não gosto de pegar o prato e eu mesma colocar a comida para a criança. Eu pego o prato para a criança e digo 'põe o pratinho aqui'... ela põe o pratinho, 'segura com essa mão', e pego....com a outra mãozinha dela e ensino a pegar o arroz com a escumadeira, a pegar o feijão, então não adianta... ela nunca vai aprender se eu estou fazendo pra ela. Eu procuro fazer isso, quando eu vou servir comida para eles. Eu deixo eles pegarem, mas eu ajudo para eles aprenderem, senão nunca vão aprender.

Atividade(s) realizada(s) fora espaço da escola e que eu considero importante(s)

Considero muito importante o dia que eu saio do serviço e é o dia que eu vou fazer visitas. Se tem uma pessoa doente... eu vou lá, eu levo a comunhão (tem que levar a comunhão)... esse é um trabalho com a comunidade. Com a comunidade eu trabalho/realizo várias coisas. De vez em quando a gente chama as mães para fazer um mutirão na igreja, uma limpeza. Já teve umas três quartas-feiras que eu chamei e elas vieram, peguei junto com elas, fizemos limpeza em toda a Igreja. Eu me sinto realizada em estar fazendo alguma coisa para os pobres (eu também sou pobre, mas tem muita gente que é muito mais...). Não adianta você cruzar os braços e ver seu irmão precisando de alguma coisa e que você pode ajudar, mas você se acomoda e não ajuda. Então, acho que tudo o que você faz para seu próximo é importante, muito importante... Eu acho que essa é uma ação educativa porque eu trabalho com o povo (as pessoas). De vez em quando, a gente trabalha com criança também (não somente com visitas aos doentes), ajuda, vai visitar as crianças, vai lá na favela, pode ter várias famílias que estão realmente necessitando e a gente está ajudando. Às vezes, até financeiramente... comprando um gás que está precisando, por exemplo (e quantas vezes o povo está com problemas...). Outro dia, recebemos um menino que ficava comigo o dia inteiro. Tinha mãe... o pai tinha brigado com a mãe, a mãe sempre vinha à missa na igreja e não tinha onde levar a criança. Eu levava para casa e ficou o dia inteirinho. No outro dia, outra pessoa da Igreja levou para a casa dele e fomos ajudando. Esse trabalho é muito importante!

A Jornada do Herói Interior

Considerando o quadro abaixo, acredito que me identifico mais com a jornada

do Inocente. Meu maior medo é de ser abandonada. Tem várias (jornadas) com que me identificaria. O que eu tenho medo é de ser abandonada, principalmente quando a gente está velho, que os filhos abandonam. A solidão não presta, você tem que ter alguém ao seu redor e eu tenho muito medo disso (de não ter ninguém). Bom, a virtude (no quadro) é 'ser verdadeiro e otimista', mas você tem que sempre que dizer a verdade e ser otimista, você nunca deve pensar negativo, a gente tem que sempre estar otimista, acreditar que algo vai dar certo... Você nunca pensa que não vai dar certo... Vai dar certo, põe na cabeça que Deus é maior (bem maior) e que vai dar certo, que tudo vai dar certo! A gente nunca pode perder a esperança... a esperança é a última que morre. A gente faz de tudo que tem nesse quadro (de tudo isso aí), participa de tudo, tem tudo isso na vida da gente.

Jornada	Maior Medo	Maior Virtude
Inocente	ser abandonado	ser verdadeiro e otimista
Órfão	ser explorado	ser interdependente e realista
Mártir	ser egoísta	ser generoso(a)
Guerreiro	ser fraco	ser corajoso e disciplinado
Nômade	deixar de ser autêntico	garantir minha individualidade e seguir minha vocação
Mago	influenciar negativamente outras pessoas	confiar no meu poder pessoal

Segundo Pearson (1997, p. 197)

[...] os heróis não são apenas as pessoas que crescem, mudam e empreendem suas jornadas, mas também aquelas que ajudam a transformar o reino.

Há sempre uma tarefa e algo para se aprender com cada um dos arquétipos na busca do *self*. Viver as jornadas do Inocente, Órfão, Nômade, Guerreiro, Mártir e Mago e perpassar a espiral inúmeras vezes pressupõe, também, o retorno dessa Jornada. O retorno, por exemplo, à jornada com a qual a Elvira mais se identificou, ao Inocente. Esse é o retorno do Mago para o Inocente, não do mesmo modo no

início da jornada, mas, agora, num outro momento da vida, trazendo as novas aprendizagens, trazendo suas histórias.

Os Magos contam tradicionalmente a história da tribo em forma de lendas que ajudam os seus membros a saber quem são. O Mago que existe dentro de cada um de nós ajuda a encontrar a história que representa de forma honesta e realmente dignifica nossas vidas individuais e coletivas. Essas histórias tem a capacidade de curar e também nos ajudam a transmitir às gerações seguintes os conhecimentos relativos à nossa verdadeira identidade, de modo que os nossos filhos e netos possam construir um futuro a partir de nossos erros e acertos. (PEARSON, 1998, p. 227)

Lidar com sombra, com o nosso maior medo, como apontou a Elvira (o medo do abandono, a solidão), compreende resolver uma questão para o Inocente e até para o Nômade que é esse medo da solidão. Segundo a autora (op. cit., p. 100-101) a perda da inocência não acontece apenas uma vez na vida. A experimentamos em situações de “perda, abandono, traição por parte dos outros e de nós mesmos”. “Cada experiência pode nos levar de volta à inocência (Paraíso, Éden, a Terra Prometida) não apenas num novo nível”, mas como produto, agora, da “sabedoria”.

Hoje temos muitas opções, em muitas áreas de nossas vidas acerca dos universos que queremos habitar. Quando empreendemos nossas jornadas para nos conhecermos e sabermos o que pensamos e sentimos, quais nossos valores e convicções, começamos a aparecer e a ser vistos. Dessa forma [...] atraímos pessoas que querem viver no mesmo reino transformado. Formamos minireinos, comunidades de pessoas que pensam como nós e experimentamos conosco novas formas de ser e crescer no mundo. (PEARSON, 1997, op. cit., 198)

Apresentando a Marlene

É Agente Escolar e atua na EMEI Janete Clair há quase vinte e cinco. Mora na região. Concluiu o Curso de Pedagogia no final do ano de 2008, mesmo ano que seu filho Vitor, que fez Psicologia. É atuante na comunidade, participando de ações vinculadas/promovidas pela Igreja dos Santos Mártires, entre elas as atividades da Pastoral da Criança, visitando famílias e orientando os pais sobre como melhorar a saúde das crianças (desnutrição, baixo peso etc.).

Relato/entrevista

O que me realiza na vida

Em primeiro lugar, eu acho que é a amizade, é a questão do ser humano, eu acho que você tem que valorizar o próximo como nesse trabalho que você fez com a gente, o Projeto Inter-Escolas. Eu acho que foi muito bacana. Mesmo aquelas pessoas que eram tímidas começaram a se soltar mais, a ter mais entrosamento. Mas a gente percebe que, hoje em dia, já não está tendo mais isso (o projeto). Nessas últimas reuniões, só os professores estão participando e o pessoal (do quadro de apoio) fica para fazer a limpeza da escola. Já era difícil tirar a gente da cozinha, da limpeza, para participar dessas reuniões (mesmo quando você falava “não gente, vamos... vai ser bom...”, quando você incentivava). Imagine agora, que não tem esse incentivo? No início não queríamos mesmo participar. Só que, depois, que começamos a participar, a se entrosar, a se soltar... vimos que é importante! Então eu acho que o ser humano precisa dessa coisa, nesse sentido, da participação e do conhecimento, não é? Você até se valoriza como pessoa, sua vida pessoal, influencia na sua auto-estima. Então, eu acho que a participação é muito importante e eu, como ser humano, acredito muito nesse trabalho... como eu diria, trabalho em conjunto, sabe, para o entendimento. Acho que as pessoas não vivem sozinhas – ‘uma andorinha não faz verão’. Eu acho que as pessoas precisam das outras pessoas para crescer. Tenho você como uma pessoa que me ajudou muito na vida, desde o colegial (que eu tinha parado de estudar, e que a Diretora anterior não me incentivou). Você falou... “não... você vai, vai terminar o seu colegial e não tem quem fechar a escola... a gente arruma quem fecha, você vai, fazer o... (ensino médio) e depois vai fazer o magistério” – você me deu a maior força, em todos os sentidos. Então, você foi uma pessoa que me incentivou muito, então se tivessem outras pessoas iguais a você, imagine como seria diferente agora!

Não é verdade, então, que o ser humano tem que querer só para si. Ele tem que adquirir a formação, a inteligência, mas tem que compartilhar com outras pessoas porque não adianta você ser Diretora (você ser isso, ser aquilo) se você não incentivar outras pessoas. Talvez por isso, você tenha crescido, se expandido, porque você olha para outras pessoas, e tem pessoas que são egoístas, não é? Tem gente que fala assim - “você vai estudar para professora para quê?”, “você

ganha mal... você num sei o quê...” (fala mal da profissão), mas ele não larga de dar aula, entendeu? Então é isso, o ser humano é muito egoísta e eu acho que isso tem que mudar!

Muitos são os dragões a enfrentar: a timidez, o egoísmo que paralisa, o medo da não aceitação por parte do outro, o medo da participação nas atividades dentro de um grupo com pessoas com suas diferenças e seus modos de ser, pensar, agir e sentir, de pessoas que desempenham diferentes papéis hierárquicos numa organização, enfim, de abrir-se para o conhecimento de si mesmo, dos seus limites e, até mesmo, de suas possibilidades.

O ganho evolutivo proveniente do confronto com os dragões mais aterrorizantes – seja matando-os ou simplesmente enfrentando-os e iniciando um diálogo – é a coragem e a respectiva libertação da escravidão relativa aos próprios medos. Na pior das hipóteses o Guerreiro acaba aprendendo a fazer amigos a despeito do medo, graça a um longo conhecimento. Em vez de ser imobilizado por ele, ou de agir como Átila, o Huno, ou aprisionar-se de um modo paranóide e simplista de analisar os problemas ou até mesmo reprimi-los, o herói começa a perceber que o medo é sempre um convite ao crescimento. (PEARSON, 1997, p. 128)

O que me realiza na atividade que desenvolvo na escola? Bem, eu nunca falei sobre isso, mas eu vou falar para você. Quando eu era pequena, a minha mãe trabalhava de agente escolar (nem mesmo na nossa confiança na escola eu nunca comentei isso). Eu participava um pouco da coisa, às vezes tinha uma reunião na escola e minha mãe estava e eu tinha muito contato com os professores, com tudo isso e um dos meus maiores sonhos era ser professora. Então, o fato de eu estar trabalhando na escola fazia com que eu estivesse perto daquilo que eu queria, embora eu não achasse que fosse realizar esse sonho. Eu estava ali com as crianças, estava junto com os professores, então eu me sentia realizada. Eu entrei na escola, estou trabalhando com as crianças, eu não sou professora, mas o fato de eu estar perto já me sentia realizada, você vê... a gente valoriza as coisas... eu valorizo cada coisa na minha vida, cada etapa... valorizo muito isso é ... tudo sempre foi muito difícil, mas a gente chega lá. Então agradecia a Deus - obrigada por eu estar aqui e eu já me sinto realizada... Eu falava, então, com Deus... mas Deus me deu ainda melhor - terminar o curso de Pedagogia - e Deus proverá o que pode acontecer daqui para frente. Então, uma das minhas maiores realizações foi isso, eu

conseguir terminar o curso de Pedagogia. Desde criança, eu dava aulas para as outras crianças, e eu lembro que minha mãe na época tinha um fogão de lenha e eu pegava o carvão e ficava escrevendo, dando aula para as crianças. Desde criança eu tinha vontade. Não sei se um dia eu vou exercer a profissão, mas que pelo menos realizar o sonho de adquirir a formação, eu consegui!

De criança até a conquista de uma formação no Ensino Superior, obstáculos foram superados, aprendizagens conquistadas ao adquirir confiança em si mesma, a maior lição do Órfão; ao enfrentar o medo novo e ousar seguir caminhos diferentes dos conhecidos, a lição do Nômade; ao enfrentar dificuldades (empunhar a espada e lutar para atingir seu objetivo), do Guerreiro. Caminho esse, segundo Pearson (1998, p. 19-20), para o qual a grande recompensa é a autodescoberta

Quando nos encontramos, tudo parece entrar nos eixos. Adquirimos a capacidade de enxergar nossa beleza, inteligência e bondade. Tornamo-nos capazes de utilizá-las de forma produtiva e, assim, somos bem-sucedidos. Ficamos menos preocupados em provar o nosso valor e, portanto, podemos relaxar, amar e ser amados. Temos tudo aquilo de que precisamos para proclamar a nossa humanidade, o nosso heroísmo em sua plenitude.

O importante na educação dos filhos e dos alunos

Eu tenho três filhos, dois meninos e uma menina (que já são adultos). Em primeiro lugar, você dá a educação em casa, a de berço, não é? Você ensina a base, depois você quer ver os filhos terminando o primário, terminando o ginásio e fazendo uma faculdade. Eu, por exemplo, na minha vida foi tudo muito difícil porque eu, praticamente, criei os meus filhos sozinha. Não sozinha por não ter marido (eu tinha, mas eu não tinha). Quer dizer, quando as minhas crianças eram pequenas, eu é quem tinha a responsabilidade de tudo porque eles tinham um pai ausente. Um pai que gostava muito deles (que gosta até hoje), mas que não estava presente. Uma preocupação minha era: 'será que vou ver meus filhos na Universidade'? Será se eles vão chegar lá, eu vou conseguir realizar esse meu sonho de vê-los na faculdade? E Deus foi maravilhoso. O meu filho mais velho se formou em Letras, casou com uma mulher que também é formada em Letras. A Renata está fazendo Pedagogia, o Vitor formou-se em Psicologia e eu me formei em Pedagogia, então eu acho que Deus foi maravilhoso, ele me deu tudo, tudo e muito mais do que eu

esperava. A melhor riqueza que você pode deixar para seus filhos é o estudo. É o estudo porque é uma coisa que ninguém pode tirar. Vão ter a gente toda vida, pelo menos é uma coisa deles. Olha, eu pagava a faculdade do Vitor, quer dizer, pagava não, o Vitor começou a trabalhar para pagar a faculdade dele, mas eu que pagava condução, roupas, ajudava na faculdade, também, porque o dinheiro dele não dava e, graças a Deus, hoje ele está se mantendo sozinho, tem a profissão dele, tem o trabalho dele, já está atendendo. A gente tem que deixar mesmo para os filhos o estudo, uma boa educação!

O que é importante na educação dos alunos? O aluno chega na escola e já traz uma bagagem de casa. Nós e o Professor só vamos acrescentar. Então, você tem que ensinar o aluno a saber o que é certo e o que é o errado. Isso era o que a gente aprendia na Faculdade. Temos que procurar conhecer os alunos porque, de repente, tem um aluno na sua sala que não está prestando atenção na aula, é bagunceiro, então eu acho que você tem que procurar as origens disso e ver o que está acontecendo. Às vezes, o pai dele está preso, a mãe está sendo espancada, assim, você tem que conhecer o aluno. Se você conhece o aluno vai saber trabalhar com ele. Se não procurar conhecer o aluno, não tem como trabalhar com ele. Você tem que lidar de forma diferente com uma criança revoltada de um outro aluno. Assim, você tem que saber fazer a diferença dentro da sala de aula. Eu ajudo muito quando fico na sala durante os quinze minutos de café do professor. Eu sou bem enérgica na sala. Eu chego no meu primeiro dia e já falo: 'olha gente, se a professora deixar atividade não pode conversar, vão fazer atividade e nesses quinze minutos só vai no banheiro quem estiver apertadinho etc.' Eu falo de uma série de exigências com eles e tem dado certo. Às vezes, a gente tem que fazer alguma intervenção na sala porque o coleguinha quer jogar o lápis no outro... Você vai corrigir uma coisa básica, até porque para a criança pequena não tem muito que fazer, nesse sentido... mas, na medida do possível, a gente ajuda muito com certeza!

Meu(s) sonho(s)

O meu sonho é passar num concurso e dar aula. O meu sonho é esse, mas eu não sei se vou conseguir passar no concurso porque no Estado, hoje em dia, a concorrência é muito grande. Daqui a cinco anos que eu vou aposentar como

Agente Escolar e depois vou dar aula, mesmo que seja como substituta, só para ajudar no orçamento. Mais ainda, vou realizar esse meu sonho!

Penso, futuramente, em trabalhar numa ONG, mesmo que seja de graça. Ir lá e passar um pouco de conhecimento para as crianças e ajudar no possível (mesmo que não seja remunerado). Eu penso nisso. Não penso em me aposentar e ficar fechada dentro de casa, até porque isso não combina comigo, não combina de jeito nenhum!

O que eu faço no dia-a-dia, o valor do trabalho na escola, o relacionamento interpessoal

Antigamente, a gente cuidava da limpeza dentro e fora do prédio da escola. Hoje em dia, com a limpeza terceirizada, o nosso serviço está mais restrito na cozinha. Hoje em dia, está bem mais tranquilo do que antigamente. Eu chego à escola onze horas, vou para a cozinha, ajudo a lavar toda a louça do período, depois preparo o lanche, sirvo lanche e depois fico na sala no horário do café do professor. No final do dia, a gente fecha a escola. Se (durante o dia) algum aluno que precisa de assistência (depois que a inspetora vai embora), eu atendo. Se as crianças machucam o dedinho, eu vou lá fazer o curativo, se machucam... eu vou lá pego gelo, coloco na cabecinha, se caem no parquinho e os professores pedem para ficar na sala, a gente vai, então, quer dizer... de certa forma a gente acaba não parando e tem que ficar ali na ativa e 'de olho', também. É como eu falo: 'não adianta você ficar na escola e pensar 'eu vou lavar a louça e pronto'. Não! A gente tem que lavar a louça, mas tem que ficar de olho lá fora (no pátio interno) porque se a criança vai no banheiro, cai e se machuca, acontece alguma coisa... tem que ficar de olho! Eu procuro sempre fazer as coisas nesse sentido, não ficar restrito só em uma coisa, mas ficar com a 'antena ligada', ver se estão precisando da gente.

Uma coisa que eu não tenho certeza que é meu trabalho (eu até acho que é e eu gosto), são os quinze minutos que ficamos na sala de aula. Muita gente fala: 'mas isso não é trabalho da gente', porque muitas escolas não têm... só a nossa que tem. O pessoal fala, mas eu não reclamo porque nesse tempo eu gosto de ficar com as crianças. Eu fico na sala com eles, não tenho problemas com as crianças. Comigo eles ficam bem, são bonzinhos, eu consigo controlar eles direitinho e não tenho problemas com isso. Acho que tudo é obrigação da gente que está dentro da escola:

you stay at the gate, you stay attending the phone, sometimes people even help with the school choice for the parents of the students (when the parents choose the school of elementary school for the next year). The Director asks for help, sometimes and when she is needing and has no problem because 'you are at the school, you are there to give and receive', isn't it?

I work with love (it is like that I see my work in the school). I think that everything you do with love you do well because the school, for me, is an extension of my home. The way I do in my home, I do there. When I arrive at 'Janete', I feel so good, but so good, that everything I do with love, with affection and everything to get it right. The girls (teachers) say like this: 'ah, Marlene, but it is the day that is rice with sugar, our, the rice with sugar that you do is very good!' It is good because it is the way I do in my home. If someone does not have the same love for their work, they will not do this work right. It is like this business of outsourcing the kitchen: the staff from Interativa (contracted company) that is entering now is not worried about the day-to-day of the child and in dealing with the child like people. They think: 'ah... you don't want to eat this, so eat this here', the staff arrives at the school and distributes the food with the same concern that we have (the school agents who were already in the school).

I consider my daily work important, yes! Do you have a child who goes to school to have lunch? Then, you do things with affection, make that lunch well made for the child, it is very important. I think that everything is important! You are there, many times, receiving the children at the gate and she looks at you and says, 'oh aunt, you cut your hair' (one day you got your hair done), she comes with a smile on her face. There are days that you are not so good, but you go to work a bit sad. A child comes and gives a smile, gives a kiss here, another there and she gets up. I think my work is important because you are helping and, at the same time, receiving. You help and at the same time receive, sometimes I think that you receive more than you help, especially from the children.

Nossa capacidade de doação comunica ao universo nossa disposição para receber. [...] Nossa capacidade de receber a vida plenamente relaciona-se psicologicamente com nossa disposição de dar o que ela nos pede: amar o mais completamente, embora saibamos que isso nos expõe ao sofrimento e à dor; viver segundo nossa vocação, realizar nosso trabalho, não obstante o risco do fracasso, de pobreza ou de receber pouco ou nenhum

reconhecimento; e por fim morrer, pois esse é o preço que pagamos por ter vivido. (PEARSON, 1997, p. 155)

Se eu tivesse que me atribuir uma nota para o meu trabalho na escala de zero a dez, não sei não, porque não somos perfeitos! Acho que uns sete, oito, eu não me dou dez, não sou perfeita! Acho que tenho muito a melhorar pela frente e para me dar dez eu teria que ser perfeita e não ter falhas (eu tenho minhas falhas). Eu tenho colega lá que me daria dez, isso eu tenho certeza, mas eu não me daria, porque eu acho que ainda falta muita coisa. A Edinalva (Diretora) me daria dez... não sei, pelo menos a gente não tem problema.

Eu me sinto parte da equipe da escola, de tudo, com certeza. Ah, eu acho que um fortalece o outro. É aquilo que eu falei, que o ser humano tem que um ajudar o outro. É uma espécie de corrente! Um interagindo com o outro, formando uma equipe. É preciso saber lidar com a diferença, porque não adianta eu querer que você seja igual a mim. Eu sou eu, você é você, você é única e eu também sou. A partir, então, do momento em que você sabe lidar com essas diferenças é onde acontece a união. Têm pessoas que não pensam como você e têm dificuldade de ter um bom entrosamento e é aí que você pode ajudar. A gente consegue fazer com que haja esse entrosamento. Lá na escola já aconteceu um fato, desse jeito: quando entrou essa inspetora nova, teve muita polêmica, porque ela era uma pessoa muito perfeccionista. Ela queria as coisas tudo certinho. Chegava, por exemplo, e tinha uma coisa fora do lugar, ela tirava, ela guardava e os professores começaram a notar e a falar que tinham mudado de lugar etc. Daí eu fui e conversei com ela: 'olha... então é melhor você deixar onde está ou, então, você chega e pergunta para o professor se você pode tirar e tal'. Assim, eu a ajudei a entender como era o relacionamento dentro da escola, e hoje ela está muito bem, ela fala: 'olha, Marlene, eu agradeço porque a gente chega num lugar e não sabe como é!' Eu acho que se você puder ajudar para que todos tenham um bom relacionamento dentro da escola é importante.

Eu me relaciono muito bem com as pessoas da escola (na medida do possível). Vai fazer vinte e cinco anos que estou na escola, no mês de junho de 2010. Temos uma colega nova, que chegou para mim e disse: 'há um ano que eu estou aqui, eu percebo que todo mundo gosta de você, que você tem essa convivência boa com todo mundo'. E eu falei: 'acontece que a gente tem que saber

respeitar as diferenças porque ninguém é igual a ninguém'. Se você puder respeitar as diferenças, você consegue conviver com todo mundo, então acho que é por isso que eu consigo não ter divergências com ninguém. Eu respeito cada um, respeito desde a diretora até minha colega e os alunos. Eu procuro primeiro fazer minha obrigação, fazer as coisas direitinho, para não dar motivo para ninguém me chamar a atenção. Se a diretora me chama a atenção e eu estou errada eu aceito, mas se eu estou certa, lógico que eu vou questionar. Não tem muito essa coisa de me chamar a atenção por parte da direção. Eu procuro ajudar na medida do possível. Às vezes, a Diretora fala: 'eu estou saindo, Marlene, você dá uma força, dá uma olhada (isso ou aquilo...)' e eu olho. Tudo bem! Com as professoras eu procuro me colocar à disposição do que for, mesmo fora do horário do cafezinho. Eu falo, 'se precisar, me chama'. No ano passado, uma professora estava com uma sala terrível, as crianças dela, nossa, nunca tinha visto crianças terríveis iguais as dela; então ela se envolvia o tempo todo com as crianças e se saísse um pouquinho da sala subiam na mesa, empurravam cadeiras... para você ver, é uma coisa muito difícil que ela estava passando. Eu falava para ela 'olha, sempre que você sair da sala, me dá um toque'. Assim, quando ela avisava (ou eu via) que ela saía e as crianças começavam... eu já ia lá. É esse tipo de coisa, a gente procura... mesmo sem as pessoas pedirem, você vê o que estão precisando e auxilia. Com relação às colegas de trabalho mais antigas ou as mais próximas, o respeito mesmo. Quem trabalha junto com outras pessoas tem que estar muito aberto para aprender novas coisas. Um faz a coisa de um jeito, por exemplo, e eu já faço de outro jeito... só que eu preciso estar aberta para aprender do jeito dela e elas também, para aprender do meu jeito. Às vezes é mais fácil aprender com o outro, como agora que entrou a outra colega e a gente ia fazer cachorro quente. Ela sugeriu outra forma de preparar/colocar o cachorro quente que foi melhor, então eu aderi porque eu sou uma pessoa sempre aberta para novas coisas.

À medida que nos tornamos quem realmente somos, relacionando-nos com pessoas com as quais sentimos profundas ligações, adquirimos uma intimidade cada vez mais satisfatória. Assim, a recompensa da jornada inevitavelmente solitária do herói é a comunhão – comunhão com o ser, com outras pessoas e com os universos natural e espiritual. Ao fim da jornada, o herói sente que está em casa, no mundo. (PEARSON, 1997, p. 199)

O espaço da escola propicia o encontro, a troca, o relacionamento entre as pessoas e pode constituir-se num espaço privilegiado de aprendizagens para todos. Reconhecer e conviver com as diferenças no dia-a-dia e buscar um melhor entrosamento entre as pessoas é uma tarefa que exige abertura. Os Órfãos, por exemplo, “precisam de regras, regulamentos e do sentimento de que alguém está cuidando deles”. “Beneficiam-se com situações de equipe, nas quais são motivados a assumir a responsabilidade de cuidar de outras pessoas”. (PEARSON, 1997, p. 212) É aí, também, que age o mártir em uma de suas qualidades positivas: a de ajudar o próximo.

O Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores

Eu achei muito importante participar desse Projeto, desde o seu início. Eu tinha dificuldade até de conversar com pessoas próximas e lá, nesse projeto, eu fui obrigada, um dia, a fazer a abertura de uma apresentação. Eu quase morri de vergonha, mas eu tive que fazer (acho muito importante e esse projeto deveria continuar). É muito bom para os funcionários se soltarem mais, para se entenderem, se entrosarem melhor, e outra coisa, você participa mais do que está acontecendo na escola. Se você não sabe determinadas coisas porque você não acompanha, dificulta até mesmo o seu relacionamento com os professores, com os alunos. Tinha que ter mais os encontros do projeto. Agora, por exemplo, que ficamos só com a cozinha (e nas cozinhas que estão terceirizadas), as pessoas não estão interagindo. Assim, se tivesse hoje (a que nós tivemos) ajudaria muito, sem dúvida.

O encontro que mais me marcou foi esse que eu acabei de colocar (em que fiz a abertura). Foi no Ipiranga, onde Inês Rulli trabalha. Eu nunca vou esquecer... tenho umas fotos em que eu estou sentada. Foi você que tirou a foto. Naquele dia, ‘eu queria morrer’. Pensei: ‘meu Deus do Céu, eu não vou conseguir fazer essa abertura aqui’. Esse encontro marcou mais porque nos outros (os que nós tivemos por aqui) foi com mais teatro, com todo mundo conhecido, a gente conhecia a maior parte... No Ipiranga, era outra região, todo mundo diferente e por isso marcou bastante (‘foi forte’), mas foi bom porque, pelo menos, você vê que conseguiu fazer algo diferente.

Eu não me incomodei com nada nos encontros e considerei que foi tudo bacana. A parte que tinha o teatro com a ‘Ana Maria Sabinada’, com o

'Orgulhismundo' (eu não me lembro dos nomes personagens) foram muito bons porque, muitas vezes, você se depara com esse tipo de coisa (situação). Esses encontros ajudaram muito, mexeram um pouquinho até mesmo aqui, no dia-a-dia. Quando acontecia alguma coisa parecida, a gente falava uns para os outros: 'olha, está vendo... olha a 'Ana Sabinada', olha o 'Orgulhismundo!' Serviu para termos uma noção do nosso dia-a-dia, uma ajuda que valeu, sim!

Eu acho que o projeto provocou mudanças na questão da comunicação e você começa a pensar de outra forma, a se comunicar melhor, a pensar mais sobre um algo que você fazia antes e depois do encontro (a gente repensava melhor para não repetir o erro). Foi muito, muito bacana essa conscientização, sei lá, eu acho que no lugar onde se trabalha muita gente tem que ter mesmo essa conscientização de trabalho para um melhor entrosamento. Assim, acho que foi muito válido, muito rico!

Acho que outras pessoas perceberam uma mudança em mim. Antes eu era uma pessoa muito explosiva. Uma colega falava alguma coisa e eu já retornava o que tinha para falar e só depois eu pensava melhor no que eu tinha falado. Passei a pensar: 'não, não vou falar isso dessa forma e eu comecei a contar até três' (antes de responder). Algumas pessoas me disseram 'Marlene, hoje você está mais calma, você mudou'. E eu acho que foi essa conscientização que ajudou bastante. Eu não comentei essa minha atitude com ninguém. Eles perceberam que houve uma mudança, que eu estava diferente. Tanto a partir desse curso, como, também, do curso de magistério que comecei a fazer, na época. Acho que tudo ajudou, contribuiu com essa mudança. Houve uma mudança boa, uma mudança radical na minha vida e é uma pena não ter a continuidade do projeto.

Uma atividade, um projeto, uma ação (que nunca é isolada) podem nos tocar, suscitar desafios que confrontem, se identifiquem (ou não), com nossas experiências, expectativas, modo de pensar, ser e agir e, de alguma forma, nos mobilizem em nossa jornada em busca do conhecimento das dimensões no nosso próprio ser.

Segundo Campbell (2002, p. 60)

Existem dimensões do seu próprio ser e um potencial de realizações e ampliação da consciência que não estão incluídos no conceito que você faz de si mesmo. Sua vida é mais profunda e ampla do que você a concebe, aqui. O que você está vivendo é só uma fração

infinitesimal daquilo que realmente se abriga no seu interior, aquilo que lhe dá vida, alento e profundidade.

O que eu faço e possuí uma dimensão educativa (ou não)

Olha, eu acho que servir (por exemplo) a merenda é educativo. Eu sempre falo na escola que não podemos levar a sobremesa para a criança onde ela está (na mesa). Eu acho que as crianças têm que levantar, vir pegar e colocar a comida no prato e nós temos que estar instruindo. Eles têm que aprender que as coisas não são colocadas no prato, não são dadas na mão. Eles têm que começar a compreender e pôr o 'tanto certo de comida no prato' (o que eles vão comer, a quantidade de mistura...). Isso é educação, isso é educativo, quer dizer, é uma coisa que cabe a gente fazer. O restante são os professores que estão na sala. Essa parte da merenda cabe para nós instruímos as crianças, educar. No momento que eu fico na sala, por exemplo, é uma ação educativa. Eu já faço um acordo com eles, que já falei ('o que pode e o que não pode fazer), 'isso vocês podem, isso vocês não podem'. Se tiver atividade, vamos fazer a atividade, se não tiver, nos quinze minutos a gente vai brincar, a gente vai conversar... eu acho que esse tempo é de uma ação educativa. Atender o portão também tem uma ação educativa: você vai mexer com pai nervoso, você vai acalmar, entendeu... Eu acho que sim porque quem está no portão, além de ter que ser educado... você também tem que impor educação para quem está chegando.

Embora o pessoal do quadro de apoio não exerça uma atividade educativa formal, como a do docente, acabam por exercer influências na vida da escola, seu cotidiano. Interagem com os alunos, portanto também os influenciam. Podem mesmo orientar condutas nos espaços comuns da escola para o convívio no grupo, na interação com os outros alunos. Acabam por passar para os alunos regras, modos de agir habituais nesses espaços, transmitindo, de certa forma, um pouco da cultura da escola.

Chama-se educação à modelação dos jovens pelos mais velhos, à colocação dos recém-chegados no conjunto social integrado cujos usos e costumes, alegrias, tristezas e atividades são chamados a partilhar. A função pedagógica tem por tarefa situar os jovens no horizonte spatiotemporal da vida comunitária. Graças a ela, uma família humana determinada toma consciência de si mesma em

cada um dos indivíduos que dependem dela. Sob pena de ser apenas uma pessoa deslocada num universo vazio de sentido, todo homem deve encontrar seu lugar entre os homens graças à sua iniciação nos temas, estruturas e aspirações cuja convergência define o programa vital de uma sociedade, isto é, sua cultura. A primeira educação é, pois, essa modelação de todos por cada um e de cada um por todos, no seio do grupo social, que se define sempre como um reciprocidade de influencia ou como uma escola universal. (GUSDORF, 2003, p. 216)

Atividade(s) realizada(s) fora espaço da escola e que considero importante(s)

Fora da escola (na vida particular), eu trabalho com deficiente físico uma vez por mês. Esse trabalho é muito bacana. Foi numa fase muito difícil da minha vida que comecei a trabalhar com eles, a fase da minha separação. Eu fui lá para ajudá-los, mas eles é que me ajudaram. Foi uma troca muito linda. Eu também trabalho com a Pastoral da Criança (na pesagem, tudo...). Esse trabalho com a comunidade me realiza muito... muito mesmo! Bem, eu gosto mais de trabalhar com os deficientes. Eles ficam em casa, em muitas não têm espaço, não têm acesso, não têm nada. Nesse trabalho, eles são trazidos para assistir palestras. Sempre vem um palestrante e a gente vai conversando, passando folhetos para lerem, fazendo grupos para refletir sobre aquilo que foi lido e eu acho que essa também é uma ação educativa. Então, eu acho que é uma... uma ação educativa. Esse trabalho é numa entidade organizada. Eles têm as vans para buscá-los (a 'Atende'), têm os monitores e as pessoas que ajudam e fazem serviço voluntário, igual eu faço. Eu ajudo a preparar o almoço, ajudo o deficiente a ir no banheiro... (a gente está lá para isso). Essa van vai até a casa dos deficientes e os trazem na entidade. Antigamente, as palestras eram realizadas na Igreja São Francisco, mas agora é outro padre que está nessa igreja e que parece que não gostou muito dessa idéia. Agora, fica na Igreja Santa Luzia, onde o Padre Jaime está atuando (uma referência no Jardim Ângela). É um trabalho muito bom. Trazem os deficientes e eles passam o dia com a gente. Essa semana, a Coordenadora do grupo foi lá na escola e me disse que os deficientes perguntaram por mim numa festa (que não pude ir porque fui para a casa do meu filho, no interior). Se você não pode ir e falta, as pessoas ficam te cobrando. Outro dia eu estava no shopping, uma menina me viu e abriu aquele sorriso. Essa foi uma das coisas que me marcou quando comecei a trabalhar com os deficientes. Eu saía de casa (nossa, eu saía arrasada na época da minha separação), eu chegava

lá (mas não era eu que eu chegava lá... Meu Deus) e, pouco depois, vinha uma menina falar comigo. Eu olhava e falava: 'meu Deus do céu, eu não tenho que estar triste', tudo foi uma lição para mim. E é bom a gente participar e contribuir com essas coisas. É algo que eu gosto muito!

Uma separação representa, em geral, um momento doloroso na vida de muitas pessoas, uma das pequenas mortes que vivenciamos. Para alguns pode trazer as carências, os temores, os medos experimentados na jornada do órfão. Muitas vezes, a doação e a entrega nos proporcionam a força necessária para suportar a dor. A separação pode ser associada à queda “que nos faz abandonar a dependência e empreender nossas jornadas”. A “experiência nos ensina que a dor não é necessariamente aflição sem sentido, mas pode ser o combustível de um crescimento e de uma mudança contínua”. (PEARSON, 1997, p. 79)

A situação de ter praticamente cuidado dos filhos sozinha (na maior parte do tempo) e a separação como um momento difícil em sua vida resultaram, para a Marlene, no empreendimento de sua jornada, permitindo-se outros arquétipos em seus estágios iniciais, na busca pela transformação, pelo auto-conhecimento, maior confiança em si mesma e a descoberta de suas potencialidades.

Para Pearson (op. cit., p. 79)

Se permitirmos que o arquétipo do Nômade aflore em nossa consciência, ela poderá assumir a forma da busca de salvação, a qual começamos a ter confiança em nós mesmos e nas nossas habilidades. Assim, nossa sensação de [...] inadequação serão equilibradas pelo orgulho de perceber nossa capacidade de sobreviver sozinhos, sem a necessidade de alguém para cuidar de nós.

Por outro lado, se aqui emergir o arquétipo do Mártir, sacrificaremos mais do que o necessário a serviço dos outros, o que parece aqui representado na doação ao se propor a cuidar dos deficientes, tornando-se o que Pearson (op. cit., p. 79-80), considera como a “figura materna da árvore dadivosa”. Passando, ainda, para a consciência do Guerreiro.

Aprenderemos a defender-nos das ameaças e a controlar nossos medos, de modo que esses deixem de nos imobilizar. Na verdade tornamo-nos a figura poderosa que esperávamos, pudesse nos salvar. E com isso, iniciamos o resgate de nós mesmos.

A Jornada do Herói Interior

Acho que meu maior medo é 'ser egoísta', o que está aqui no Mártir (quadro a seguir). Às vezes a gente é egoísta. Depois que teve todo aquele trabalho (o projeto), você passa a pensar mais, a ser mais generosa, a pensar mais antes de dar uma resposta para uma pessoa. Eu fico com esse Mártir aqui... acho que eu me identifico mais. Eu sou assim no dia-a-dia (generosa), eu gosto de ajudar as pessoas, me identifico com o Mártir. Muito... nossa! Teve o antes e o depois! Eu mudei (o ser humano que não evolui...). Temos que mudar para melhor, só que, infelizmente, tem gente que muda para pior, não é? Temos que estar sempre em transformação, em mudança. Eu vejo uma transformação nos meus filhos. Eu percebo que o Vitor e a Renata estão se transformando para melhor. A Renata se espelha muito em mim, eu já peguei várias vezes a Renata se espelhando em mim. Ela me surpreendeu: não só está fazendo Pedagogia, como outras coisas também (que agora nem vou lembrar). Pego ela se espelhando em mim... eu falo e penso: 'meu Deus, olha a responsabilidade!' Eu tenho que fazer tudo direitinho porque minha filha fala: 'eu quero estudar, eu quero ser igual à minha mãe'. Ela já falou isso várias vezes (olha a responsabilidade que eu tenho). E na educação com as crianças (meus netos), a Gabrielle e a Maria Clara. Ela cria as filhas do jeito que eu criei ela (de não deixar ficar na casa dos outros, coloca para ajudar a fazer as coisas de casa) e eu percebo. O Vitor, outro dia mesmo, estava conversando com os colegas dele e ele falou: 'eu me orgulho muito da minha mãe'.

Jornada	Maior Medo	Maior Virtude
Inocente	ser abandonado	ser verdadeiro e otimista
Órfão	ser explorado	ser interdependente e realista
Mártir	ser egoísta	ser generoso(a)
Guerreiro	ser fraco	ser corajoso e disciplinado
Nômade	deixar de ser autêntico	garantir minha Individualidade e seguir minha vocação
Mago	influenciar negativamente outras pessoas	confiar no meu poder pessoal

Creio que em sua jornada a Marlene vivenciou todos os arquétipos, superando medos, adquirindo maior confiança, abriu-se para a possibilidade de mudanças/transformações aqui observadas na forma de contribuições com a comunidade, conquistas para a família e para si mesma, entre elas a conclusão do curso de Pedagogia. A realização, assim, de um sonho, numa vida e numa jornada, em continuidade...

Apresentação da Imaculada

É Agente Escolar. Trabalha na EMEI Janete Clair, sua quarta escola no ensino municipal. Está nessa escola há aproximadamente 10 anos, por opção. Mora na região, mas não em local muito próximo. Chegou à escola exatamente no ano em que os encontros para o pessoal do quadro de apoio do Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores iniciou.

Relato/entrevista

O que me realiza na vida

O que me realiza na vida, primeiramente, é a paz dentro de minha casa, porque se na minha casa não tiver paz, se a gente não está em paz, nada está bom! É a paz na minha casa, a convivência com meus filhos, a preocupação com o que eles vão fazer quando crescer. Quando está tudo bem, a gente fica feliz com aquilo que planta. O que você investe neles e vê que está dando resultado traz uma felicidade muito grande. Para a mãe, principalmente! Agora mesmo, o meu filho mais novo foi viajar para o exterior, foi trabalhar, aperfeiçoar o inglês. Assim que chegou lá, ele viu que ele não só vai trabalhar para aperfeiçoar o inglês, como terá que estudar muito. Ele já ligou para mim e falou: 'mãe, aqui é muito diferente daí, vou ter que procurar escola (e não só trabalhar). Eu vou ter que fazer curso porque já vi que aqui é muito diferente do que a gente faz. Nosso estudo (no Brasil) não é tão bom assim. A gente pensa que estudou e está bom, mas falta muito ainda.' Isso é uma felicidade muito grande para uma mãe. Além disso, ele fez um curso no meio do ano, na Argentina. Um mês de espanhol. Quando ele estava lá, ficamos no computador conversando e ele leu um trecho lá, em espanhol, para mim. Nossa, eu

pensei: 'a mãe fica toda boba!'. Acho que isso é felicidade, realização. O que deixa a gente feliz, também, é o respeito que eles têm, o carinho... A forma como foram criados, a maneira como a gente cria nossos filhos conta muito: orientando, conversando. O que conta muito é a família: marido, filho, todos conversando, orientando... dando aquela bronquinha de mãe, mas sempre no sentido de fazer com que os filhos cresçam como pessoas, respeitando os outros. Para mim, é isso que me realiza. Para a mãe, a família é tudo! Se a família não estiver ali junto... A gente (a família) conversa muito no dia-a-dia e tudo é resolvido, conversando. Os filhos estão a par de tudo. Conversamos quando está tudo dando certo, quando não está dando certo e nas dificuldades, também. Na minha casa é assim, graças a Deus! Isso é importante para mim.

No trabalho, o que me realiza, o que me deixa feliz, é a amizade que eu tenho com minhas colegas. De uns três anos para cá (e no meu caso), não tenho condições de estar trabalhando normalmente, de pegar mesmo no pesado. E tem colega que se propõe a fazer minha parte, ou melhor, ajudar na parte que eu não posso fazer. Eu vejo que há uma colaboração comigo. Eu me sinto realizada com isso, com a amizade das colegas de trabalho. Tem colega que a gente não precisa pedir, ela já percebe a situação e já vai ajudando. Isso é importante e eu fico muito feliz. Desde que eu comecei a ter problemas de coluna, tem colega me ajudando e devo muito por isso tudo. É importante saber que você tem amigos de verdade e que ajudariam outras pessoas, mesmo que não fosse eu. Que além de me apoiar, está ajudando a escola, também.

Embora se espere que no ambiente de trabalho, no grupo, exista o respeito às diferenças e colaboração, isso não é simples nem tranquilo e há, nesse sentido, um permanente processo de negociação que pode exigir, por vezes, as habilidades do guerreiro.

Ser eficiente no trabalho constitui apenas um passo em direção à satisfação profissional. O próximo passo é perceber que você é respeitado, valorizado e recompensado por seu trabalho, o que exige habilidade para negociar com seu mundo e influenciá-lo – estabelecer a relação com as outras pessoas e as instituições. (PEARSON, 1997, p. 134)

O importante na educação dos filhos e dos alunos

Tenho dois filhos, dois homens. A educação dos filhos é muito complicada. Primeiramente, os pais têm que ter educação. A educação vem do berço. Não é só na escola ou na faculdade que consegue educação. Existem pessoas que estudaram muito, mas não têm educação para tratar com o outro, nem com o seu colega. Acho que vem de berço. Com toda a dificuldade na vida da minha família (fui nascida e criada na roça)... com todas as dificuldades, tivemos uma boa educação. Saber respeitar os outros, saber tratar as pessoas, saber que tem limite. Meus pais não tinham estudo, mas tinham uma cultura que impunha limite. A criança tem que ter limite. Se os pais não têm limites - e hoje em dia eu não sei, eu vejo muito os pais sem limites, sem educação - como vai dar educação para o seu filho se não teve educação? A criança chega na escola e, muitas vezes, já aconteceu 'isso' ou 'aquilo' com o pai ou com a mãe e da criança, assim, já não tem educação em casa. É muito complicado lidar com a educação, hoje em dia. O que eu passei para os meus filhos foi o que eu aprendi com meu pai e com a minha mãe. Eu passei para eles (independentemente do que eu podia pagar de curso, ou não) foi a 'maneira' que eu os eduquei: conversando muito, tendo diálogo. O dialogo é muito importante. É preciso deixar tudo bem claro, desde pequeno: o que pode e o que não pode o que você tem dinheiro para comprar e o que você não tem dinheiro para comprar, o que você tem condições de oferecer para eles naquele momento e o que você não tem condições.

Na educação dos alunos, eu acharia importante que se investisse um pouco mais. Falta um pouco de investimento na educação dos alunos porque, às vezes, têm coisas que poderiam ser feitas na Unidade Escolar, mas não são feitas porque não se têm condições. Têm coisas que poderiam ser feitas se existisse mais união, as pessoas conversassem mais... tanto o professor, quadro de apoio e direção. Acho que tudo tem que andar junto. Não se pode ir de um lado para o outro, cada um fazendo aquilo que dá na sua cabeça! Outra coisa que eu acho que funciona bem dentro de uma Unidade Escolar é ouvir as pessoas porque todo mundo tem idéias boas para o que precisa ser feito para a escola andar. Se ouvissem mais as pessoas, tivessem mais reuniões, ouvissem e pegassem as opiniões, pode ser que, de repente, aquela opinião ali, o que a pessoa falou ajudasse muito a Unidade Escolar. Como agora, que estamos fazendo um curso para lidar com as crianças com deficiência e estamos vendo que tem coisas que nós, do quadro de apoio, podemos fazer, que vai valer a pena, que vai funcionar. Para isso dar certo,

precisamos ser ouvidos e temos que colocar em prática o que aprendemos. Eu acho que podemos fazer muita coisa na Unidade Escolar. Nós podemos fazer, nós temos idéias, mas precisamos da direção. Precisa do 'cabeça' (Direção). Têm coisas que não são na nossa alçada e precisamos que a direção (que está no comando), nos ouça e nos auxilie para colocar em prática o que estamos aprendendo. Assim, poderíamos ver as coisas melhorarem bastante.

[...] Portanto, é a incapacidade de nosso mundo exterior para atender às nossas necessidades que leva cada um de nós a empreender a jornada a fim de descobrir que temos de assumir a responsabilidade de encontrar e obter aquilo que queremos. Ninguém vai simplesmente dar essas coisas a nós. (PEARSON 1998, p. 113)

No empreendimento da jornada adquirimos novos conhecimentos e que, nesse exemplo, podem servir aos propósitos da escola, particularmente das crianças com necessidades educacionais especiais. O curso citado foi promovido pela Diretoria Regional de Educação Campo Limpo, com foco na atuação específica do pessoal do quadro de apoio, por considerar que são, normalmente, chamados para dar atendimento e despender cuidados com esses alunos. A figura da Direção da Escola, como liderança, é lembrada como aquela que pode favorecer que novas idéias e aprendizagens possam ser acolhidas, circulem e se integrem aos fazeres das pessoas e ao cotidiano da escola.

Com o conhecimento vem a responsabilidade pela criação de ambientes que estimulam o crescimento e a evolução. Aqueles de nós que somos líderes políticos, intelectuais ou organizacionais podem ver facilmente que somos responsáveis pelo ambiente em nossa organização. Contudo, todos ajudam a criar ambientes. Nenhum líder faz isso sozinho. No mínimo, ainda que você se sinta impotente no trabalho, na escola e na maioria de seus ambientes institucionais, você tem um papel fundamental na criação de uma atmosfera na família, em suas relações diárias com seus amigos e colegas de trabalho. (PEARSON, 1997, p. 207-208)

Meu(s) sonho(s)

A gente sonha tanto... Eu sonho, um dia, poder me aposentar e ir embora daqui de São Paulo. Fazer uma casinha no interior, uma casa cheia de varanda em

volta. Não é impossível, mas eu acredito que vai demorar um pouquinho. Não vai se fácil, mas eu acredito que vai ser possível fazer uma casinha que tenha varanda em volta, que tenha lá um lago para poder pescar, criação de galinha, de pato, os animais... e, numa tarde bem bonita, poder ficar deitada numa rede. A gente está trabalhando para isso, não é? Que seja um futuro bem próximo, ter uma casa boa para morar no sítio com meus filhos trabalhando... isso é um sonho! Eles trabalhando e podendo se manter, eu não precisando depender deles e eles não precisando depender de mim, financeiramente.

Não preciso de mais nada (risos) porque eu tenho meus dois filhos caminhando do jeito que está indo, se Deus quiser, vai dar tudo certo (e não tenho nada a reclamar). Meu marido sonhava em ficar aposentado e já se aposentando, mas está trabalhando mais um pouco para poder investir. Acredito que mais um ano e pouco vai dar para ele sair. Eu tenho que trabalhar mais uns quatro ou cinco anos para poder sair e me aposentar. Então, meu sonho é esse!

Um sonho, aqui, próximo de se realizar e a recompensa por uma vida de esforço, de trabalho. Na jornada do Guerreiro e tendo aprendido com suas lutas e desafios, seria o momento em que os pais estão prontos para “suspender a luta” e “saborear a vida que construíram” (PEARSON, op. cit., p. 202). Ao mesmo tempo, marca o início da jornada dos filhos que saem para a vida independente da mãe, da família, na conquista da autonomia aqui representada pela independência financeira (como o esperado, na sociedade em que vivemos).

O trabalho ajuda-nos a encontrar nossa identidade, primeiro porque é a forma das pessoas sobreviverem – na labuta. Quando aprendemos que podemos sustentar-nos, já não precisamos depender dos outros. Além disso, quando encontramos um trabalho – pago ou como passatempo – que expressa nossas almas, nós nos encontramos através daquilo que criamos. Assim, a busca do Nômade é também esforço, produtividade, criatividade. (PEARSON, 1997, p. 106)

O que eu faço no dia-a-dia, o valor do trabalho na escola, o relacionamento interpessoal

Hoje, tem praticamente dois anos que estou auxiliando para servir o lanche para as crianças, ajudando a servir o almoço e nos serviços que são mais leves.

Com o problema de coluna (fiz cirurgia), não posso abaixar e levantar, nem carregar peso. Ajudo a cortar legumes, lavar verduras, frutas e na preparação da merenda. Estou passando por um processo readaptação que não saiu ainda. Fui duas vezes num agendamento e não tinha médico no dia marcado. Servir o lanche, ajudar a olhar as crianças na fila, fazer café, guardar... eu procuro ajudar em tudo que eu posso! Não tenho muita paciência de ver os outros fazerem e ficar sem poder fazer.

Na escola, faço meu trabalho dentro das minhas condições. A comunicação na escola e a possibilidade de acatar idéias das pessoas também nos ajudam. Trabalho é uma colaboração. Trabalhando junto com todo mundo, um colaborando com o outro, facilita. O trabalho na escola, agora, com o pessoal da Interativa, foi muito bom porque eles estão com o serviço externo, mas, do meu ponto de vista, acho que quando nós fazíamos tudo era melhor (em todos os aspectos). Hoje contamos com oito pessoas da Interativa e o trabalho poderia estar 100%. Mas parece que acabam por não fazer tudo da forma que deveriam, mas, sim, como acham melhor.

Meu trabalho é importante, sim. A criança precisa da alimentação bem feita, com capricho. Acho que o que eu faço com esse capricho, com amor, com carinho. Também tem a parte de ajudar no que eles precisam (e na hora do lanche). É importante porque auxiliamos e orientamos como as coisas 'devem ser' e como 'não devem ser'. Se um aluno se machuca você vai auxiliar. Tem muitas coisas no meu serviço que considero importantes.

Para dar uma nota para no meu trabalho (de 0 a 10) é difícil. Vai muito de cada um, do ponto de vista de cada um. O ponto de vista de um não é o do outro. Quando uma pessoa quer que as coisas funcionem direitinho e é uma pessoa organizada, ela se torna uma pessoa enjoada, então, não vai ganhar dez (risos), entendeu? Se a gente fica dizendo 'amém' para tudo, é tão bonzinho, também não está agindo corretamente. Acredito que teriam pessoas que não me dariam dez e nem nove, não, porque não é todo mundo que se simpatiza com a gente. Acho que têm pessoas que não se simpatizam muito comigo, não sei se é porque eu considero que as coisas têm que andar corretamente, ser organizadas e que não podem se 'largadas'. Tem gente que não me daria dez, não! Tem gente que, eu acredito, me daria, talvez, uns seis ou uns cinco, eu acho. Eu acredito que a Direção me daria a nota nove.

Eu me sinto, sim, parte da equipe da escola. Uma vez que estou trabalhando aqui, faço parte da equipe da escola. Mas, existem momentos em que a gente se sente isolada. Eu penso que é importante e quero que aconteçam mais reuniões. Reuniões em que a gente seja ouvida e que seja colocado em prática nossas idéias. Acho isso muito importante. Trabalhando nessa escola a gente vê muita coisa, aprende também... a gente aprende muito. Eu que já passei por outras três escolas (aqui é a quarta escola) e cada uma que você passa é diferente da outra, então, a gente vai aprendendo. Aprendendo a conviver com as pessoas, vendo como elas são, como cada um trabalha, como cada um age, a gente vai prestando atenção, vendo e aprendendo.

Eu me relaciono e me comunico bem, participo de tudo. Com os mais próximos, melhor ainda. É relacionamento mesmo de família, de irmão. Com as colegas que já conhecemos e com quem trabalhamos junto há muito tempo, a gente tem uma consideração mais assim... de coração mesmo. Eu me relaciono bem com as professoras. Aparentemente, percebo que tem umas que gostam de mim, mas eu me dou bem com todas, graças a Deus. Depois que terceirizou ficamos um pouco mais afastadas, também. A Direção já não está tão próxima dos funcionários. Antes da terceirização da limpeza, a gente trabalhava do lado de fora, tinha uma comunicação mais direta, estava sempre ali, junto. Eu acredito que isso distanciou um pouco a direção dos funcionários. Acho que agora os funcionários da escola ficam mais fechados no seu setor. Na cozinha, por exemplo, está todo mundo fechado dentro da dela. Muitas vezes, vamos na secretaria só para assinar o ponto e voltamos para o trabalho. Então, a comunicação, hoje, está um pouco mais distante. É o que estou sentindo: uma comunicação um pouco mais distanciada.

O Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores

O Inter-Escolas era muito bom! Tinha reunião de Pólo, como aquela onde nós fomos e apresentamos uma oficina (no Ipiranga). Aquele dia marcou todo mundo, foi muito importante para nós. A gente dando oficina lá, foi tão interessante que, quando terminou a oficina e no fim de tudo, teve como uma entrevista, não foi? As pessoas fazendo perguntas. Professores de muitos anos pensaram que nos éramos professores e nunca podiam imaginar que éramos agentes escolares. Estavam recebendo tão bem a oficina... Pensaram que a gente era professor e, no fim, foi

muito interessante, foi muito bom mesmo. A gente cresce, até o ego da pessoa levanta e a auto-estima, também. Já dá vontade de estudar mais. Tem gente do quadro de apoio que, mesmo trabalhando, voltou a estudar e já se formou. Por isso acredito que o Inter-Escolas era bom: a gente se reunia, participava das oficinas... com isso você sempre aprende, sempre aprende alguma coisa de bom.

Teve o curso que fizemos com a Helena. Aquele curso ali era muito bom, marcou bem para a gente também, acho que foi ali que teve o teatro da “Isoladinha”. Foi muito interessante e me marcou porque frisou bem o lado da agente escolar, pois muitas vezes acontece aquilo mesmo (o que representamos no teatro). Existem esses tipos de pessoas, como a ‘Isoladinha’, como aquele que ‘leva e trás’, aquele que ‘não aguenta nada ou não pode com nada’. Foi muito interessante porque no quadro de apoio, uns anos atrás (hoje em dia nem tanto), ainda acontecia bastante mesmo, de as pessoas falarem assim (como os personagens). Também foi bom para conhecer como são as pessoas, para aprender a lidar com as pessoas, aceitar do jeito que a pessoa é e entender um pouco mais. Para tentar ajudar a entender que não é tudo como gente quer. Tem que tentar trabalhar junto com aquela pessoa, sem que prejudique todo o grupo, e fazer com aquela pessoa se integre ali, junto com as outras pessoas, para fazer a escola funcionar.

Eu não via incômodo em nenhum dos assuntos do Inter-Escolas e eu gostava do tempo que eu ia. Para mim era bom, eu aprendia (a gente sempre aprende). Alguma coisa tiramos para a gente mesmo. Houve, sim, mudança em mim. Sempre há mudança para quem presta bem atenção no que acontece ali. A gente tira uma lição para a gente mesmo.

[...] À medida que adquirimos mais prática em ficar com nós mesmos, descobrimos que deixamos de ter crises nas quais somos obrigados a abandonar dramaticamente as situações a fim de salvar-nos ou nas quais quase temos de nos matar para reconhecer nossa necessidade de mudança. De fato, em última análise, o Nômade nos ensina a sermos nós mesmos – a sermos verdadeiros com nós mesmos, de momento a momento. Isso requer enorme disciplina e implica estar em contato com o nosso corpo, com o nosso coração, com a nossa mente e com a nossa alma em todos os momentos e relações. Se fizermos isso, não haverá necessidade de grandes explosões. (PEARSON, 1997, p. 99)

Agora, a gente se pergunta se é melhor do que era antes. Se pergunta se passou a compreender mais o próximo, se é mais tolerante, porque, às vezes, nos

tornamos um pouco impacientes. Isso porque tem pessoas com quem você perde a paciência e depois quer voltar atrás. Eu me tornei mais tolerante, mais paciente. Estou falando do trabalho, mas, na minha vida, eu fiquei mais paciente também. Em casa eu sou mais paciente e têm pessoas que percebem isso. Hoje tem gente que gosta de conversar comigo porque eu estou mais paciente para ouvir. Estou entendendo melhor as pessoas. Eu mesma acho isso.

O que eu faço e possui uma dimensão educativa (ou não)

A maneira dos professores ao lidar para as crianças trata diretamente com o educar. O que eu faço e que é diretamente no educar (no meu trabalho) acho que é falar com carinho com a criança. Não adianta ficar gritando com as crianças, que elas não vão entender nada. Falar com carinho, abrir os braços e abraçar as crianças quando eles se aproximam da gente. Sempre abria os braços para dar uns abraços neles. A gente tem que abraçar mesmo, beijar, sabe, com carinho, estar com aquela criança, conversar com ela. Gostamos de conversar com os primeiros estágios na hora do almoço. Eles, muitas vezes, são tão engraçados que fazem a gente rir. A gente acaba rindo deles e, se estamos meio 'para baixo' e eles começam a falar, a aprontar, acabamos rindo. Acho interessante esse contato com as crianças, essa aproximação e, também, tratá-los com carinho, com amor e com respeito. Acho que isso está ligado ao educar.

Atividade(s) realizada(s) fora espaço da escola e que considero importante(s)

Ultimamente, não estou fazendo muita coisa, não. A gente já fez (eu e minha família) e hoje não faz tanto, porque não há necessidade. Por muitos anos ajudamos meu pai e minha mãe. Agora, faz uns dois anos que estamos mais afastados porque já ajudamos muito e meus pais e eles não estão mais aqui (faleceram). Isso foi muito importante e víamos com carinho, com gratificação, com amor... um agradecimento muito grande por tudo o que fizeram (ao nos criar)! Numa situação difícil dos irmãos, na casa deles com qualquer coisa, a gente está sempre ali, junto. Eu mando mensagem de apoio na hora de uma situação difícil. Eu pego o meu celular e ligo. Todas as famílias têm os seus problemas, passam por situações difíceis. Eu acho

que é isso que a gente faz fora da escola. Está sempre se preocupando com o outro e fazendo o que pode para ajudar.

A Jornada do Herói Interior

Jornada	Maior Medo	Maior Virtude
Inocente	ser abandonado	ser verdadeiro e otimista
Órfão	ser explorado	ser interdependente e realista
Mártir	ser egoísta	ser generoso(a)
Guerreiro	ser fraco	ser corajoso e disciplinado
Nômade	deixar de ser autêntico	garantir minha Individualidade e seguir minha vocação
Mago	influenciar negativamente outras pessoas	confiar no meu poder pessoal

Eu acho que o meu maior medo é ser abandonada. Procuo, também ser verdadeira e otimista. É, eu acho que é esse aqui, o Inocente.

O retorno ao Inocente marca, em geral, o início do empreendimento de uma nova jornada, levando, agora, as dádivas e aprendizagens conquistadas. Segundo Pearson (1998, p. 95), o “mito da inocência” ajuda a despertar em nós “a criança pura e inocente que acredita como só uma criança consegue acreditar. É essa “capacidade de ter fé que torna possível nos agarrarmos aos nossos sonhos, esperanças e visões, mesmo quando as circunstâncias parecem ser desfavoráveis e, assim, transformá-los em realidade”.

O ideal é iniciarmos cada novo empreendimento com uma certa inocência – isto é, com sinceridade, otimismo e entusiasmo. Como não sabemos o que está para vir, temos de ter confiança. Quando entramos em cada nova espiral da jornada saímos mais sábios, menos ingênuos do que éramos na jornada anterior. (PEARSON, 1998, p. 95)

Nos caminhos trilhados pelos agentes escolares, podemos conhecer suas experiências, seus relatos do dia-a-dia na escola, o relacionamento com colegas de trabalho, alunos, pais e comunidade, que são únicos, como o da Elvira, da Marlene, da Imaculada e, ao mesmo tempo, representativos de muitas outras histórias. Assim,

nesse capítulo, pudemos saber um pouco mais acerca do pessoal do quadro de apoio, suas jornadas, a jornada interior.

No cotidiano, na realização de um trabalho praticamente invisível dentro da escola para nós e para a maioria daqueles que compartilham horas de trabalho no mesmo espaço, também e possivelmente para instâncias mais amplas como a própria municipalidade, há um agir, ser, sentir, pensar, sonhar, um relacionar-se com outro e consigo mesmo, na reflexibilidade do sujeito (conforme nos indicou Castoriadis ao iniciarmos esse percurso); saberes são construídos, organizados e reorganizados, permanentemente, na espiral da jornada do herói, como dádivas.

A jornada do herói se inicia quando uma circunstância, um chamado apela, irresistivelmente, para que a pessoa a empreenda. Quando julga concluída sua obra e por se encontrar no auge da mesma, descobre-se iniciando uma nova jornada heróica, como se algo ainda não tivesse sido concluído ou realizado plenamente em sua vida. Nesta fase, o herói poderá se assemelhar mais a um sábio, que precisará empreender sua jornada para dentro, para seu próprio combate interior, rumo à continuidade de seu processo de individuação, agora, mais do que nunca, tentando se livrar da situação de “sujeitado” para assumir-se como “sujeito”.

Assim, na jornada do herói, para buscar essa dádiva, é preciso adentrar as profundezas do si mesmo e resgatá-la, o que, segundo Campbell (2008, p. 143), “pode ser mais difícil”. O resgate diz respeito ao retorno do herói, agora trazendo consigo novos saberes e experiências. As habilidades, os conhecimentos adquiridos precisam ser compartilhados e, nesse momento, ainda segundo o autor (op. cit., p. 143), é que nos deparamos com o que denominou “atitude pedagógica”, a qual compreende o estabelecimento de um vínculo com a sociedade, de modo a transmitir uma mensagem, o que aprendemos na jornada, a compartilhar o tesouro com os outros, com a sociedade.

A coragem de enfrentar julgamento e trazer todo o novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência interpretável, para serem experimentadas por outras pessoas – é essa a façanha do herói. (CAMPBELL, 2002, p.43-44)

Nos relatos apresentados, ficou claro que esse “click” foi proporcionado pelo projeto de formação, muito mais pelo apelo à sensibilidade e pelo respeito à personalidade de cada participante que proporcionou, do que pelas práticas de

treinamento que pudesse oferecer. A partir dessa experiência, as três agentes entrevistadas foram unânimes em dizer que se tornaram uma pessoa melhor, mais consciente de seu papel na instituição e, mais ainda, com a certeza de que o momento presente é apenas uma etapa na jornada que empreendem. Muito ainda lhes reserva a vida e é essa busca que continua a estimulá-las.

A partir das entrevistas, observamos claramente que Elvira, Imaculada e Marlene perseguem seus mitos pessoais, planos e projetos que, ao longo da jornada, buscam meios de realizar. As primeiras com muito mais ênfase nas questões relacionadas à família e a Marlene, com foco na educação, almejando, agora, dedicar-se a essa área, especificamente. De alguma forma, também, esses caminhos comportam a comunidade de um modo mais amplo (não se restringe à escola), com ações voltadas ao cuidar e, até mesmo, ao educar, quando falamos de atividades como a da Pastoral da Criança, a de cuidados com os doentes e outras que, habitualmente, realizam. Percebe-se, então e fortemente, por que foram "tocadas" pelo projeto de formação: as ações de educar, de cuidar, de agregar fazem parte da vocação, do destino, do caráter, do chamado (o *daimon*) dessas pessoas. Relembrando Hillman (1997, p. 51), *daimon* que é uma imagem única, constituindo-se na essência da vida e a chama para um destino. Provavelmente, o fato de trabalharem em uma escola não tenha sido por conveniência ou por coincidência, mas em atendimento a esse chamado...

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ciclo completo, [...] exige que o herói inicie o trabalho e traga de volta as runas da sabedoria, o Velocino de Ouro, ou sua princesa adormecida de volta ao reino da humanidade, onde a dádiva possa ressoar à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos.

Joseph Campbell

Chegamos a um momento que pode ser compreendido, talvez, como o de situar-se na espiral da jornada do herói. De Inocente a Órfão, de Órfão a Guerreiro, de Guerreiro a Mártir, de Mártir a Mago não necessariamente nessa ordem e nem obedecendo a uma linearidade, mas com todas as jornadas e os arquétipos que as representam, ativos e presentes, com maior ou menor ênfase, maior ou menor grau, num dado momento da nossa vida, da nossa história (nesse movimento em espiral).

As primeiras voltas através da espiral exigem tempo e energia. São experimentadas como trabalho árduo. Todavia é mais ou menos como andar de bicicleta; depois que pegamos o jeito, a coisa acontece naturalmente. À medida que aprendemos as lições que são os dons de cada arquétipo, eles se tornam parte natural de nosso ser. Não abandonamos a jornada do herói, mas ela se torna a tal ponto uma parte de nós que deixamos de ter consciência dela. Concentramo-nos no desafio seguinte – jornadas que podem ser bastante diferentes, na substância e na forma, da jornada do herói. (PEARSON, 1997, p. 202)

O encontro com os arquétipos assemelha-se, conforme Pearson (op. cit., p. 42), à imagem do ato de redecorar uma casa. “Começamos a mudar uma casa parcialmente mobiliada com atitudes, crenças e hábitos transmitidos pelas nossas famílias e pela nossa cultura”. Certas pessoas não voltam para suas casas, assim podem deixar de “desenvolver uma identidade, um estilo próprio”. Os que empreendem, no entanto, suas jornadas, “mobíliam suas casas e o fazer em ‘ritmos’ e numa ordenação, diferentes um do outro”. Certas pessoas

[...] mobíliam um quarto por vez, terminando-o e passando para o seguinte. Outras podem fazer um pouquinho em cada cômodo, pintam a casa inteira e então colocam todas as cortinas etc. algumas pessoas terminam rapidamente, enquanto outras são mais calmas em seu trabalho, naturalmente, essa casa psicológica é um tanto diferente da maioria das casas, pois alguns cômodos não podem ser terminados enquanto você não trabalhar um pouco o(s)

cômodo(s) adjacente(s). Embora as pessoas explorem suas tarefas de aprendizado nas seqüências mais diversas, os arquétipos são inter-relacionados e interdependentes. Em última análise, não concluímos nenhum deles enquanto não concluímos todos. Ademais, assim como acontece na reforma de uma casa, a tarefa nunca chega realmente ao fim. Sempre que você pensa ter completado a decoração, percebe inevitavelmente que o sofá, primeiro objeto comprado, está surrado, ou o papel de parede está rasgado, e lá vai você de novo! (PEARSON, 1997, p. 42-43)

Numa analogia a essa metáfora, talvez pudéssemos aqui considerar que a realização do Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores, trazendo, em especial, a formação para o pessoal do quadro de apoio, tenha provocado/desencadeado a necessidade de rever a “casa” e seus “cômodos”, tenha alertado algumas pessoas para a observação do “sofá” que precisava ser trocado ou, ainda, reforçado que as “mudanças” ou “reformas” feitas estavam apropriadas. “Os níveis mais profundos de compreensão e atuação de quaisquer arquétipos, condicionam-se, também ao aprofundamento do nosso investimento nos outros” (PEARSON, op. cit., p. 42).

Todo um capítulo foi dedicado a apresentar parte do que aconteceu ao longo do desenvolvimento desse projeto, como os desafios, obstáculos que foram superados e, por vezes, que promoveram novas formas de olhar para o outro e para si, para o reconhecimento de limites e, mais ainda, de potencialidades. Nesse ínterim e mobilizados, muitas vezes, por maior auto-confiança, Agentes Escolares, Vigias, Auxiliares Administrativos voltaram a estudar e, mesmo para os que não voltaram, outras questões foram mobilizadas.

Embora, aqui, tecendo as considerações finais, não poderia deixar de relatar uma breve passagem: próximo à data em que deixaria a direção da EMEI Janete Clair, no início de 2005, e com o pessoal do quadro de apoio engajado nas reuniões de planejamento, no início do ano, e juntos com as professoras, passamos, nesse encontro, para a leitura de um texto, cujo tema era a “infância”. Habitualmente, fazíamos uma leitura compartilhada e, voluntariamente, as pessoas liam um ou mais parágrafos, depois outro, depois outro... até o final do texto. Nem sempre essa leitura seguia uma linearidade (uma após a outra) definida pela própria formação em que costumávamos nos sentar, um círculo. Muito bem, voltando nesse dia, as pessoas foram lendo os trechos do texto, aleatória e voluntariamente. Qual não foi minha surpresa ao observar que, espontaneamente, as agentes escolares foram

tomando a palavra, entre um ou outro professor e, ao final, a maioria das pessoas a terem lido o texto, foi de agentes escolares. A Elvira (que lê muitíssimo bem), a Marlene, a Imaculada e outras agentes. Só observei, não comentei e, verdadeiramente, me emocionei. Guardo esse momento na lembrança como um presente, uma dádiva que nesse dia recebi. Não há um mérito nisso que deva ser medido, avaliado nos modelos que se fundam numa lógica técnico-racional. É muito mais, é apenas para sentir, para ser. Esse episódio, certamente, integra muito mais a minha própria jornada do que qualquer outra coisa que possa ser dita ou pensada a respeito.

O Projeto Inter-Escolas, como tudo o mais, existe/existiu num contexto, situado no tempo e espaço e para pessoas. Poderia dizer que, hoje, ainda existe, mas com outro formato, num grupo de escolas que passou de três para dez e, com essa mudança, outras se colocaram. Mudanças a partir dos olhares, das crenças, das lideranças de diferentes escolas, na sua própria organização e outras. Não há a pretensão aqui de adentrar o projeto nos dias de hoje e/ou julgar sua proposta atual (mesmo porque foi estabelecido claramente qual período serviria a essa pesquisa), mas, sim, dar um foco no que as agentes escolares acabaram por indicar nos seus relatos. Nesse aspecto, o que temos hoje são encontros com os professores que serão reavaliados para sua continuidade, ou não. Temos, ainda, que o pessoal do quadro de apoio não mais participa de ações de formação, como no período apresentado nessa tese. Seja com os professores, em encontros planejados para o grupo ou mesmo em algumas reuniões da escola, como as do início do ano para o planejamento e organização inicial das atividades do período letivo. Isso é bom ou não? O que temos, sem entrar nesse mérito, é o que foi apontado nos relatos da Elvira, pela Marlene e Imaculada: “que era muito bom para a gente”, “que deveria ter esse incentivo”, que é uma “pena não ter a continuidade do projeto”.

As jornadas apresentadas por Pearson (1997, p. 206) “constituem-se numa descrição” e não são “normativas” nem “previsíveis”. Podem, no entanto, mostrar uma forma de progresso que permite dar nomes às experiências pelas quais as pessoas passam na sua jornada em direção ao *self* como “experiência total de integridade” que se dá “ao longo de uma vida inteira” – o surgimento do si mesmo na estrutura psicológica e na consciência – conceituada por Jung (apud STEIN, 2006, p. 153) como sendo o processo de individuação.

A opção por adentrar em parte das jornadas do herói interior do pessoal do quadro de apoio das escolas nos possibilitou, ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, conhecer um pouco mais sobre essas pessoas que, de alguma forma, fizeram/fazem parte do cotidiano das escolas, interagem com outras pessoas e conosco, possivelmente, fazendo parte de diferentes histórias de vida (de cada um de nós) e da própria sociedade, embora, muitas vezes, não emergentes à nossa lembrança.

São Agentes Escolares, Vigias, Auxiliares Administrativos com quem algum dia tivemos contato na escola em passagens do cotidiano, na hora do intervalo, ao ensaiar uma peça de teatro e correr para pedir água na cozinha, objetos emprestados, pedir para emprestar uma cadeira, uma mesa, para pedir uma repetição do lanche, um pouco mais de suco, para deixar que um colega entre na escola junto conosco; para nos chamar atenção nos momentos efusivos, de correria e gritaria nos amplos espaços da escola, para nos mandar lavar as mãos depois de vir correndo do parque cheios de areia... para mediar as brigas com colegas etc. e que, agora, podemos lembrar.

Como já indiquei, são pessoas que, para a estrutura das organizações educativas e sistemas, são invisíveis e para as quais, praticamente, inexistem um olhar cuidadoso sobre seus fazeres, modos de ser, sentir e pensar, suas interações e seus limites e possibilidades. Para quem quase nada do que se coloca hoje como tarefa da escola lhe diz respeito, embora estejam permanentemente envolvidos no processo de troca que se dá, no nível do imaginário, entre “as pulsões subjetivas e assimiladoras” e as “intimações do meio cósmico e social” (trajeto antropológico). (DURAND, 1997, p. 41)

O trajeto antropológico é o circuito onde acontecem essas trocas, é onde estão inseridas as produções imaginárias de grupos que educam e se organizam. É nessa trajetividade que Paula Carvalho (1990, p. 231) situa o que denomina “educação fática” que, entre outros aspectos, diz respeito à “formação de sensibilidades”. As práticas simbólicas-organizacionais existentes na escola, segundo o autor, fazem circular e articulam os conteúdos de uma “praxis social”, considerando diferentes dimensões (“estética”, “holonômica” ou integrativa, “ética” e “re-ligiosa”), possibilitando, ainda, o reconhecimento das práticas de um grupo em seu caráter plural, ao mesmo tempo, de integração.

Quando nos referimos à presença do quadro de apoio nas escolas e suas práticas, é preciso considerar, indubitavelmente, que seus modos de ser, pensar, sentir e agir (suas subjetividades, suas jornadas) e as interações que se estabelecem entre as pessoas exercem uma influência no cotidiano da vida na escola, ao mesmo tempo, num processo recursivo²² e de reciprocidade.

Tendo por objetivo, nessa pesquisa, conhecer/apreender um pouco sobre quem são os sujeitos - que atuam no quadro de apoio das escolas - considerando o referencial teórico, uma ação denominada Projeto Inter-Escolas de Formação dos Educadores, narrativas, relatos, histórias pessoais, olhares, modos de ser pensar, agir e sentir, vivenciadas em suas jornadas – a do herói interior e no universo de possibilidades que isso representa -, acredito que tenhamos alcançado o objetivo inicialmente traçado e chegado ao fim dessa pesquisa. Mais precisamente e como colocou C. Pearson (1997), ao fim de uma “reforma que foi feita na casa” e que é provisória, pois logo teremos que renovar outros ambientes, outros cômodos... na jornada que empreendemos, a jornada do herói interior!

Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir quem somos. (Moyers citando sua leitura das Máscaras de Deus e o Herói das Mil Faces, de Campbell, apud CAMPBELL, 1990, p. 5)

Nos caminhos trilhados pelos agentes escolares, suas experiências, seus relatos do dia-a-dia na escola, o relacionamento com colegas de trabalho, alunos, pais e comunidade são únicos, como o da Elvira, da Marlene, da Imaculada e, ao mesmo tempo, representativos de muitas outras histórias. Assim, nesse capítulo, pudemos conhecer um pouco mais acerca do pessoal do quadro de apoio, suas jornadas, a jornada interior.

No cotidiano, na realização de um trabalho praticamente invisível dentro da escola para nós e para a maioria daqueles que compartilham horas de trabalho no mesmo espaço, também e possivelmente, para instâncias mais amplas como a própria municipalidade, há um agir, ser, sentir, pensar, sonhar, um relacionar-se com

²² De acordo com E. Morin, uma relação simultânea de complementaridade, concorrência e antagonismo. (MORIN, 2002, p. 231)

outro e consigo mesmo, na reflexibilidade do sujeito (conforme nos indicou Castoriadis ao iniciarmos esse percurso) e no qual saberes são construídos, organizados e reorganizados, permanentemente, na espiral da jornada do herói, como dádivas.

Na jornada do herói, conforme mencionei no capítulo anterior, segundo Campbell (2008, p. 143), para buscar a dádiva é preciso adentrar as profundezas do si mesmo para resgatá-la e depois trazer consigo novas habilidades e conhecimentos para serem compartilhados e, nesse momento, ainda segundo o autor, que acontece a “atitude pedagógica”.

É essa atitude pedagógica que os relatos permitiram observar, não aquela realizada *strito sensu* dentro da sala de aula, mas a que propicia, como quer Morin (2002), o entendimento do que é *complexus*, ou seja, o que é tecido junto pelas pessoas dentro do grupo.

Se os grupos são sistemas simbólico-organizacionais que tecem redes de relações, teias de significados que atribuem significado à sua existência e cuja função é organizar os grupos e educar, então podemos dizer que as práticas desenvolvidas pelos agentes escolares são, necessariamente, organizacionais e educativas. (Paula Carvalho, 1991)

Assim, como quer o autor, a educação, como prática social, é a prática simbólica basal que sutura as demais práticas simbólicas. É ela um elemento de coesão e integração no universo social polarizado. E isso ficou claro nas falas das agentes: a percepção da mudança do papel educativo que desenvolvem nas escolas.

O que estamos buscando? Realizar aquilo que é o potencial em cada um de nós. Essa busca não é uma viagem egóica, é uma aventura para realizar a sua dádiva (dom) ao mundo: você mesmo. (Joseph Campbell apud KUDLER, 2008, p. 131)

REFERÊNCIAS

ANZIEU, Didier. **O Grupo e o Inconsciente: o imaginário grupal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

BOECHAT, W. **A Mitopoese da Psique: mito e individuação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CAMARGO, Dayse. **Jung e Morin: crítica do sujeito moderno e educação**. São Paulo: Xamã, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. **O Herói das Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 1995.

DAVID, K. (org.) **Mito e Transformação / Joseph Campbell**. São Paulo: Ágora, 2008.

COUSINEAU, P. (org.) **A Jornada do Herói: Joseph Campbell vida e obra**. São Paulo: Ágora, 2003.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1988.

_____. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

ENRIQUEZ, Eugène. **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ELIA, Luciano. **O Conceito de Sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

HILLMAN, James. **Encarando os Deuses**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

_____. **O Código do Ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 1997.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, Vozes, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. **No Fundo das Aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. **O Elogio da Razão Sensível**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. **O Conhecimento Comum: introdução à sociologia compreensiva.** Porto Alegre, Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido: a natureza humana.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

_____. **O Problema Epistemológico da Complexidade.** Sintra: Publicações Europa-América, 1996.

_____. A Noção de Sujeito in SCHNITMAN, Dora Fried (org.). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Ciência com Consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª Ed., 1998.

_____. **O Método 1: a natureza da natureza.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **O Método 3: o conhecimento do conhecimento.** Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **A Cabeça Bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar.** Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. **O Método 5: a humanidade da humanidade.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

PAULA CARVALHO, José Carlos de. **Antropologia das Organizações e Educação: um ensaio holonômico.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **A Culturanálise de Grupos: posições teóricas e heurísticas em educação e ação cultural.** Ensaio de Titulação (Antropologia das Organizações e da Educação), São Paulo: FEUSP, 1991.

_____. **Mitocrítica e Arte.** Londrina: Editora UEL, 1999.

PEARSON, Carol S. **O Herói Interior: os arquétipos que orientam nossa vida.** São Paulo: Cultrix, 1997.

PEARSON, Carol S. **O Despertar do Herói Interior.** São Paulo: Pensamento, 1998.

PITTA, Danielle P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

PORTO, Maria do Rosário S. **Escola Rural: cultura e imaginário.** Tese de Doutorado. São Paulo: FEUSP, 1994.

_____. **Complexidade Social e Cultura Escolar.** Cadernos de Educação, Cuiabá, UNIC, Vol. 0, n.º 1, 1997.

PORTO, Maria do Rosário S.; TEIXEIRA, Maria Cecília S. **Perspectivas Paradigmáticas em Educação.** Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 21, n.º 1, 1995.

SCHNITMAN, Dora Fried (org.) **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

STEIN, M. **Jung: o Mapa da Alma.** São Paulo: Cultrix, 2003.

SUANO, Helenir. **Cultura e Imaginário Sócio-Organizacional: Um Estudo Sócio-Antropológico no Universo de uma Organização Educativa.** Tese de Doutorado. São Paulo, 1993, v. 1.

TEIXEIRA, Maria Cecília S. **Antropologia, cotidiano e educação.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **Cultura Escolar e Ritualização na Escola. Cadernos de Estudos e Pesquisas,** São Paulo: UNIP, v. 4, nº1, 1998.

TEIXEIRA, Maria Cecília S. e PORTO, Maria do Rosário S. (org). **Imaginário, Cultura e Educação.** São Paulo: Plêiade, 1999.

ZWEIG, C.; ABRANS, J. (orgs). **Ao Encontro da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana.** São Paulo: Cultrix, 1991.